

Coleção
Documentos

80

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA: ESTUDOS DE CASO

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSOFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ATENTADOS CONTRA
GOVERNANTES E IMPRENSA
ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPrensa ILUSTRADA BRASILEIRA: ESTUDOS DE CASO



- 80 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2023

Ficha Técnica

Título: Atentados contra governantes e imprensa ilustrada brasileira: estudos de caso

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 80

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: *Assassinato do general Venâncio Flores* (A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 7 mar. 1868)

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2023

ISBN – 978-65-89557-74-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

As derradeiras décadas dos Oitocentos e as iniciais dos Novecentos tornaram-se um período fértil em atentados contra chefes de Estado, nos quais, por vezes tais homens públicos conseguiam escapar ilesos ou feridos, mas, em outros casos, resultavam em regicídios ou assassinatos de Presidentes da República. A imprensa exerceria um papel essencial na divulgação desse tipo de crime, trazendo ao seu público leitor uma versão normalmente laudatória, com destaque para os considerados “feitos” dos mortos, os quais na maior parte das vezes eram apresentados sob um prisma vinculado à heroicização. A partir de tal enfoque, a morte aparecia com um caráter simbólico, ritual e memorialístico, voltada a fixar a imagem do falecido, considerado em linhas gerais como um “grande homem” e um “líder incontestado” que teria feito o papel de “guia” de seus súditos ou eleitores, sofrendo o martírio na defesa dos interesses deles.

Nesse sentido, os assassinatos políticos assumiam o papel de uma trama, cujo fundo trazia consigo uma função didática de propalados ensinamentos quanto à condutas e exemplos de natureza moral e cívica. A questão fundamental era apontar os riscos de possíveis rupturas institucionais, as quais eram plenamente identificadas com os atentados aos chefes de Estado, uma vez que os mesmos teriam consigo a representação do *status quo*, comumente associado à manutenção da estabilidade e da normalidade. A criação imaginária em torno do governante como uma espécie de simbologia de nação, realizada em larga escala pela imprensa periódica, trazia junto a ela a perspectiva pela qual o ataque ao homem público significaria também, por extensão, um atentado contra o conjunto da nacionalidade.

Assim, o líder morto, fosse rei ou presidente, indiferentemente à forma de governo, surgia nas páginas dos periódicos como verdadeiro baluarte, supostamente ungido pelo apoio popular, independente se oriundo de resultados eleitorais, ou mesmo direitos hereditários. Em tais registros a autoridade governamental estaria a transcender a própria humanidade, ascendendo a uma categoria forçosamente atrelada à heroicidade. Havia então o protagonismo desses chefes de Estado, que passavam a ser alocados na categoria de heróis nacionais e mártires em nome da causa pátria. Nessa linha, a abordagem jornalística assumia uma espécie de enfoque biográfico, muitas vezes confundido com as criações textuais entabuladas em torno daquilo que era considerado como as descrições da vida daqueles que por convenção eram denominados de “grandes homens”, ou ainda, quase beirando a hagiografia.

Ao repercutir sobre tais assassinios os periódicos brasileiros cumpriram uma função fundamental ao tratar-se da morte, mormente no caso de governantes, vinculada à publicidade do evento¹, a qual promovia um verdadeiro culto à memória do morto², garantindo-lhe uma espécie de sobrevivência, avolumada no caso de personagens considerados ilustres³. Na grande maioria das vezes os textos eram construídos em tons encomiásticos e por vezes até louvaminheiros. Na mesma linha, o uso da imagem – a qual serve

¹ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

² ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

³ GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

para identificar este ou aquele objeto, esta ou aquela pessoa, esta ou aquela profissão, atribuindo-lhe um certo número de qualidades socioculturalmente elaboradas⁴ –, mormente no caso da reprodução iconográfica de homens públicos, fazia com que eles chegassem a assumir o papel de verdadeiros retratos do Estado. Tal edificação dava-se como um teatro e na qualidade de representações públicas de um eu idealizado⁵, corroborando igualmente com a criação de estereótipos em torno da vítima do atentado, servindo à fixação de suas ações e suas feições junto à memória coletiva.

⁴ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 21.

⁵ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017. p. 107.

ÍNDICE

O regicídio português e jornais ilustrados fluminenses e paulistas / 13

Atentados contra chefes de Estado na imprensa ilustrada brasileira / 185

O REGICÍDIO PORTUGUÊS E
JORNAIS ILUSTRADOS
FLUMINENSES E PAULISTAS

Dentre os atentados cometidos contra chefes de Estado, um dos que mais repercutiu no Brasil foi o regicídio português. Das raízes históricas, tradições e língua em comum no âmbito luso-brasileiro, além da presença de numerosa colônia lusa no país tropical, adveio um forte intercâmbio de informações que, de lado a lado, ultrapassavam a barreira oceânica para satisfazer os interesses e curiosidades nas duas margens do Atlântico. O assassinato do rei lusitano D. Carlos e de seu filho e sucessor direto Luís Filipe teve amplo impacto em meio aos brasileiros e a imprensa teve um papel fundamental na difusão de informes e opiniões a respeito do crime. Jornais e revistas divulgaram em detalhes o assassinio ocorrido em terras portuguesas, em linhas gerais lastimando o ocorrido e promovendo a ideia de solidariedade plena da nação americana para com a europeia.

O primeiro dia de fevereiro de 1908 foi decisivo para os destinos de Portugal, pois a monarquia já cambaleante, ameaçada por pesada e duradoura crise político-partidária-institucional e socioeconômica-financeira, sofreria um golpe inexorável, uma vez que a morte de um monarca que ainda poderia ter um período prolongado de reinado e daquele que lhe sucederia imediatamente, colocou no poder um novo soberano extremante jovem e inexperiente, de modo que a forma monárquica somente conseguiria perdurar pelo breve período de pouco mais de dois anos. Naquela data, retornando de viagem ao interior, a Família Real desembarcou em Lisboa, mas a carruagem que lhes transportaria foi interceptada pelos regicidas que abriram fogo contra os ocupantes do veículo. Resultaram mortos o rei, o seu filho, os autores do atentado, além de um

inocente, eliminado igualmente pela polícia. A respeito do assassinato permaneceria certa penumbra quanto às suas efetivas motivações e mesmo no que tange aos mandantes, com insinuações que implicaram anarquistas, republicanos e mesmo monarquistas⁶.

Tal evento⁷ teve ampla repercussão em meio à imprensa mundial, ocupando lugar de destaque nos jornais de grande parte dos países, mormente os europeus, em sua maioria ainda monárquicos e que observavam no

⁶ MONICO, Reto. O regicídio de Lisboa. In: ALVES, Francisco das Neves & MONICO, Reto. *O regicídio português nas páginas da imprensa rio-grandina*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016. p. 13.; e MONICO, Reto. A tragédia do Terreiro do Paço na imprensa rio-grandina (fevereiro de 1908). *Historiæ*, Rio Grande, 7 (1), 2016, p. 180-181.

⁷ Sobre o regicídio português, ver: ALMEIDA, Antônio Ramalho de. *O regicídio: um crime mais que perfeito*. Porto: Fronteira do Caos, 2008.; BRANDÃO, José. *Portugal trágico: o regicídio*. Lisboa: Âncora, 2008.; CARRAPATO, Júlio. *O regicídio, o 5 de Outubro de 1910, a I República portuguesa e a intervenção anarquista*. Faro: Editora Sotavento, 2011.; CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de. *Prenúncios de mudança: do 31 de janeiro ao regicídio*. Matosinhos: QuidNovi, 2010.; CASTRO, Aníbal Pinto de. *O regicídio de 1908: uma lenta agonia da história*. Porto: Livraria Civilização, 2008.; CHOUZAL, Bernardo. *Regicídio e regnicídio: o crime do Terreiro do Paço: um ano depois*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1909.; EVANS David & CANAVEIRA, Manuel Filipe (coords.). *Regicídio e República: olhares britânicos e norte-americanos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010.; HENRIQUES, Mendo Castro et al. *Dossiê regicídio: o processo desaparecido*. Lisboa: Tribuna, 2008.; MORAIS, Jorge. *Regicídio: a contagem decrescente – monárquicos, republicanos e carbonários na preparação do atentado de 1º de fevereiro de 1908*. Sintra: Zéfiro, 2007.; PAILLER, Jean. D. Carlos I, rei de Portugal: destino maldito de um rei sacrificado. 2a ed. Lisboa: Bertrand, 2002.; RAMALHO, Margarida Magalhães. *1908: um olhar sobre o regicídio*. Lisboa: Sextante Editora, 2008.; REGO, Manuela (coord.). *1908: do regicídio à ascensão do republicanismo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.; SALGUEIRO, Jerônimo *O regicídio e seus fatores perante a história*. Braga: Imprensa Bracarense, 1909.; e SAMARA, Maria Alice & TAVARES, Rui. *O regicídio*. Lisboa: Tinta-da-China, 2008.

acontecimento luso os riscos pelos quais passavam os soberanos⁸. No jornalismo brasileiro também ocorreu uma mobilização pela busca de informações a respeito do ocorrido, havendo igualmente perplexidade diante do inusitado crime. Além das profundas relações luso-brasileiras, outro fator que chamou atenção no regicídio foi a anunciada visita que D. Carlos iria fazer ao Brasil naquele ano de 1908, por ocasião das comemorações do centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas e que constituiria o auge do processo de reaproximação entre Brasil e Portugal, que tinham passado por um processo de desestabilizações diplomáticas à época da implantação da República Brasileira. Informes, interpretações e opiniões acerca do assassinato real se multiplicaram em meio às folhas impressas dos representantes do jornalismo brasileiro⁹. Dentre tais periódicos, alguns utilizaram-se das imagens para complementar suas construções textuais. Por meio da impressão tipográfica e/ou litográfica, apesar das limitações técnicas que ainda se impunham, trazendo por vezes resultados gráficos de pouca qualidade – mormente quanto à inserção de fotografias –, esses jornais buscavam ampliar o impacto de suas matérias através do conteúdo iconográfico, o qual contava com a apreciação do público leitor. Este estudo de caso aborda jornais fluminenses e paulistas que lançaram mão do recurso imagético para divulgar o ambiente que cercou o regicídio luso.

⁸ VIEIRA, Joaquim & MONICO, Reto. *Mataram o rei! – o regicídio na imprensa internacional*. Almoçageme: Pedra da Lua, 2017. p. 15.

⁹ Acerca da imprensa brasileira na época ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.; e MATTOS, José Veríssimo de. A imprensa. In: ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. *Livro do centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 1. p. 31-71.

A Capital foi editada na cidade fluminense de Niterói e circulou de 1902 até a década de dez do século XX e se anunciava como um “órgão dos interesses do Estado do Rio de Janeiro”. Dizia que atuaria “com independência absoluta”, a partir da “sinceridade dos jornalistas que nele trabalham”, do “muito amor que lhes merece a terra fluminense” e da “confiança sem hesitações que depositam no apoio duradouro com que o povo ampara e fortalece os empreendimentos em que o bem da coletividade pretere quaisquer conveniências de caráter individual”. Garantia que sua direção trabalharia com base na “emancipação de preconceitos partidários ou pessoais” e que seus colaboradores emprestariam ao jornal “a fulguração de seu talento e a fortaleza de seu prestígio, uns aclamados na esfera agitada da política, outros gloriosos nas lides do jornalismo e das letras”. Propunha-se a uma “grande luta pelo Estado”, o que seria “o mesmo que dizer pela República e pela pátria”, utilizando-se para tanto de todas as suas “armas”¹⁰.

A respeito do regicídio, *A Capital* afirmava que “Portugal, a nossa melhor amiga entre as nações, berço de nossos avós” cobrira-se “de luto”, pois “lhes mataram o rei e o príncipe herdeiro”, com “alguns tiros de revólver e carabina, desfechados por bandidos”. Demarcava ainda que havia muito que se agravava “numa crescente proporção assustadora a situação política de Portugal”, em um quadro pelo qual “a luta dos partidos foi cruel”. Opinava que os “mais exaltados propagandistas” republicanos, “naturalmente apaixonados e ignorantes, esquecendo-se de que à República repugna o vandalismo”, teriam armado “o

¹⁰ A CAPITAL. Niterói, 13 fev. 1902.

braço de sicários estrangeiros à pátria, encarregando-os de eliminar a augusta família”. Especificava também que se tratava de uma “tristíssima página para a história contemporânea, que, em vez de registrar as esplêndidas e merecidas homenagens” que o soberano luso viria a receber em sua visita ao Brasil, teria “de descrever o miserável assassinato desse ilustre homem de Estado, vítima do exato cumprimento dos deveres que lhe cabiam”. Nesse sentido, dizia que “os nihilistas infestam a Europa inteira”, de maneira que D. Carlos sofrera “as consequências do anarquismo”. Afirmava ainda que o Brasil se cobria “de luto pesadíssimo”, estando os brasileiros a sentir “profundamente a dor que a esta hora aflige a valente nação amiga”, dedicando o periódico “as suas sinceras condolências à digna família portuguesa”. Em diferentes edições, na primeira página apareciam os retratos de D. Carlos e D. Manoel e, em termos iconográficos, *A Capital* dedicou uma alegoria, com “A nossa homenagem”, na qual uma dama pranteava a morte dos nobres assassinados, além de registros fotográficos de membros da Família Real e de detalhes do cotidiano do soberano morto¹¹.

¹¹ A CAPITAL. Niterói, 3 fev. 1908, 5 fev. 1908 e 8 fev. 1908.

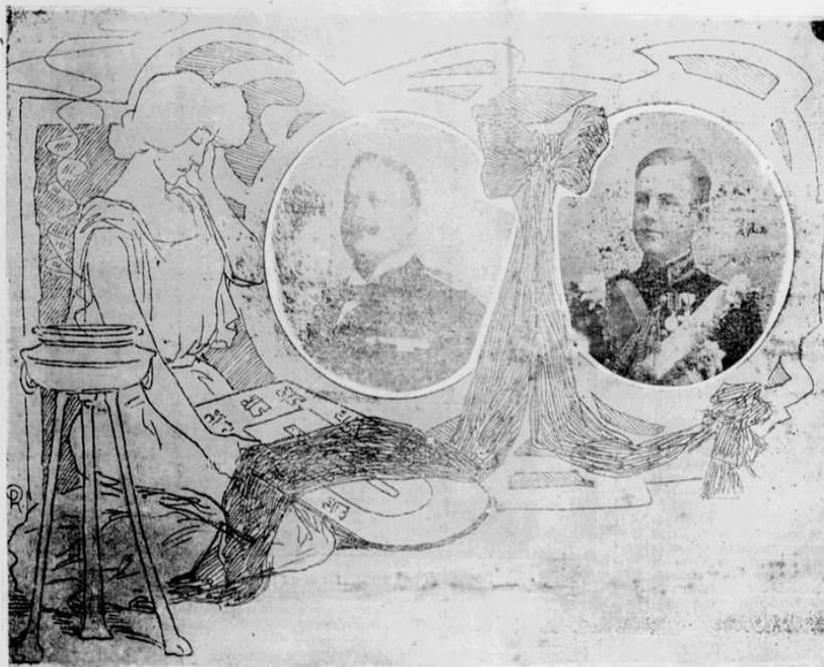
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A NOSSA HOMENAGEM



D. CARLOS I — D. LUIZ PHILIPPE, príncipe herdeiro



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





D. Luiz 1º, rei de Portugal e dos Algarves, pai de D. Carlos

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A rainha Maria Pia, filha de Victor Manoel II e mãe de Carlos 1°



O duque de Bragança, depois D. Carlos, aos 25 annos

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O rei Humberto. A rainha Maria Pia. A rainha Margarida. O príncipe de Nápoles. O príncipe Afonso. O príncipe Carlos.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





D. Carlos na inauguração de uma ponte

O *Comércio de São Paulo* foi publicado na capital paulista entre 1893 e a primeira década do século XX, e, conforme seu próprio título, pretendia trazer uma “seção comercial” que fosse “o registro fiel e regulador do movimento exato do importante comércio da nossa praça e da de Santos, abrangendo a importação e exportação deste movimentado porto marítimo”, bem como “o tráfego das nossas estradas”, entre outros temas. Tinha por escopo manter correspondentes no Rio de Janeiro e em várias capitais europeias¹². Além disso, pretendia “romper a rotina do jornalismo provinciano”, de modo “a emergir logo da obscuridade para um lugar na imprensa brasileira”, cumprindo as missões de “satisfazer a curiosidade pública, ministrar informações” e “trazer à estampa opiniões que o público desejava conhecer”¹³.

De acordo com a folha paulistana, o “duplo assassinato” luso “dolorosamente repercutiu no seio do povo brasileiro e, notadamente, no do povo paulista”, ligando-os “à mágoa, à dor, ao luto do povo português”. Comentava que “o regicídio, como obra do anarquismo, de há muito que vem ceifando vidas preciosas e enlutando as nações do velho continente”. Considerava ainda que “as facções adversárias ao regime e que visavam à sua extinção”, não teriam “qualquer direta intervenção no atentado”, o qual, ao extinguir o monarca e seu filho, “outra coisa não podia pretender senão a extinção do regime vigente”. Em conclusão, manifestava “os votos para que o novo reinado seja mais propício à causa de Portugal, e que a memória do monarca e de seu filho, vitimados pelo

¹² COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 17 jan. 1894.

¹³ COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 17 jan. 1903.

anarquismo, se perpetue na alma dos dois povos amigos”. O periódico trouxe registros imagéticos acerca de D. Manoel e D. Luís Felipe, além do retrato de vários dos homens públicos do cenário luso daquele início de século e ainda a fotografia de um detalhe das vivências de D. Carlos¹⁴.



¹⁴ COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 4 fev. 1908, 5 fev. 1908, 6 fev. 1908, 7 fev. 1908, 8 fev. 1908 e 9 fev. 1908.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Entusiasmo de D. Manoel ao receber a bandeira da Armada Naval

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O SR. ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE

Tambem par do reizo e escriptor notabilissimo, que acompanhou o
conselheiro Augusto José da Cunha para o lado da Republica.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



D. CARLOS, segurando uma das varas do pallio, na última procissão da Corpus Christi, realizada em Lisboa

A folha carioca *Correio da Manhã* circulou desde 1901 até meados dos anos setenta do século XX. Ao apresentar-se, afirmava que intentaria a conquista não só da admiração, mas também da confiança do público, considerando que “o jornal é mais dos seus leitores, do que dos redatores ou dos proprietários”, uma vez que “o seu público não é o governo que passa”, nem “o partido que se dissolve” e nem mesmo “o grupo de amigos que cerca” e depois “desaparece”. Sua redação considerava que, “quaisquer que sejam as objeções e resistências”, o jornal deveria ser “uma obra de arte”, precisando que ele tivesse “a admiração dos que o leem”, mas também sendo “preciso ainda que possua a confiança daqueles que o procuram”. Segundo o periódico, tal confiança só seria obtida através da “independência, o único meio de garantir essa segurança”, de modo que, a partir de tais procedimentos, o jornal pretendia se firmar “como uma promessa bem fundada e como uma esperança auspiciosa e patriótica”¹⁵.

“Uma página de luto” foi como o *Correio da Manhã* anunciou o assassinato real, estampando os retratos das vítimas do crime. Referia-se à “dor profunda e indescritível que domina a valorosa nação” lusa, demarcando que “a notícia do assassinato não pode deixar de se estigmatizada com violência, porque esses processos brutais que repugnam e indignam sempre”. Noticiava que “há muito a situação de Portugal se agrava dia a dia”, mas considerava que não seria “de supor que não necessitassem os que combatiam nas fileiras adversas” ao governo, “em se servir mesmo da arma assassina para conseguir o triunfo da sua causa”. Apontava ainda que se tratava de “uma página negra da história contemporânea”, de modo que o jornal registrava “com grande pesar” e

¹⁵ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 15 jun. 1901.

“com a inenarrável emoção e surpresa” que o regicídio causara. O periódico trouxe também a manchete “A tragédia de Lisboa”, referindo-se aos “telegramas recebidos” e à “horrível emoção” que estaria tomando conta do espírito público. Apareciam ainda registros fotográficos da rainha e do político João Franco. A manchete “A tragédia de Lisboa” retornava à primeira página do jornal, noticiando “a proclamação de D. Manoel”, “o monarca extinto”, “o novo rei”, “os soberanos portugueses através da história”, o “pesar público”, além do destaque dado aos novos telegramas, aos funerais e as solenidades fúnebres no Brasil. Segundo a publicação carioca “perdura ainda no espírito público a impressão formidável de assombro que o veio abater”, esmiuçando acerca do “atordoamento que a notícia da tragédia de Lisboa”, produzira, “como um tremendo golpe de clava vibrado de surpresa”. Explicava que não fora possível recobrar “a serenidade de ânimo para examinar em toda a sua extensão os sangrentos destroços dessa rajada de crime que veio sacudir de dor e de indignação a alma portuguesa, a alma nacional e o mundo”, demarcando ainda que “a dor” unificava lusos e brasileiros, derivando “daí a sinceridade e a grandeza do pesar que domina todas as classes do Brasil”. Os informes acerca do regicídio permaneceram nas páginas do *Correio da Manhã*, com novas inserções iconográficas, referentes ao novo monarca, aos membros do ministério recém-empossado, a representantes do republicanismo lusitano, a detalhes da existência do soberano assassinado e da sua família, bem como as implicados no assassinio real¹⁶.

¹⁶ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 2 fev. 1908, 3 fev. 1908, 4 fev. 1908, 5 fev. 1908, 6 fev. 1908, 7 fev. 1908, 9 fev. 1908, 13 fev. 1908, 17 fev. 1908 e 19 fev. 1908.

O REI DE PORTUGAL
E O
PRINCE REAL ASSASSINADO
UMA PAGINA DE LUTO
DE VOLTA DE VILLA VIÇOSA
TELEGRAMMAS OFFICIAES



The image is a vertical poster with a black border. At the top, the text is arranged in several lines: 'O REI DE PORTUGAL' in a large, bold, serif font; 'E O' in a smaller font below it; 'PRINCE REAL ASSASSINADO' in a bold, serif font; 'UMA PAGINA DE LUTO' in a bold, serif font; 'DE VOLTA DE VILLA VIÇOSA' in a bold, serif font; and 'TELEGRAMMAS OFFICIAES' in a smaller, bold, serif font at the bottom of the text block. Below the text are two rectangular portraits. The top portrait shows a man with a mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a dark tie. The bottom portrait shows a man in a military-style uniform with epaulettes and a sash, wearing a dark jacket and a white shirt with a dark tie.

A TRAGEDIA DE LISBOA

O REI D. CARLOS E O PRINCIPE REAL ASSASSINADOS

TELEGRAMMAS RECEBIDOS DEPOIS DAS 5 HORAS

HORRIVEL EMOÇÃO

Às 5 horas da manhã de hoje receberam por intermédio do ministério das relações exteriores, um telegramma do berlimense. S. m. el-rei D. Carlos e o príncipe real caíram mortos a tiro de revólver e de carabina, quando do regresso de Villa Viçosa.

É a dor profunda e indescrevível que domina a valerosa nação. A notícia do assassinato não pôde deixar de ser estigmatizada com violência, porque esses processos brutos repugnam e indignam sempre.

Ha muito que a situação de Portugal se agravava dia a dia.

Noticias, cada qual mais grave, nos transmittia o telegrapho sobre a situação politica.

Os partidos, em luta com o ministério João Franco, com a dictadura, a que o rei dava toda a força, não hesitavam nos meios mais energicos de combate ao governo, ás mobilizações que os detentores do poder punham em pratica para estabelecer a calma nos espiritos, ha longo tempo trahidos pela propagação das ideias democraticas.

Por mais horrivel que fosse a campanha suprehendida contra o governo, logo estavam todos, no entanto, de acordo que não hesitassem os que combatiam nas fileiras adersas ao ministério actual em se servir mesmo da arma assassina para conseguir o triumpho da sua causa.

Com o tempo preciso apenas para noticiar a tragedia, não podemos analysar detalhadamente os factos que, de anno a esta parte, vão aggravando a politica do reino, efflucente em edios.

Não é apenas d. Carlos que desaparece, varado pelas balas dos revólveres e das carabinas. Com elle, caem o príncipe herdeiro, saltando-se milagrosamente a rainha d. Amélia e recebendo ferimentos o príncipe d. Al-

fonso e a rainha d. Amélia saluillena.

A identidade de dois dos regicidas mortos ainda não foi constatada, mas pelo aspecto parecem estrangeiros.

LISBOA, 1.— Os cadaveres do rei d. Carlos e do príncipe real foram transportados em dois estandards do arsenal para o palácio, escoltados pela cavallaria da guarda municipal.

Amanhã será proclamado rei o in-

vas do quassquer outras occorrencias aqui e ao reino.

D. Carlos I, filho de d. Luiz I, subiu ao throno em 1889, succedendo ao seu pae, fallecido em 19 de outubro do mesmo anno.

Descendente da nobre familia de Bragança-Coburgo, era filho de d. Luiz I e de d. Maria Pia.

Educado muito sabiamente, sob as



fante d. Manuel com o nome de Manuel I.

Um dos trez regicidas suicidou-se.

LONDRES, 1.— Annunciam de Lisboa que o rei d. Carlos e o príncipe d. Luiz

recebera uma instrução apimorada e vasta: fallava constantemente o italiano com sua mãe, o francez sempre com o seu pae, enquanto estudava o allemão

de vista attentas de d. Luiz, d. Carlos

recebeu uma instrução apimorada e vasta: fallava constantemente o italiano com sua mãe, o francez sempre com o seu pae, enquanto estudava o allemão

de norte de Zambêze ficava a Portugal, ao mesmo tempo a liberdade da navegação sobre o Zambêze e a Chiré foi proclamada. A honra estava salva e a habilidade de Carlos I tinha evitado uma nova humilhação a seu pae.

Esta crise terminada, foi necessario voltar a questão financeira, cuja gravidade se tornara extrema.

O ministério Abreu de Sousa que o rei tinha encarregado desta missão in-

terprete e seu gosto muito pronunciado pela cavallaria.

D. Carlos mostrava garbosamente dominando os cavallos mais foggosos.

Quando o duque de Bragança (mais tarde Carlos I) terminou a sua longa aprendizagem de official de marinha e coronel de cavallaria, tendo estudado com seu pae todo o mecanismo administrativo do reino, completava 23 annos.

O príncipe era, tambem, um artista encantador, um intellectual que vivia ao par do movimento das artes e da litteratura da Europa, um cavalleiro completo, conhecedor de todos os sports e um homem amavel. Elle tinha, pois, tudo o que é necessario para agradar as mulheres.

Por isso a rainha Maria Pia, trahou de insinuar-lhe a ideia do casamento. D. Luiz insistia, por seu lado, no desejo de ter netos.

D. Carlos, si bem que respeitoso para com seu pae e sua mãe, mostrava-se bastante reservado.

Afirmava querer consorciar-se com uma princessa que agradasse o seu coração, acrescentando só conhecer uma possuidora de belleza e todas as virtudes e qualidades para ser uma esposa, a filha mais velha do conde de Paris, a princessa d. Amélia.

A 25 de janeiro, o príncipe herdeiro, depois da missa na igreja da Magdalena, tendo pedido a Deus benção para os seus projectos, foi jantar com o duque de Nemours, que o conduzia no dia seguinte a Chantilly, onde o duque de Aumale tinha organizado grandes partidas de caça, nas quaes deviam tomar parte os príncipes e princessas da casa d'Orléans.

Logo que a 6 de janeiro, pelas 5 horas, o duque de Bragança chegou ao castello, o conde, a condesa de Paris e a princessa Amélia lhe foram apresenta-

phas pelo estrangeiro (ere o talis es- sejo de ver quanto a sua patria é querida além das fronteiras.

Tal, em rapidos traços, quanto nos permite a angustia do tempo, diz sobre a grande individualidade do rei que acaba de desaparecer.

O príncipe d. Luiz era um dos rebentos mais promissores da Casa de Bragança. Muito novo ainda, uma circum-



grante copia de conhecimentos da vida politica. Tantas quaes os necessarios para a difficil tarefa de governar um paiz. Em cada ponto que elle chegava, em cada pedaço de terra que passava, tinha por tudo um golpe de vista fino, denunciado a uma grande capacidade, que ninguém lhe contestava.

Esperança da povo portuguez, ornamento precioso da dynastia dos Bragança, d. Luiz, roubado assim á vida tão violentamente, é uma grande perda para a nação amiga, que todos os portugueses sinceramente lamentam.

Os telegrammas que recebemos depois de decryptas as linhas de primeira impressão que publicamos nas edições anteriores, parecem atastar a idea de se tratar de um attentado mandado executar pelos partidos politicos.

Falam elles agora em grupo de estrangeiros, tendo de fôrça do reino para commetter e barbaro crime que reolita não apenas a heroica nação portugueza, mas todos os paizes civilizados.

Nesta horrosa conjectura, os despatches telegraphicos fazem o elogio da valerosa rainha d. Amélia.

Tem a piedosa senhora, acompanhada amantissima de d. Carlos, precedido com um heroismo extraordinario, suicidou-se.

Que horrevel dor apunhalo o coração da esposa, a alma da mãe extrema: que via naquelle filho todo o seu orgullo, toda a sua esperanza?

Admiravel figura á destar senhora, a quem o destino reservou sorte tão negra.

Rebaldamos homenagem á virtuosa rainha, ao mesmo tempo que acompanhamos a dor que fere a patria portuguesa.

O príncipe Luiz Philippe

Em novembro de 1905, o rei d. Car-

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

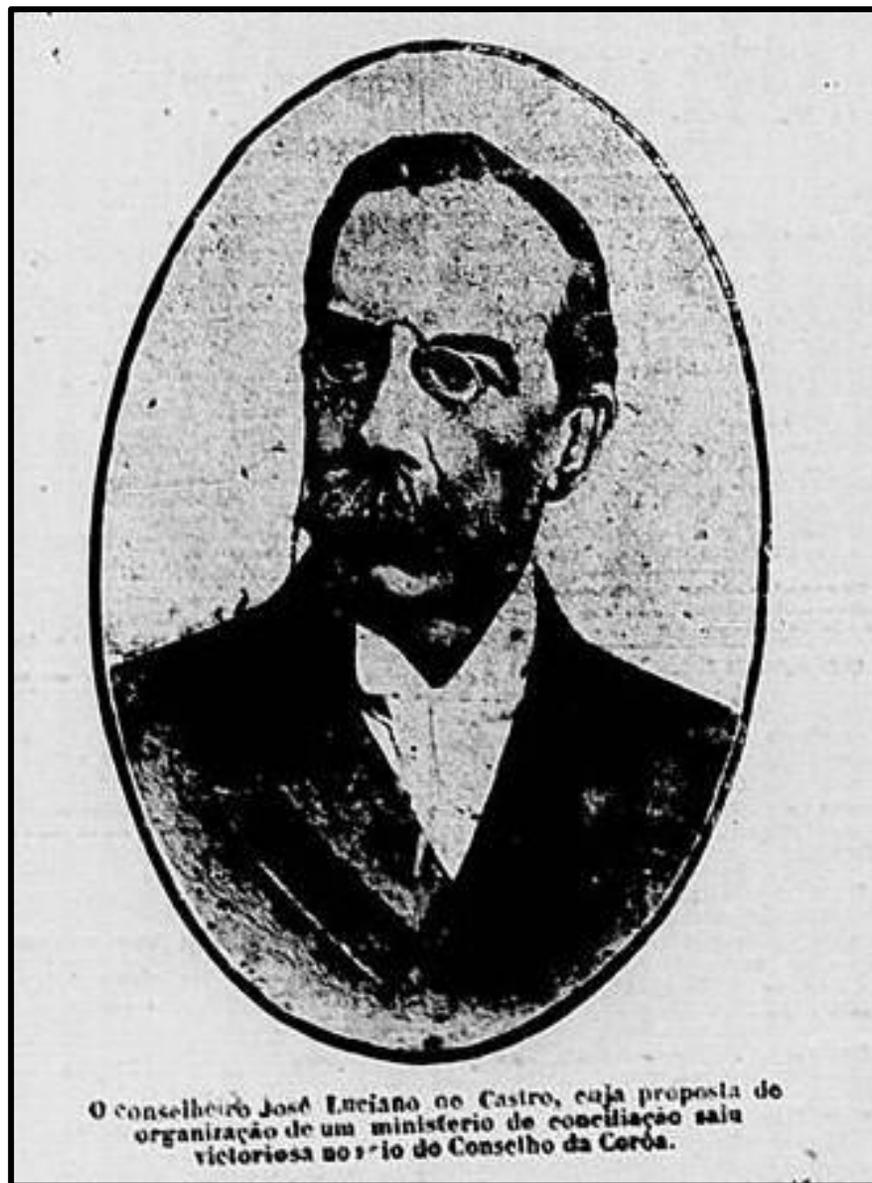


JOÃO FRANCO, PRESIDENTE DO CONSELHO



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

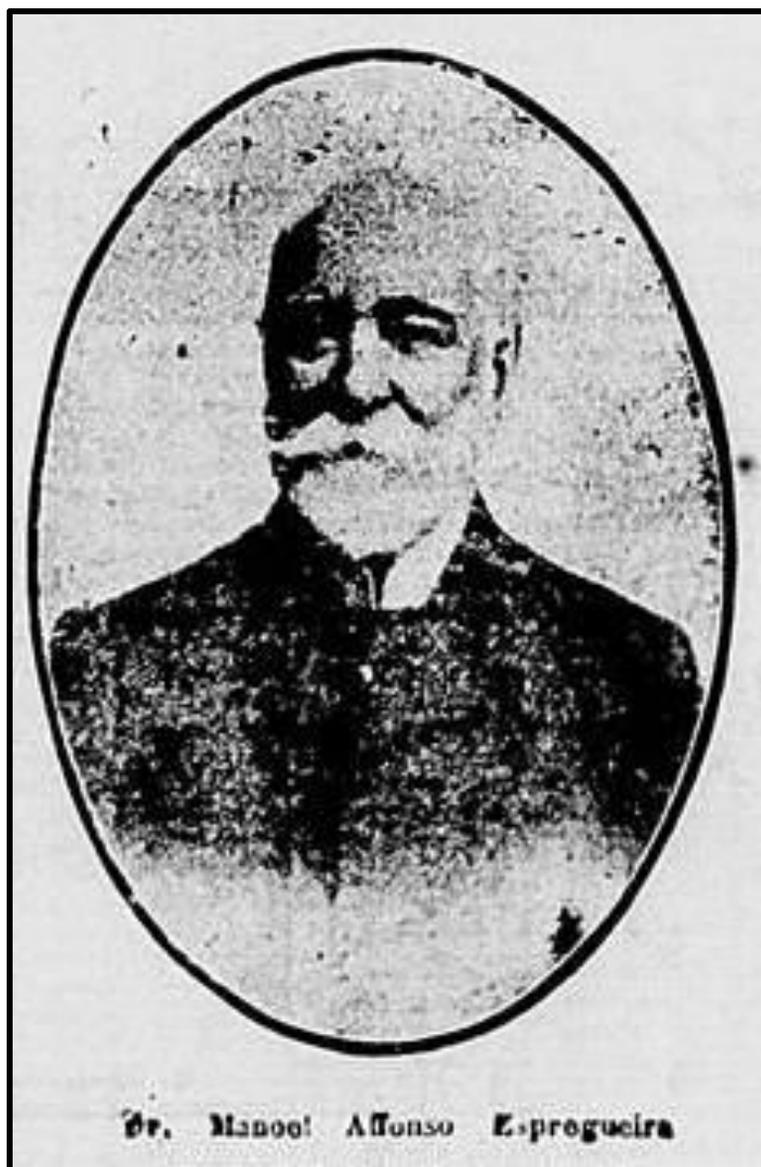




A mascara do infortunado rei d. Carlos I, publicada no ultimo numero de uma revista do exterior.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO







O rei d. Carlos no castello do Cascaes, numa das suas ultimas villegiaturas

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Retrato oficial de d. Carlos I

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



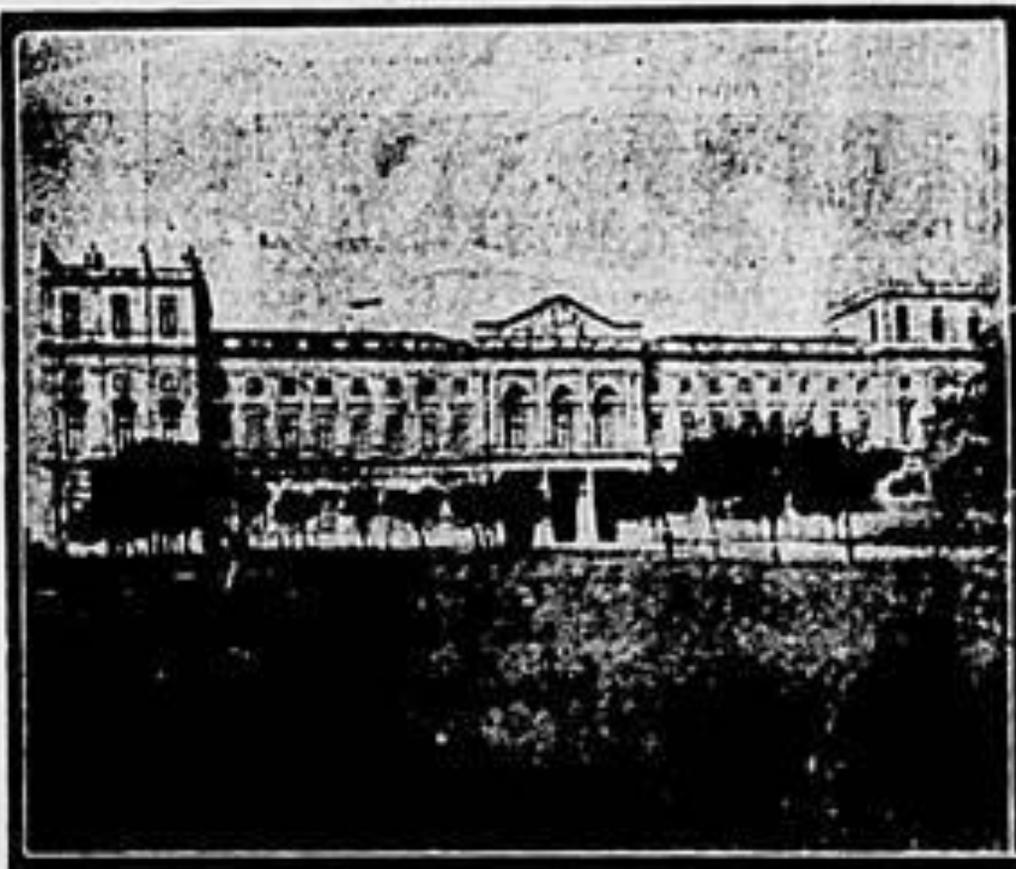


D. Carlos numa caçada. O tiro certo do rei

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

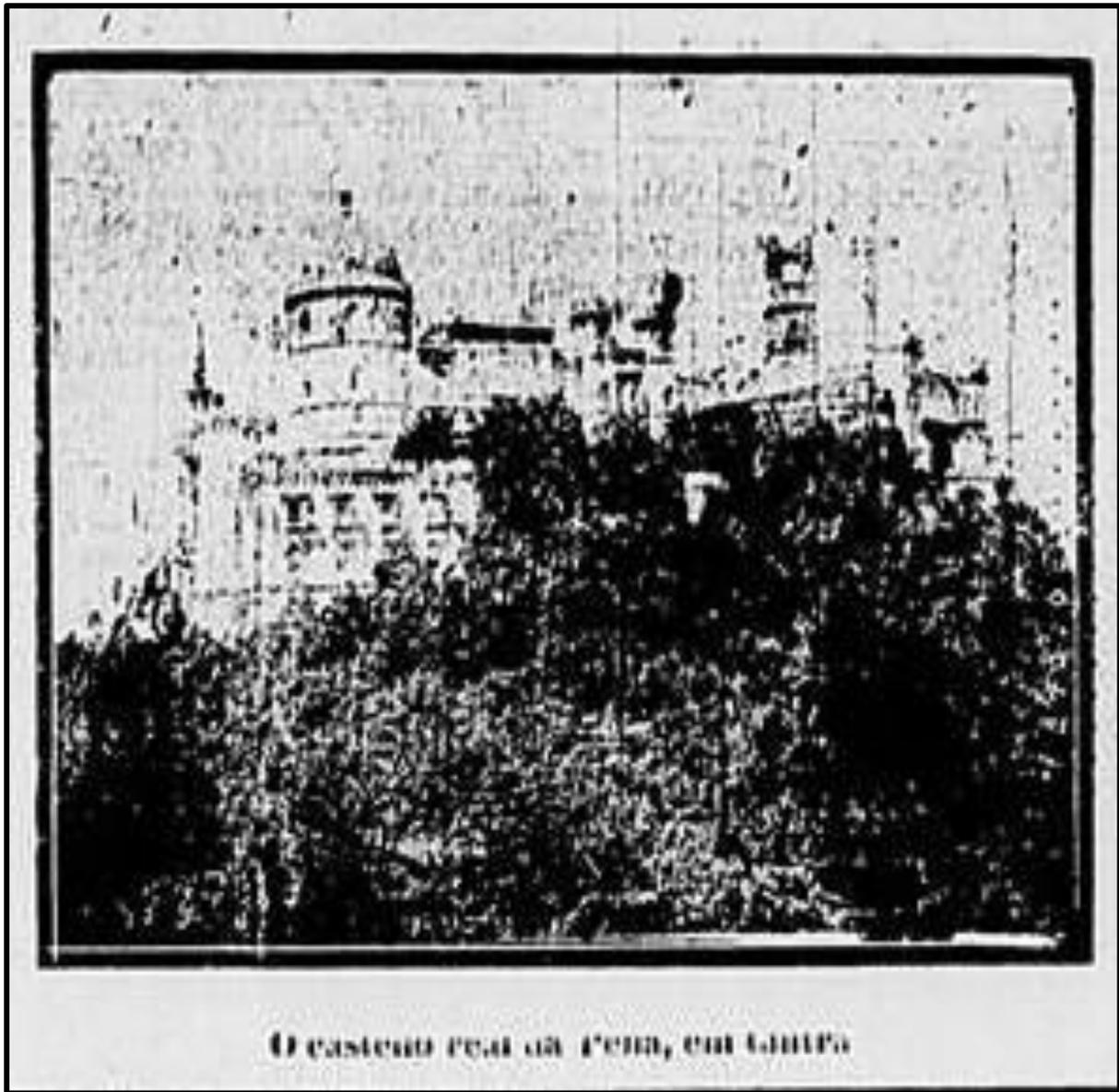


Terreiro do Paço, onde foram assassinados d. Carlos
e o príncipe d. Luiz Philippe



Lisboa – O palacio real

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Publicado na cidade de São Paulo, o *Correio Paulistano* teve uma longa circulação, desde 1854 até os anos iniciais da década de 1940. Foi um dos mais importantes veículos jornalísticos lançado em meados do século XIX, ainda mais por ter constituído o primeiro diário que vingou em seu contexto regional. Desde a sua fundação, circulou com hiatos, por mais de cem anos, tendo sido nessa época sucessivamente liberal, independente, conservador e republicano, mudando de orientação editorial à medida que suas crises financeiras exigiam que viesse a se amoldar às circunstâncias políticas ou em decorrência das convicções de seus proprietários. A publicação surgiu liberal e com promessa de imparcialidade, pretendendo constituir uma tribuna livre a todos, indiferentemente à cor política ou religiosa de cada um. Mas tal intento não durou muito, pois, um ano depois, ao enfrentar sérias dificuldades financeiras, o periódico passou a ser bissemanal, permanecendo nessa condição por três anos. Diante disso, o custo para superar a crise foi a perda da propalada independência, vindo a ceder à pressão política do Partido Conservador, a ele aderindo publicamente. Nas últimas décadas do século XIX, viria a passar por várias guinadas editoriais e oscilações em suas posturas. Com a mudança na forma de governo, viria a aderir ao Partido Republicano Paulista, permanecendo como órgão partidário por longo período¹⁷, inclusive nos primórdios dos Novecentos.

¹⁷ PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p. 33, 42-43, 60, 88 e 322.

A publicação periódica da capital paulista noticiou “Em Portugal – duplo atentado”, buscando explicar “a atual situação política” lusa, vindo a considerar que “não era fácil prever a solução dos acontecimentos que se estavam desenrolando na capital da nação irmã”. Referia-se às “medidas dia a dia cada vez mais violentas postas em prática pelo conselheiro João Franco”, para a qual deveria “seguir-se uma ação igualmente enérgica e violenta”, bem como à perspectiva de que “os partidos políticos do velho reino estavam desmantelados” e “antepondo aos interesses do país as ambições do mando e do poder”. Em seguida o jornal detalhava as dificuldades lusitanas e traçava alguns dados biográficos a respeito do rei assassinado. Além disso, o periódico narrava as repercussões em terras brasileiras, mormente em São Paulo, diante da “infausta comunicação” dos fatos lusos, que tornaram cada vez maior “o sentimento de tristeza na massa popular”. Nesse sentido, demarcava que “as relações íntimas, fraternais, que unem portugueses e brasileiros, a interdependência natural que liga povo a povo”, vieram a concorrer “para que encontrassem” no Brasil “tamanha e tão desoladora repercussão o estúpido e bárbaro drama de sangue”. Quanto aos registros fotográficos, apareciam um membro do partido republicano lusitano, bem como Afonso Costa, considerado uma das “individualidades portuguesas em evidência”, além dos retratos do novo soberano e do rei falecido¹⁸.

¹⁸ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 2 fev. 1908, 3 fev. 1908, 7 fev. 1908, 8 fev. 1908 e 9 fev. 1908.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Outra folha carioca que circulava no início dos Novecentos era a *Gazeta de Notícias*, publicado entre 1875 e a segunda metade da década de 1950. Propunha-se a constituir uma publicação diária voltada a divulgar os informes “políticos e comerciais, tanto do país como do estrangeiro”, abordando os fatos “de atualidade”, assim como “artes, literatura, teatros, modas e acontecimentos notáveis”. Anunciava ainda que forneceria “aos seus assinantes as informações comerciais que mais possam interessar-lhes, procurando assim merecer sua benevolência e proteção”. Dizia não se tratar de uma “folha de partido”, de modo que trataria “apenas de questões de interesse geral, aceitando nesse terreno o concurso de todas as inteligências que quiserem utilizar-se de suas colunas”. Demarcava também que seria “sempre imparcial, quando se tratar de decidir questões em que estejam empenhados o sentimento e a razão”¹⁹.

Ao tratar do regicídio, o periódico se referia aos “lutuosos acontecimentos de Portugal”, trazendo “pormenores sobre a terrível tragédia” e apresentando um conjunto fotográfico integrado por membros da Família Real. Apontava para “as excitações políticas que ultimamente sofria o velho e nobre reino”, citando “a seita terrível e desumana do anarquismo” e “a situação política” lusa, como fatores motores do “assombroso crime”. Considerava que “o anarquismo é formado pela paixão que ofusca e cega”, vindo a constituir, “antes de ser um caso social, um caso patológico”. Apontava que os mortos eram “vítimas do anarquismo ou das consequências de uma situação anormal, de paixões exacerbadas talvez até o desvario”. Comentava que o assassinio não faria

¹⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 2 ago. 1875.

“avançar um passo o ideal republicano”, que, “ao contrário”, seria retardado, “quando menos em nome dos sagrados princípios da solidariedade humana”. Registrava igualmente “a enormidade do sentimento de pesar e de indignação de parte da população” brasileira. Em nova edição, a *Gazeta de Notícias* abordava “os acontecimentos de Portugal, a atual situação política”, os “graves boatos” e “o novo ministério”, bem como divulgava registros fotográficos de diferentes paisagens urbanas lusitanas. Detalhes da vida cotidiana do monarca morto e outros lugares lisbonenses faziam parte de mais uma pauta editorial. Na próxima edição, o jornal destacava “pormenores do regicídio” e informes sobre “o complô assassino”, bem como trazia retratos de políticos lusos. Ainda constituiu tema de abordagem as repercussões do atentado junto à colônia portuguesa no Rio de Janeiro. Em caderno suplementar, D. Carlos I foi homenageado, tendo seu retrato estampado, assim como de outros membros da Família Real e o registro de mais locais citadinos da comunidade lusitana e de cenas dos funerais, além de alegoria funerária alusiva aos dois mortos e de momentos das exéquias²⁰

²⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 3 fev. 1908, 4 fev. 1908, 5 fev. 1908, 6 fev. 1908, 7 fev. 1908, 8 fev. 1908, 13 fev. 1908 e 16 fev. 1908.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





A PRAÇA DO COMMERCIO, ANTIGO TERREIRO DO PAÇO
onde se deu o crime

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



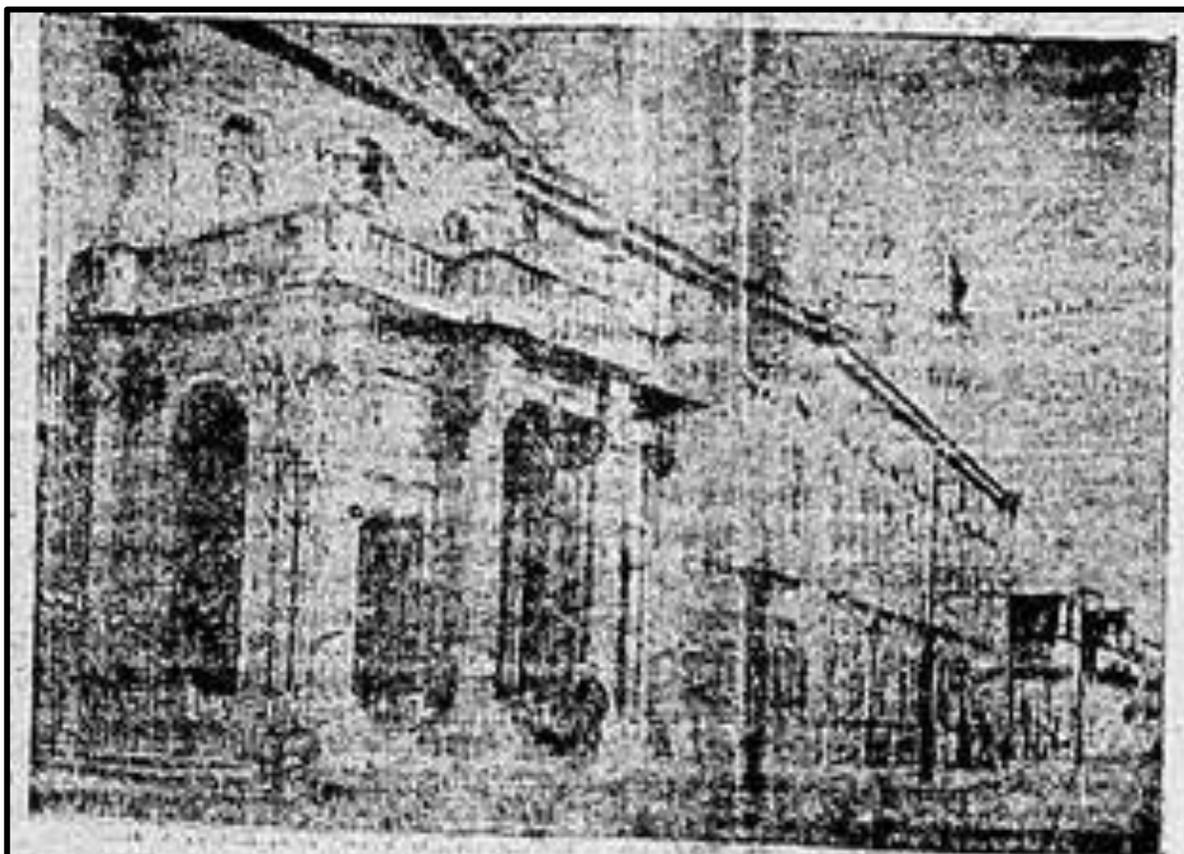


ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

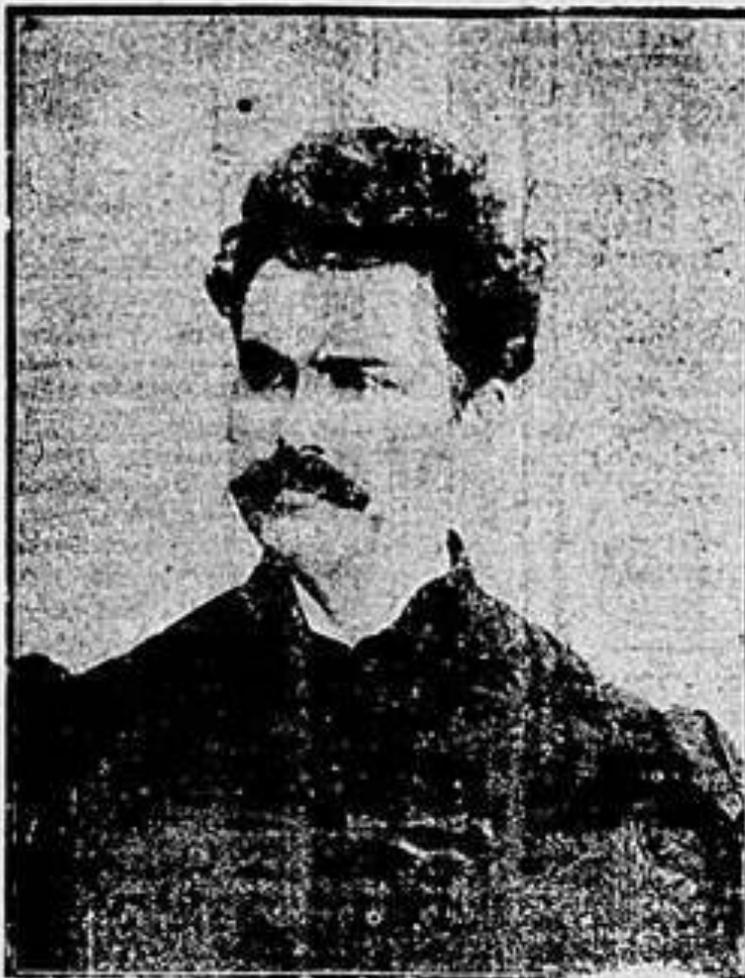


Capella e paço das Necessidades, onde se acham
os corpos de S. M. El-Rei D. Carlos e do prin-
cipe herdeiro D. Luiz Felippe.



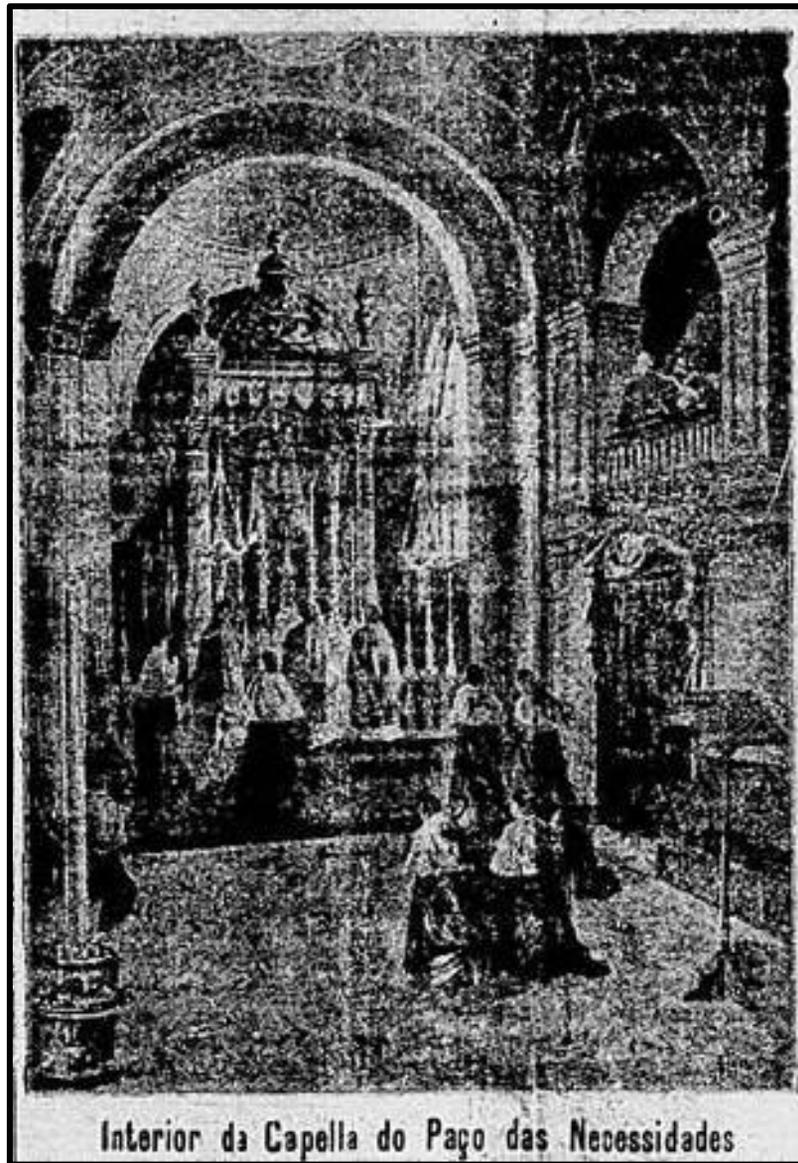
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O Dr. Moreira Junior, que socorreu a
S. M. o Sr. D. Carlos I e cujo nome foi indicado
para ministro da marinha

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Interior da Capella do Paço das Necessidades



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



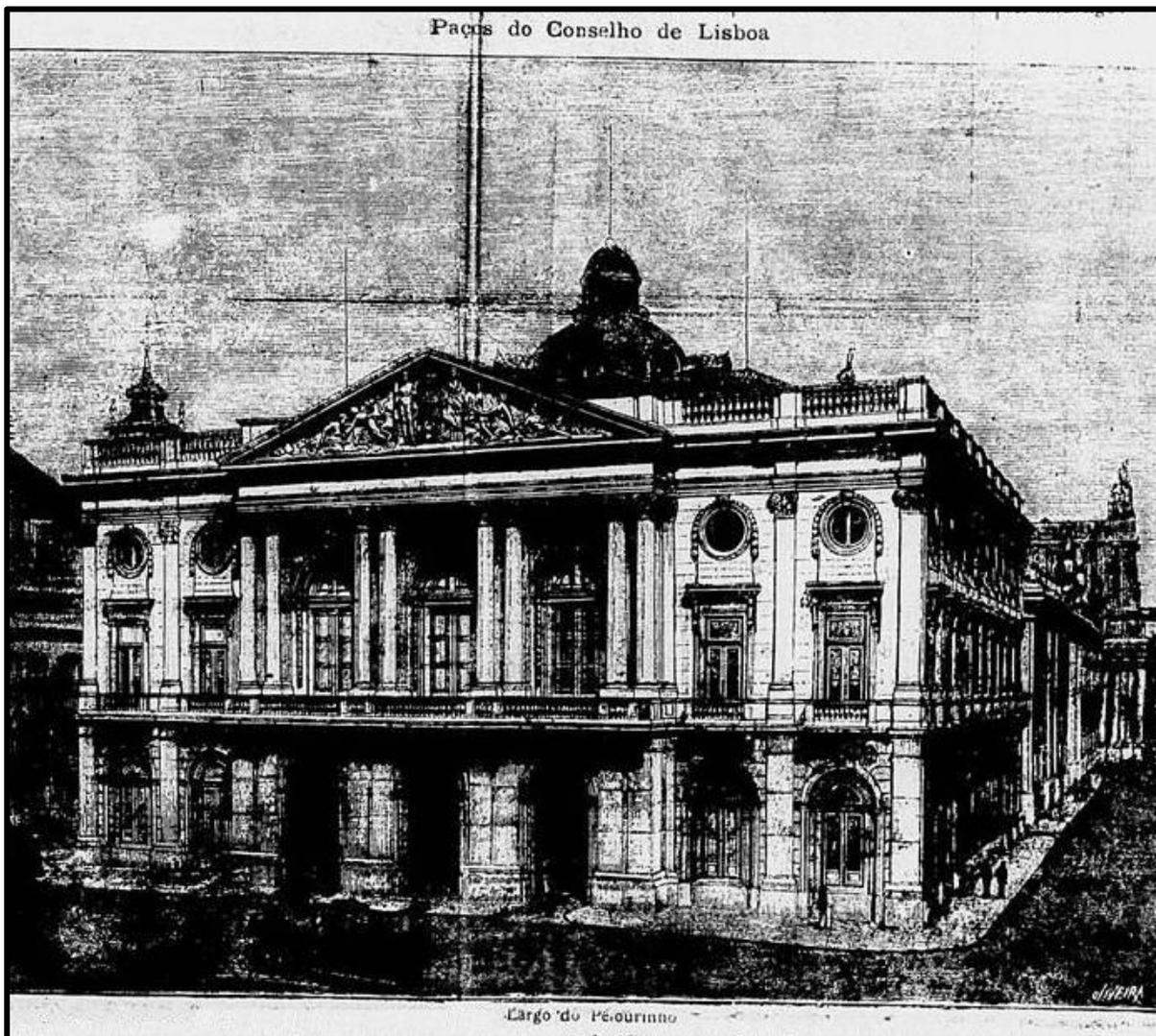


ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O Pantheon dos Reis Portuguezes

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Pantheon Real em S. Vicente de Fóra

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

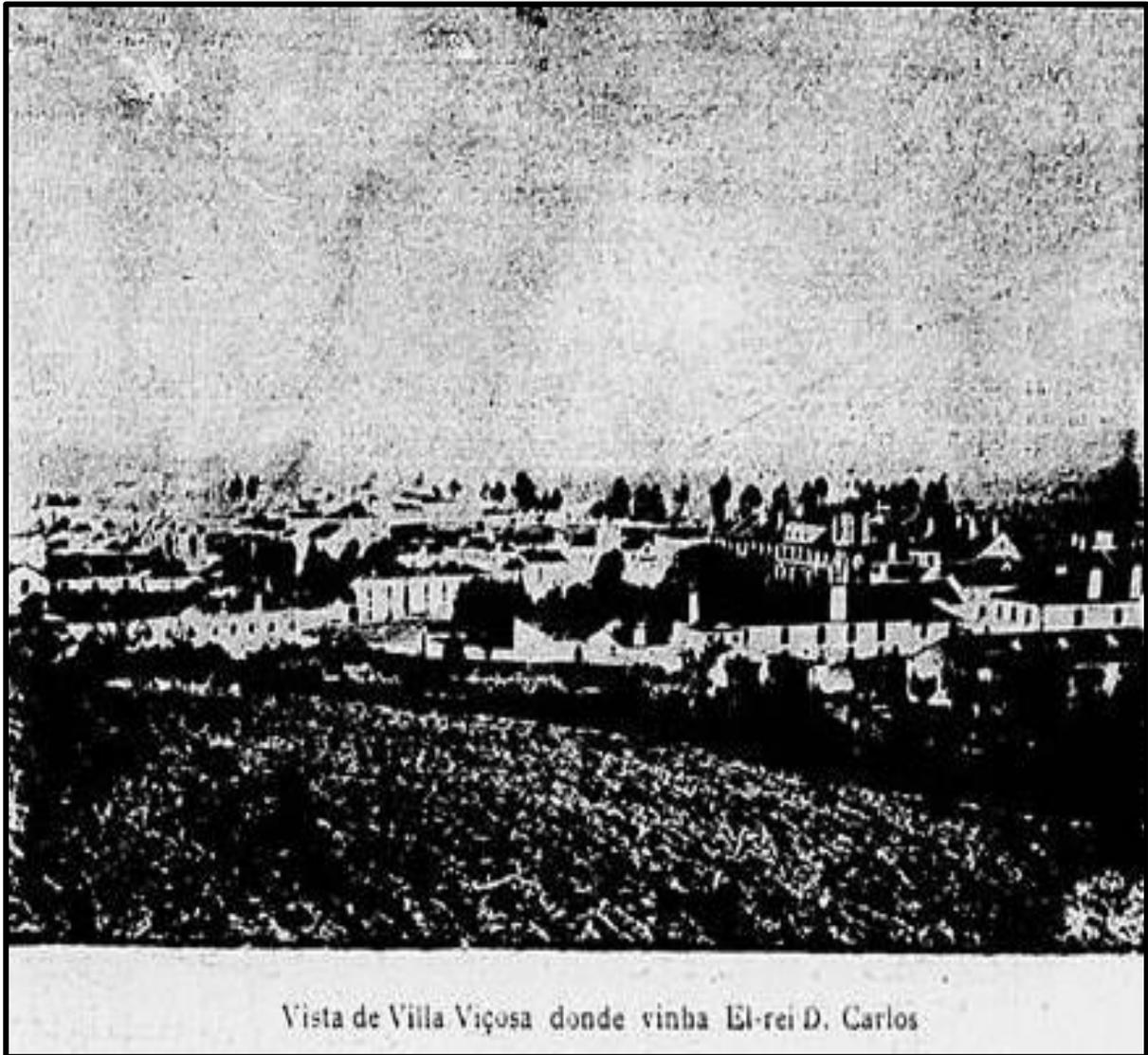




ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



O Terreiro do Paço, onde se deu o regicídio



Vista de Villa Viçosa donde vinha El-rei D. Carlos

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Publicada no Rio de Janeiro, entre 1898 e meados da década de dez do século XX, *A Imprensa* pretendia “despertar no seio” do povo “as forças morais” bem como “apelar para o poder da consciência, entorpecida, mas talvez ainda não morta” e “falar à intuição de justiça, à avidez de sinceridade, à simpatia pelo desinteresse” e ainda propugnar pela “onipotência da verdade”. Garantia que, “da política esta folha não quer outra coisa que discutir os assuntos”, permanecendo alheia “ao jogo das questões parciais ou pessoais”, privilegiando aqueles “que falam menos às paixões do que às ideias”. Dessa maneira dizia não constituir “um jornal político na acepção vulgar do termo” e, “ainda na sua acepção superior”, só o fazia com os devidos “cuidados”²¹. Preferindo uma cobertura predominantemente informativa, o periódico optou por trazer material noticioso e transcrições na abordagem do regicídio português. Nessa linha, publicava manchetes como “O atentado contra a Família Real portuguesa”, do qual resultara o rei e o príncipe “assassinados numa emboscada” e “o infante D. Manoel escapou aos assassinos” e “sua majestade a rainha está incólume”. Ainda a respeito do tema, o jornal noticiava sobre a ascensão do novo soberano, os funerais, um dos regicidas, as repercussões junto à imprensa e as demonstrações de pesar, além de trazer os retratos de D. Carlos, D. Luís Felipe e D. Manoel²².

²¹ A IMPRENSA. Rio de Janeiro, 5 out. 1898.

²² A IMPRENSA. Rio de Janeiro, 2 fev. 1908, 3 fev. 1908, 4 fev. 1908 e 5 fev. 1908.



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O príncipe real D. Luiz Felipe

Editado no Rio de Janeiro desde 1891 e mantendo sua circulação até a contemporaneidade, em seguida a suas origens, o *Jornal do Brasil* se firmaria como um representante da grande imprensa, tendo sido montado em moldes empresariais, com estrutura sólida, surgindo para perdurar, ao trazer uma série de inovações quanto à distribuição, ao aprimoramento gráfico, às formas de expressão das notícias e à estrutura redacional, além da inclusão de gravuras e fotografias em suas páginas impressas²³. Na busca por uma postura de moderação, ou mesmo de preeminência do aspecto noticioso como norte editorial, o periódico dizia que o seu intento fundamental seria o de manter uma equidistância entre os extremos, objetivando “discernir e interpretar o movimento público, para sustentar as reivindicações legítimas”, ou contrariar as que não o fossem²⁴.

O periódico noticiou o assassinio originado a partir do “assalto a tiros à Família Real”, demarcando seus “pêsames aos filhos de Portugal” e referindo-se à “notícia terrível, esmagadora de regicídio tremendo que ensanguenta e enluta ao mesmo tempo a terra gloriosa dos Lusíadas e a nossa terra amada”. Citava as profundas relações de amizade no âmbito luso-brasileiro, as quais viriam a ser mais uma vez confirmadas com a prometida visita do monarca luso às terras brasileiras. Demarcava ainda que “nunca chegara a pensar” que, apesar das “perturbações” que agitavam Portugal, “por maiores que fossem, pudessem chegar ao trágico desfecho dos assassinatos que emocionam todo o mundo

²³ SODRÉ, 2007. p. 251, 257-263 e 273.

²⁴ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 9 abr. 1891.

civilizado”. Os regicidas eram comparados a “monstros”, e o jornal afirmava sua preferência por calar-se diante do acontecido, pois não seria “preciso dizer mais”, já que “o que sucede a uma explosão violenta e brutal é o silêncio, de pasmo, de assombro e de pavor”. No segmento iconográfico aparecia o retrato de D. Carlos e uma alegoria na qual uma figura feminina representava a imprensa que soprava uma trompa à beira do cais, só que, ao invés de notícias, espalhava “boatos” acerca de “atentados anarquistas” e “revoluções em Portugal”²⁵.

²⁵ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 2 fev. 1908.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



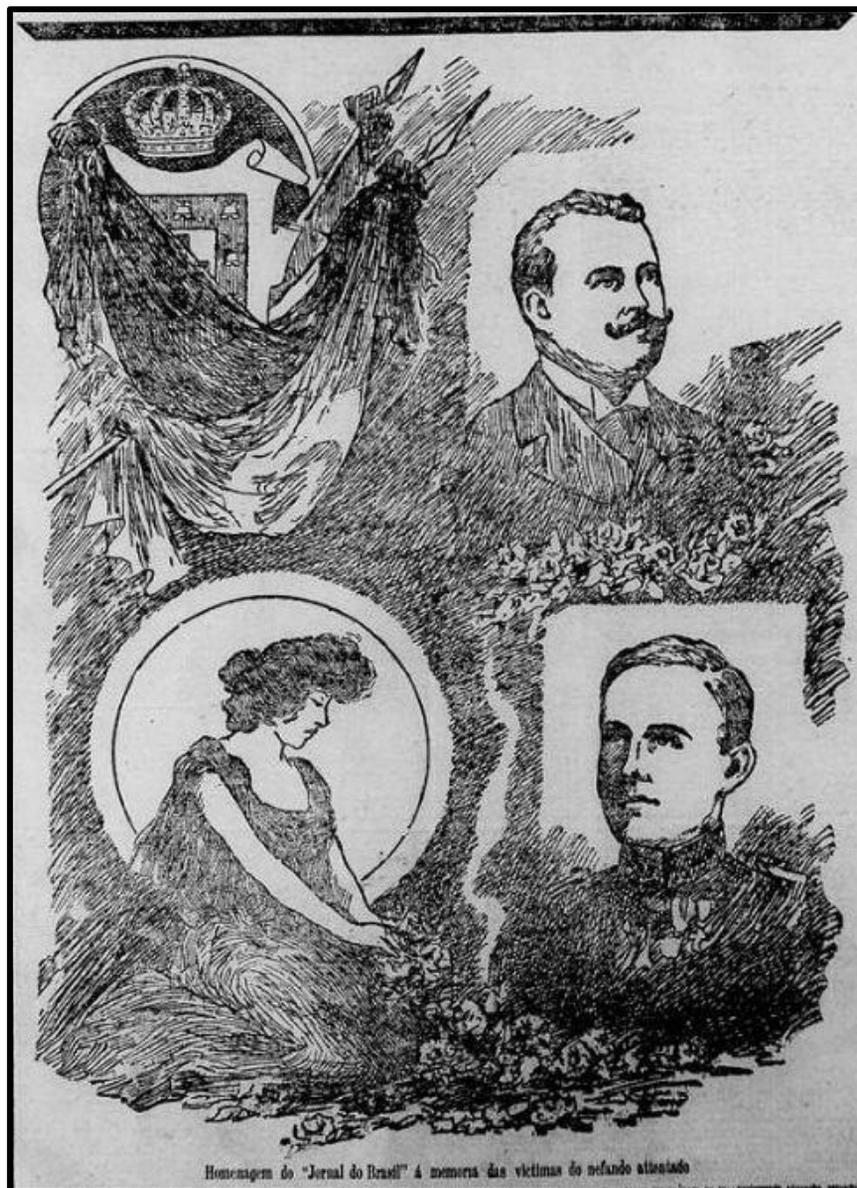


Em um bosquejo, o *Jornal do Brasil* buscava apresentar uma “reconstituição dos atentados, segundo os telegramas”. Referia-se à “tragédia do Terreiro do Paço” e mostrava outra composição alegórica, com uma mulher a prantear a morte do soberano e de seu filho, assim como trazia retratos dos membros da Família Real e de homens públicos, e também o rascunho de um plano “do desembarque ao local do atentado”. Uma figura simbólica acerca do Brasil lamentava os episódios ocorridos em torno da morte do rei luso, sendo igualmente divulgados os retratos de integrantes do novo ministério. Uma outra representação do Brasil aconselhava uma dama que designava a imprensa, incitando-a a impedir o avanço de “boatos, mentiras e intrigas”, em alusão às narrações quanto aos fatos ocorridos em Portugal. Apareciam ainda as efígies de atores da vida política lusitana, o registro do panteão dos reis portugueses e da igreja onde ocorreriam os funerais. Já o ancião que simbolizava a passagem do tempo carregava consigo o livro dos registros históricos, que estaria a sangrar no momento em que tratava de Portugal. Uma caricatura denunciava a “censura telegráfica em Lisboa”, referindo-se à dificuldade na obtenção de notícias sobre o que acontecia em Portugal. A própria imagem do Zé Povinho – representação do povo português – surgia nas páginas do periódico em frente ao jovem rei recém-empossado, na busca por demonstrar um certo apoio popular ao mesmo. Já em outra alegoria, um anjo da morte destroçava o que via pela frente, em referência à “página negra”, como era caracterizado o regicídio²⁶.

²⁶ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 3 fev. 1908, 4 fev. 1908, 5 fev. 1908, 6 fev. 1908, 7 fev. 1908, 8 fev. 1908 e 9 fev. 1908.



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



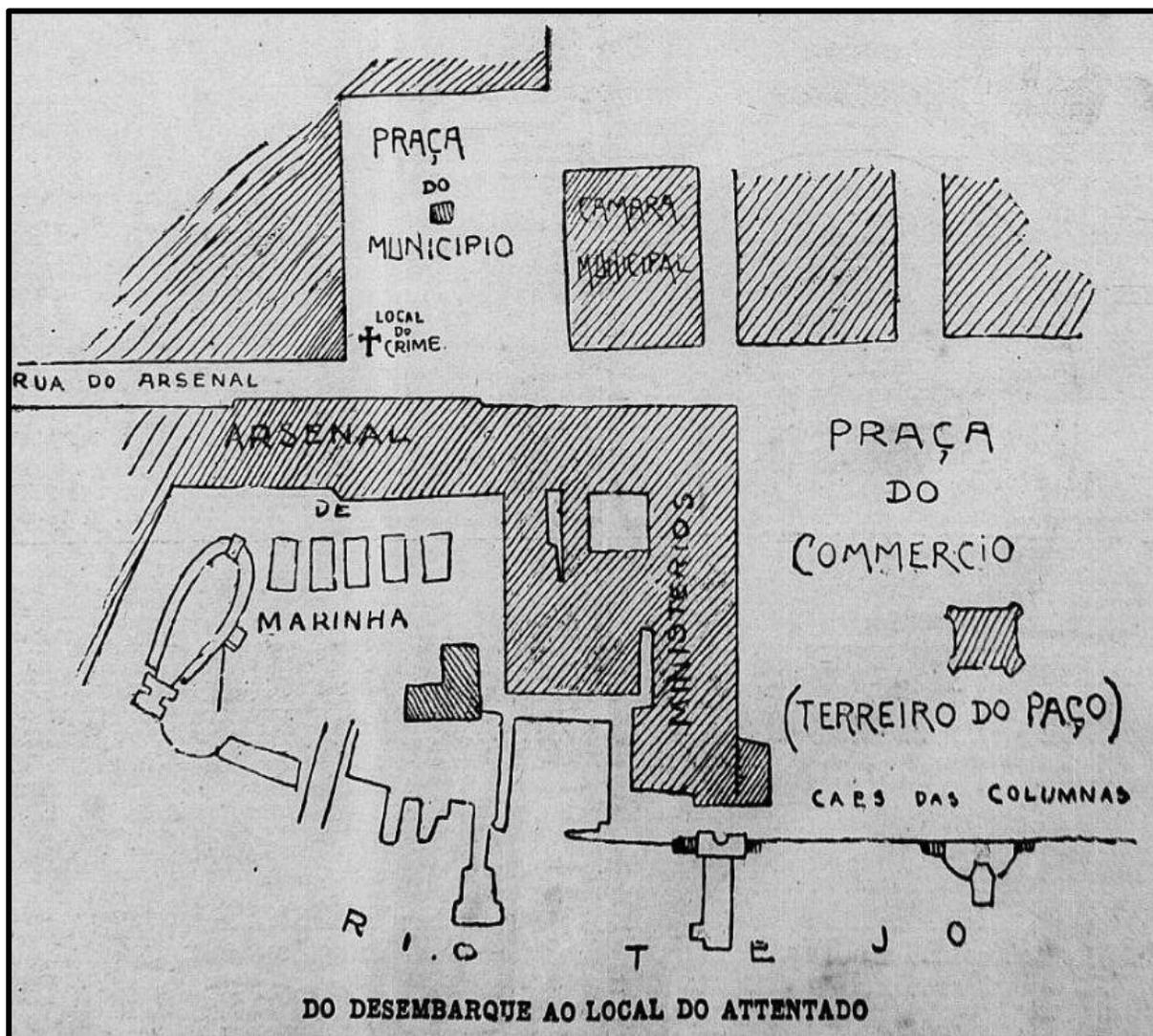


ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

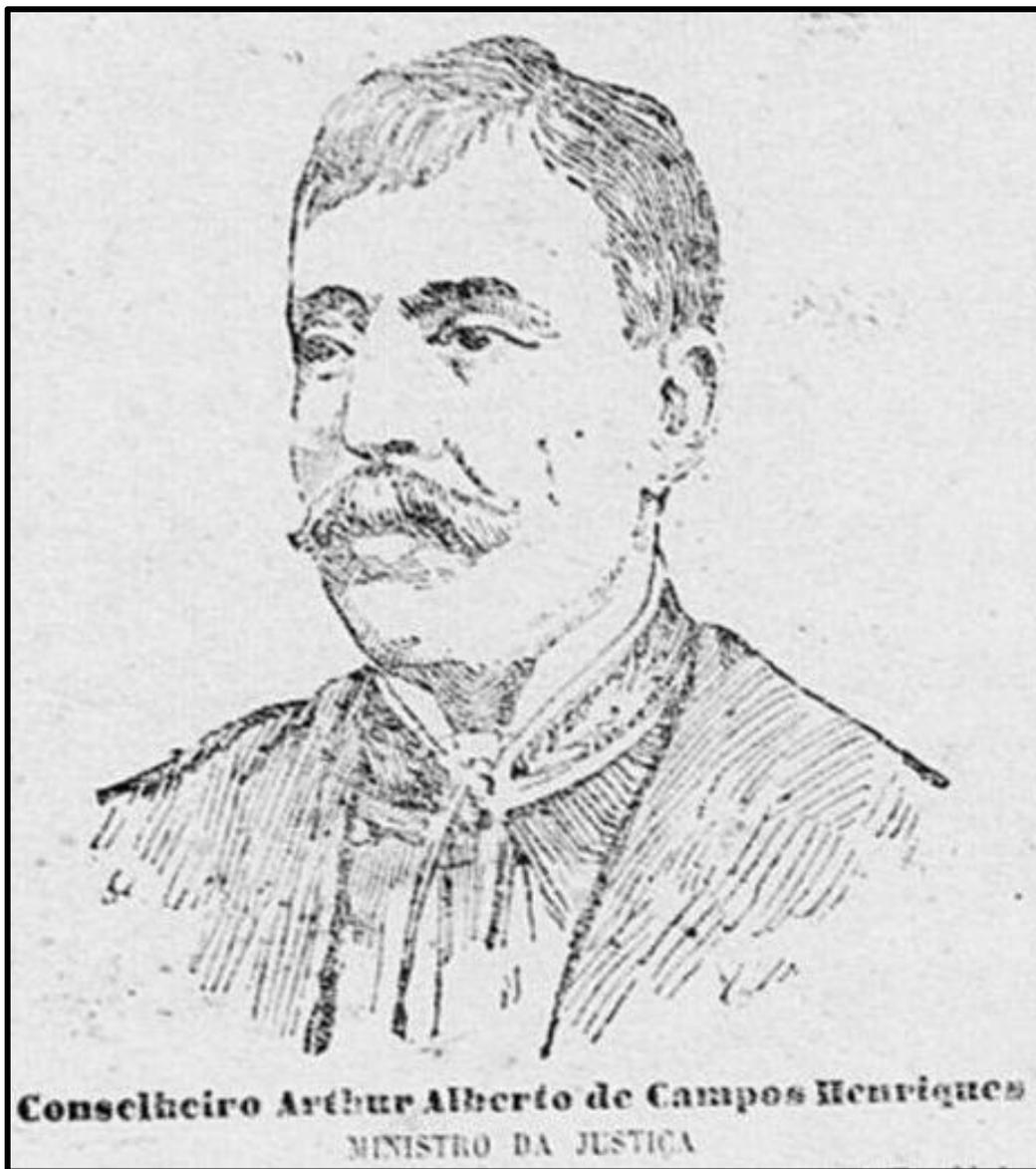


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

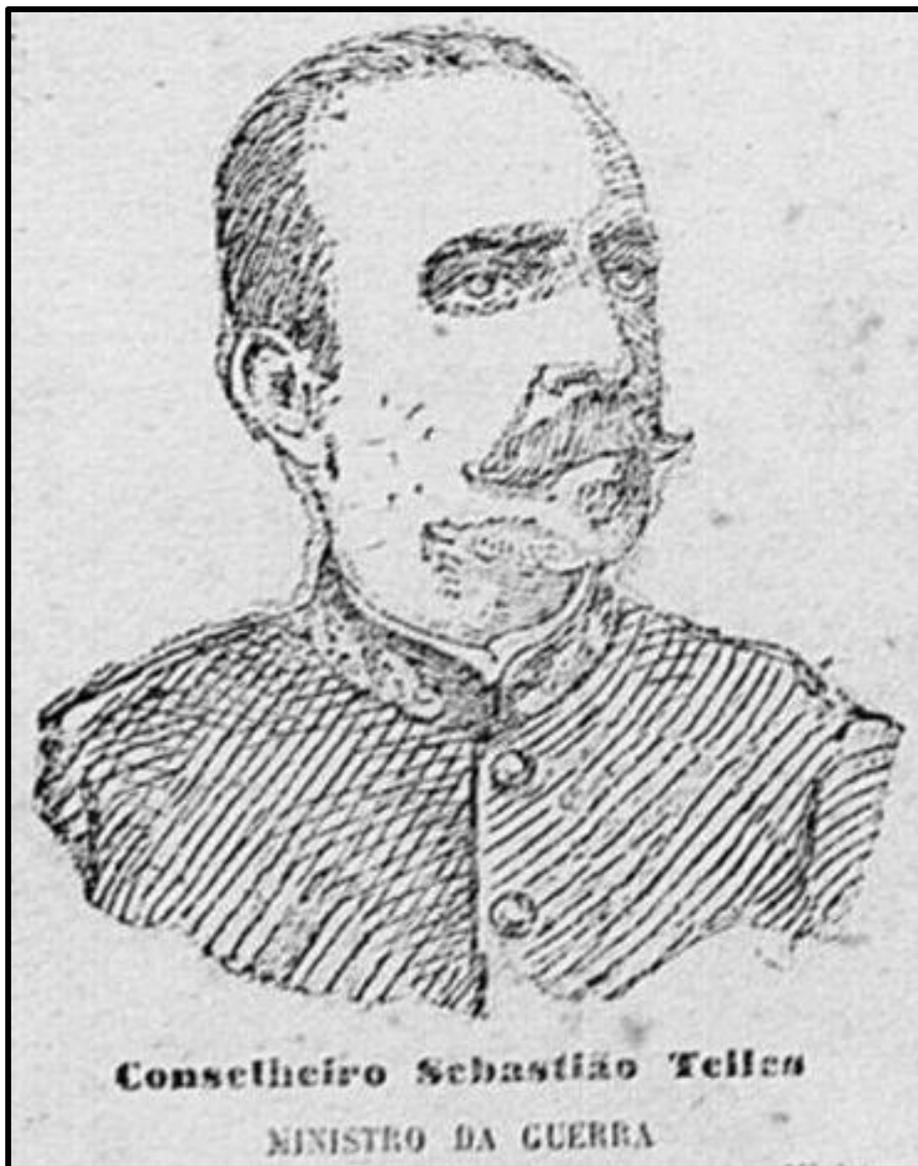


**Conselheiro Augusto de Castilho, Ministro da
Marinha**



D. Afonso Henriques

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





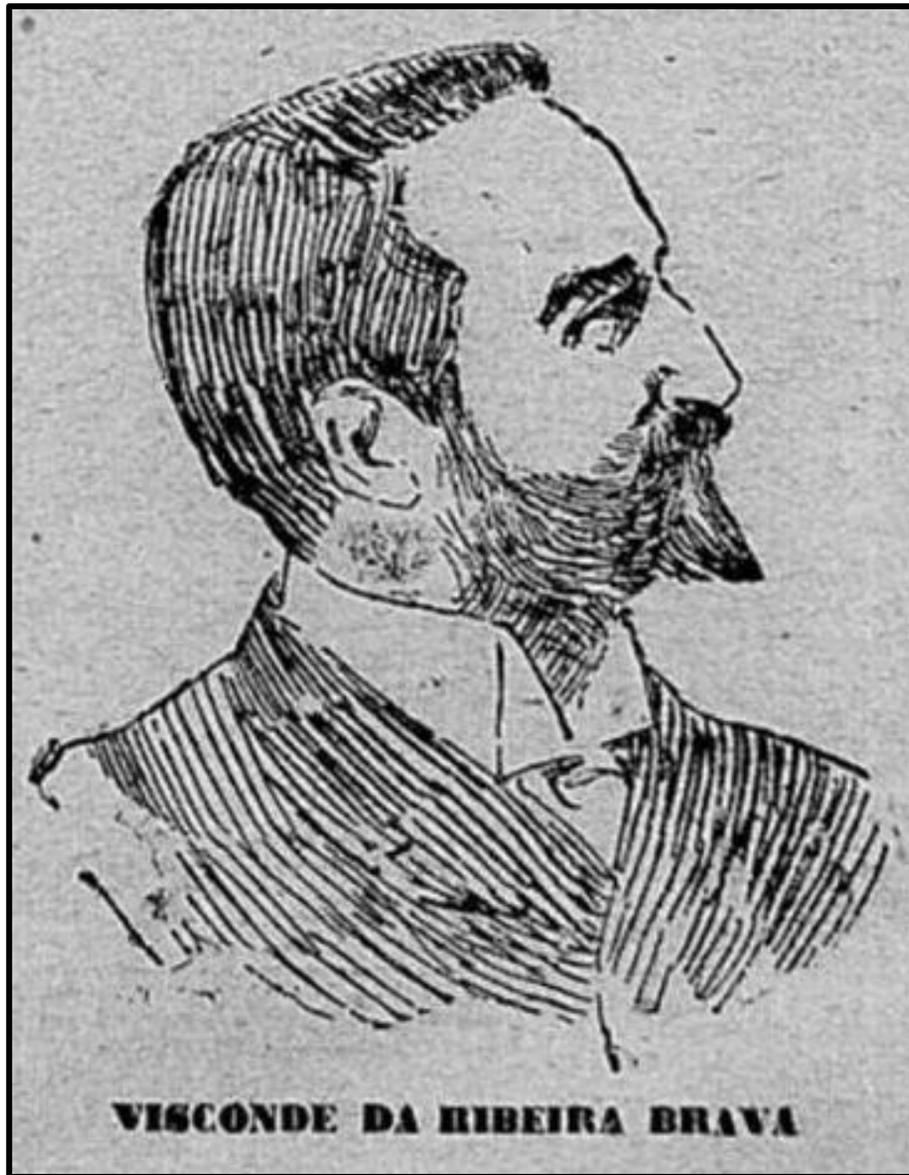
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

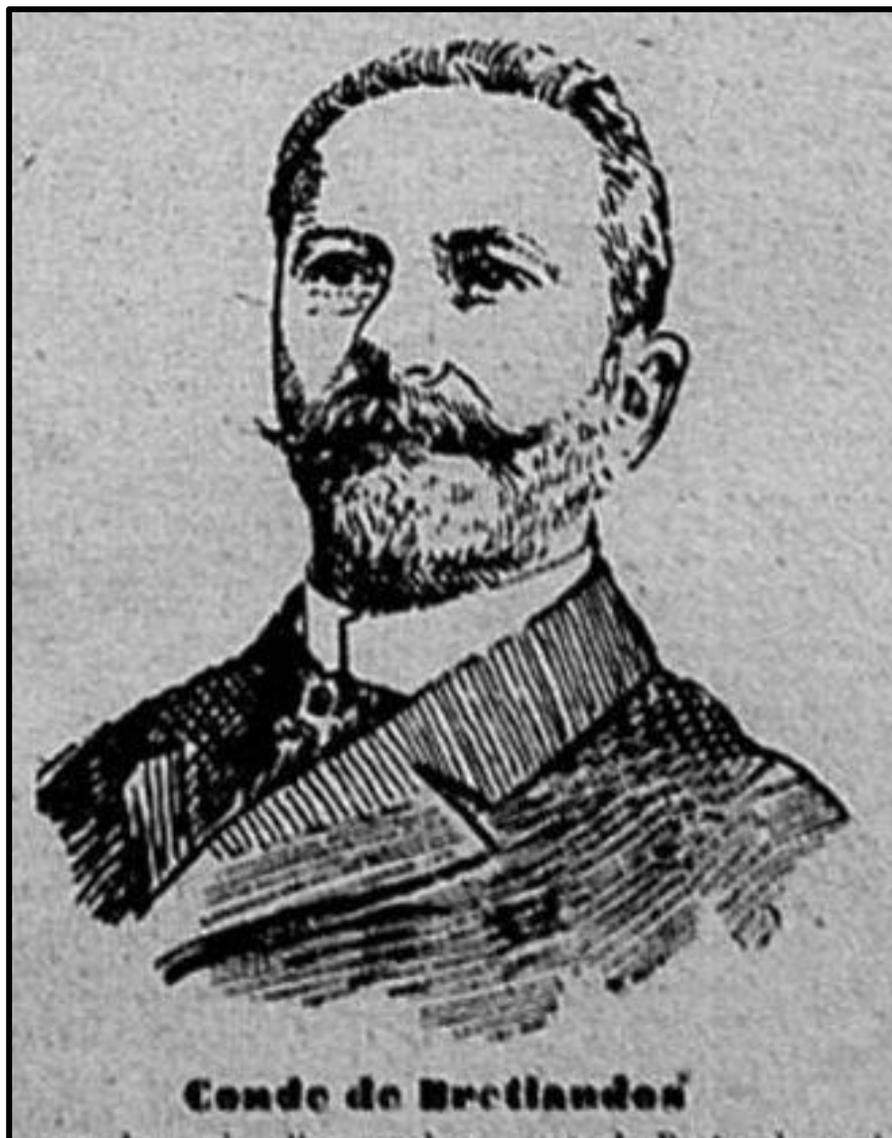




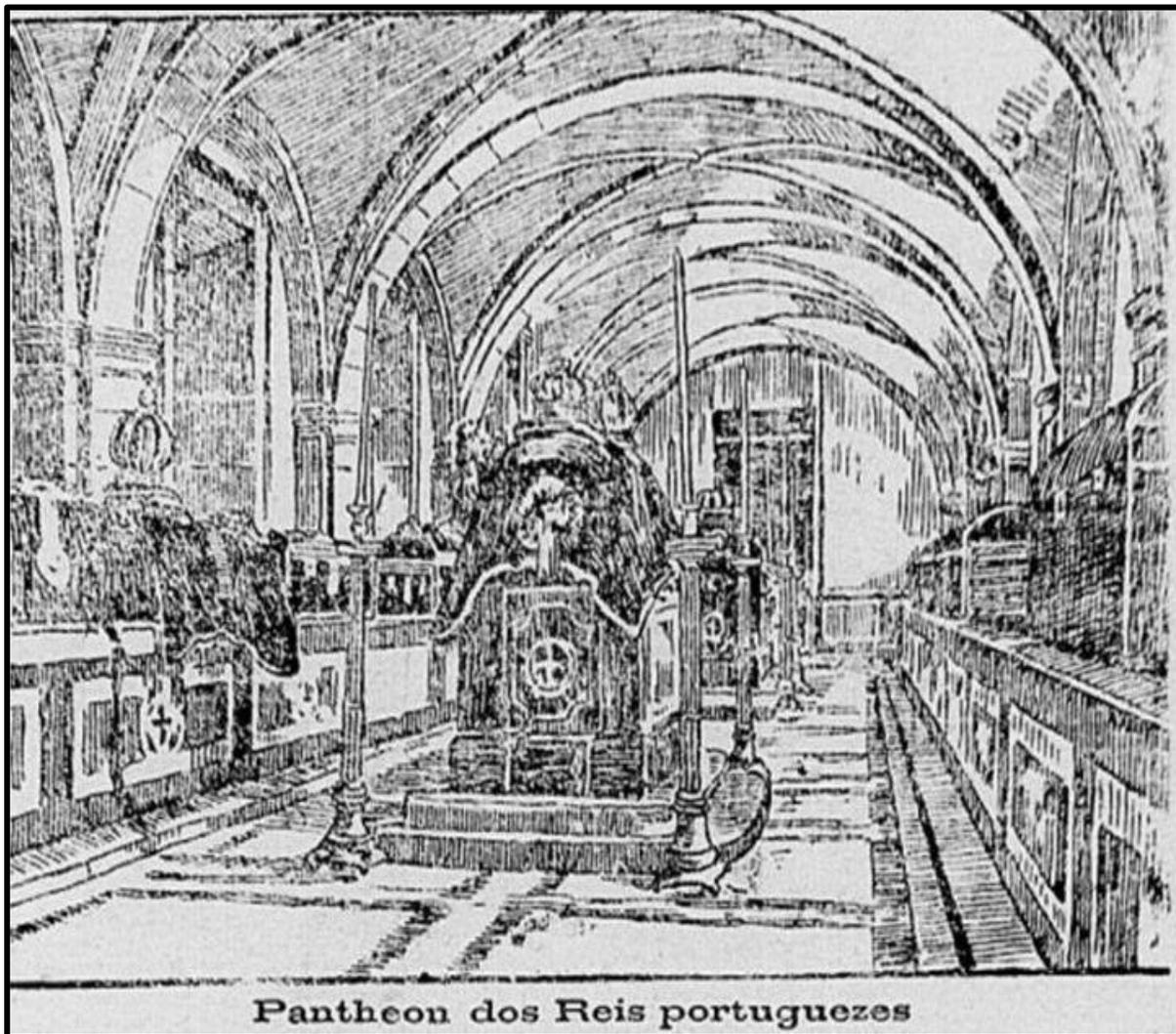
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

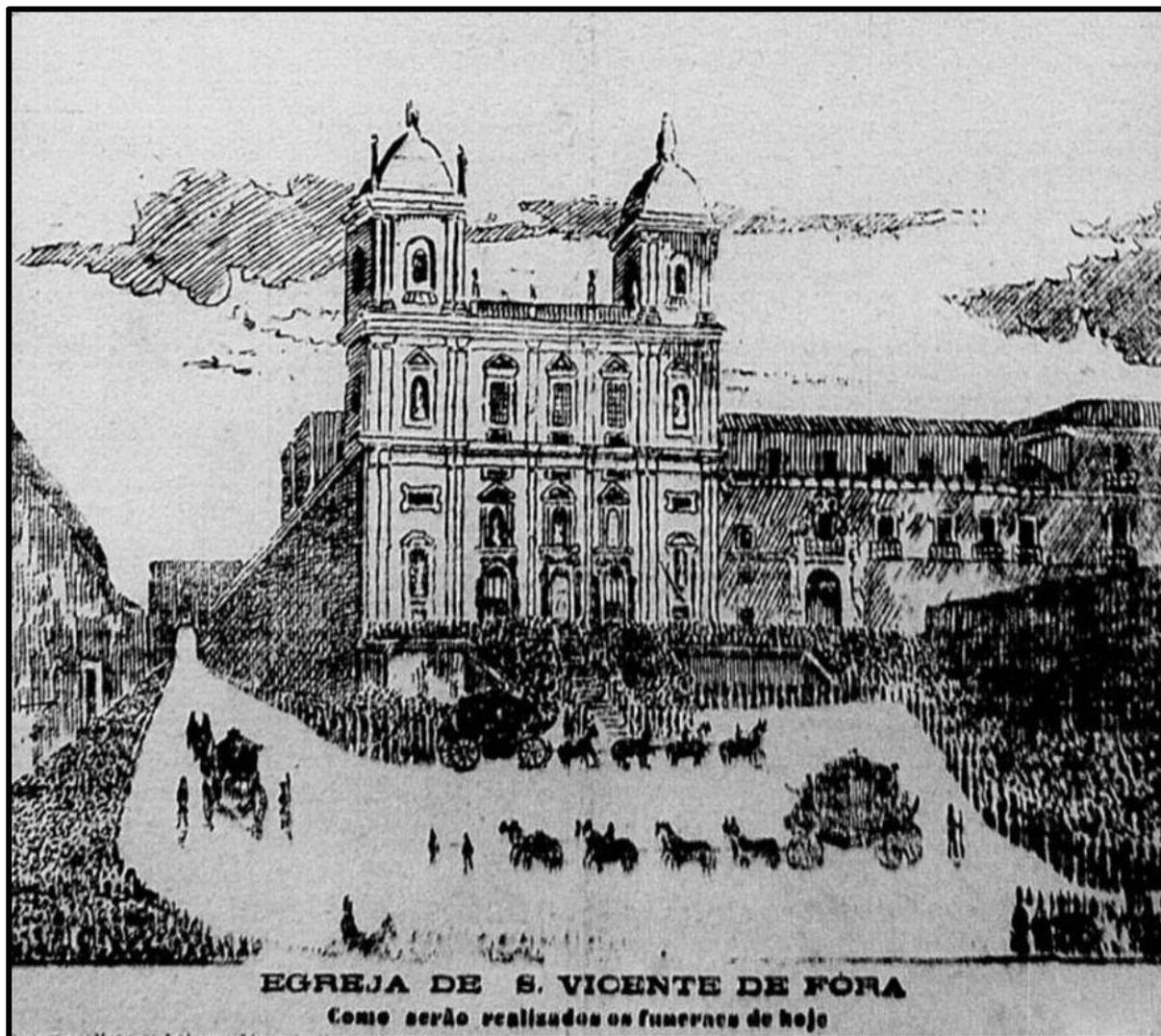


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O periódico *O País* foi fundado no Rio de Janeiro em 1884 e circulou até meados dos anos 1930. Tal periódico teve um relevante papel na defesa da causa abolicionista e constituiu uma das mais importantes publicações republicanas do Brasil, movendo em suas páginas relevantes campanhas para levar em frente os princípios antimonárquicos²⁷. Entre seus redatores estiveram alguns dos personagens políticos do Brasil Republicano. Após a mudança na forma de governo, atingiu sua fase de maior influência na vida política brasileira, tornando-se um dos jornais mais vendidos na capital²⁸. Na passagem do primeiro ano da proclamação da República, o jornal carioca assumia para si a responsabilidade e a obrigação na “obra de organização” do país sob a forma republicana, não descurando “da causa pública”, nem esquecendo “as doutrinas democráticas por que sempre pugnou”²⁹.

Apesar de seu viés voltado ao republicanismo, *O País* manifestou-se por meio de veemente crítica ao regicídio, afirmando que “o mundo inteiro vibrava de estupefação, de constrangimento e de revolta contra esse monstruoso atentado”, o qual eliminara “do cenário português a alta figura de seu rei” e o seu herdeiro. Enfatizava que tal “barbaridade cometida” repercutira “dolorosa e extensamente” junto à “terra brasileira”, uma vez que as “dores e alegrias” lusas seriam também as dos brasileiros. Apontava as circunstâncias em que aconteceram os crimes, demarcando que “a estupidez do atentado está em que

²⁷ SODRÉ, 2007. p. 237.

²⁸ LEAL, Carlos Eduardo. *O País*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

²⁹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1890.

os seus autores alvejaram o inocente, ou o menos culpado”, ou seja o monarca, assim como considerava que os regicidas “foram anarquistas libertários”, pertencentes a “uma seita fanática”. Em termos iconográficos, o periódico estampou alegoria na qual o escudo português aparecia coberto de crepe, além da presença de coroas de flores e dos retratos dos dois mortos. Também apareceram retratos de vários membros da Família Real e de personalidades políticas lusas e ainda momentos da vida do soberano assassinado e quadros de sua autoria, assim como cenas das solenidades fúnebres. Por meio de caricatura, o jornal criticava a secular preeminência britânica sobre Portugal; bem como as ações governamentais de força que estariam a macular a “brandura dos costumes” e a “resignação popular”, carâteres normalmente atribuídos ao povo luso; associava a uma figura diabólica a ação de vários homens públicos, dentre eles o ministro lusitano João Franco, cujas atitudes autoritárias foram consideradas como fatores que levaram ao regicídio; também discordava da postura da imprensa inglesa, considerada como contraditória; e apresentava a violência como resultado da pressão de monarcas, militares, clérigos e capitalistas sobre as classes menos favorecidas. Ainda compuseram o quadro de imagens, os retratos dos implicados no assassinio³⁰.

³⁰ O PAÍS. Rio de Janeiro, 3 fev. 1908, 4 fev. 1908, 5 fev. 1908, 6 fev. 1908, 7 fev. 1908, 8 fev. 1908, 9 fev. 1908, 10 fev. 1908, 14 fev. 1908 e 18 fev. 1908, .

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O Principe Real D. Luiz Felipe, com o seu uniforme de alferes do lanceros

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





El-rei D Manoel II

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O Príncipe Real, D. Luiz Felipe, no exercício de cavalaria no hipódromo.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





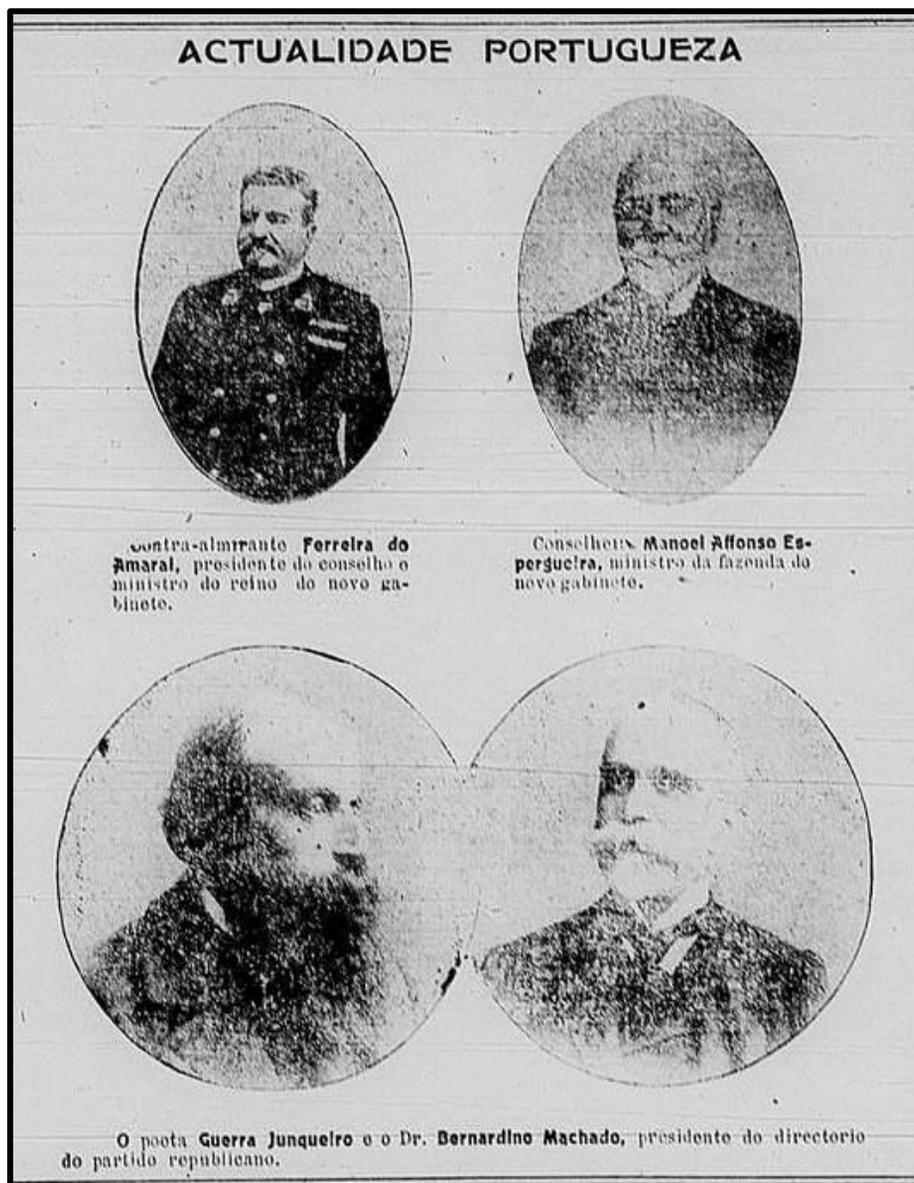
D. CARLOS I - retrato pintado pejo artista Carlos Reis

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





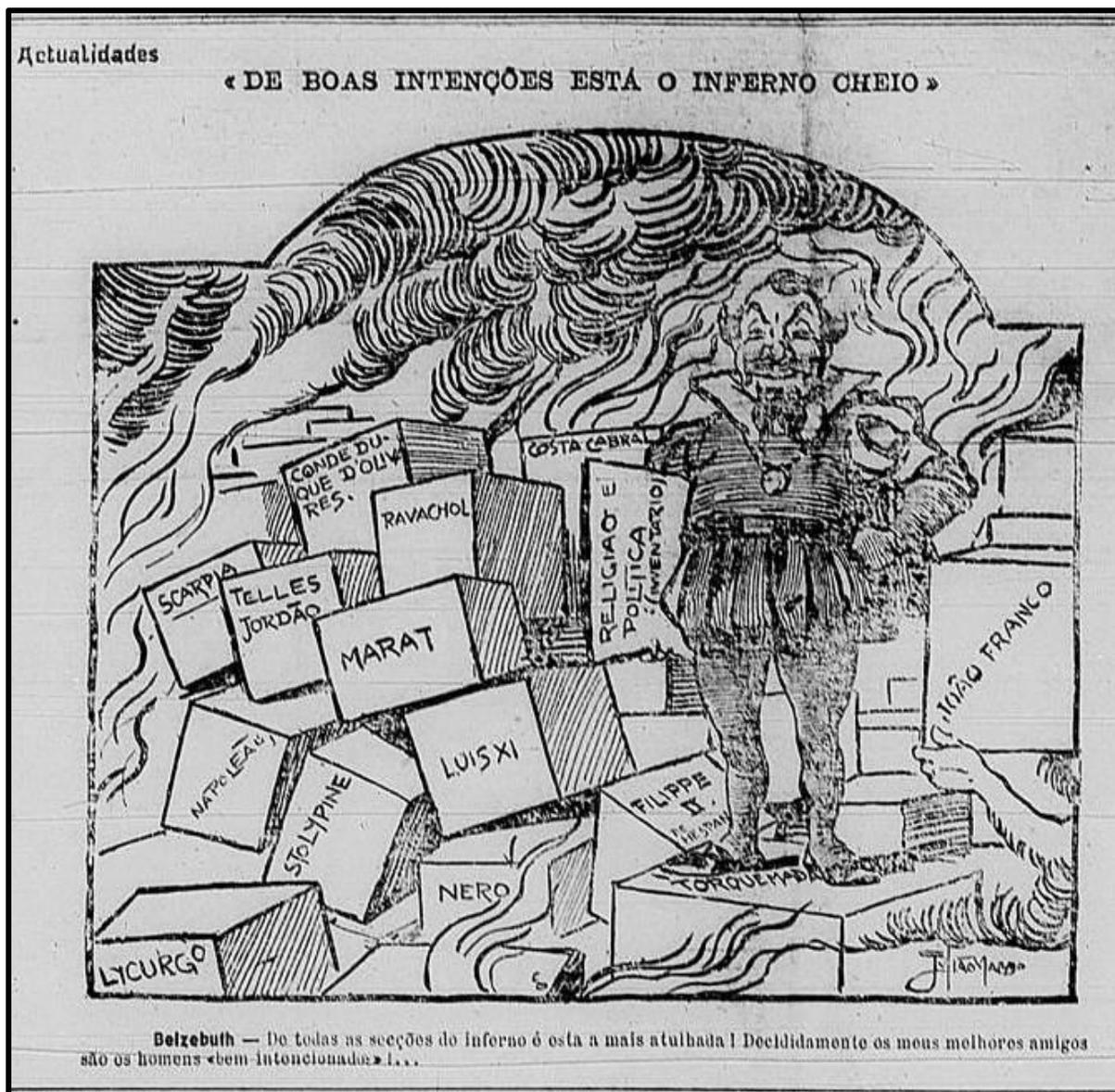
O ultimo discurso da coroa, proferido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos, perante o parlamento portuguez

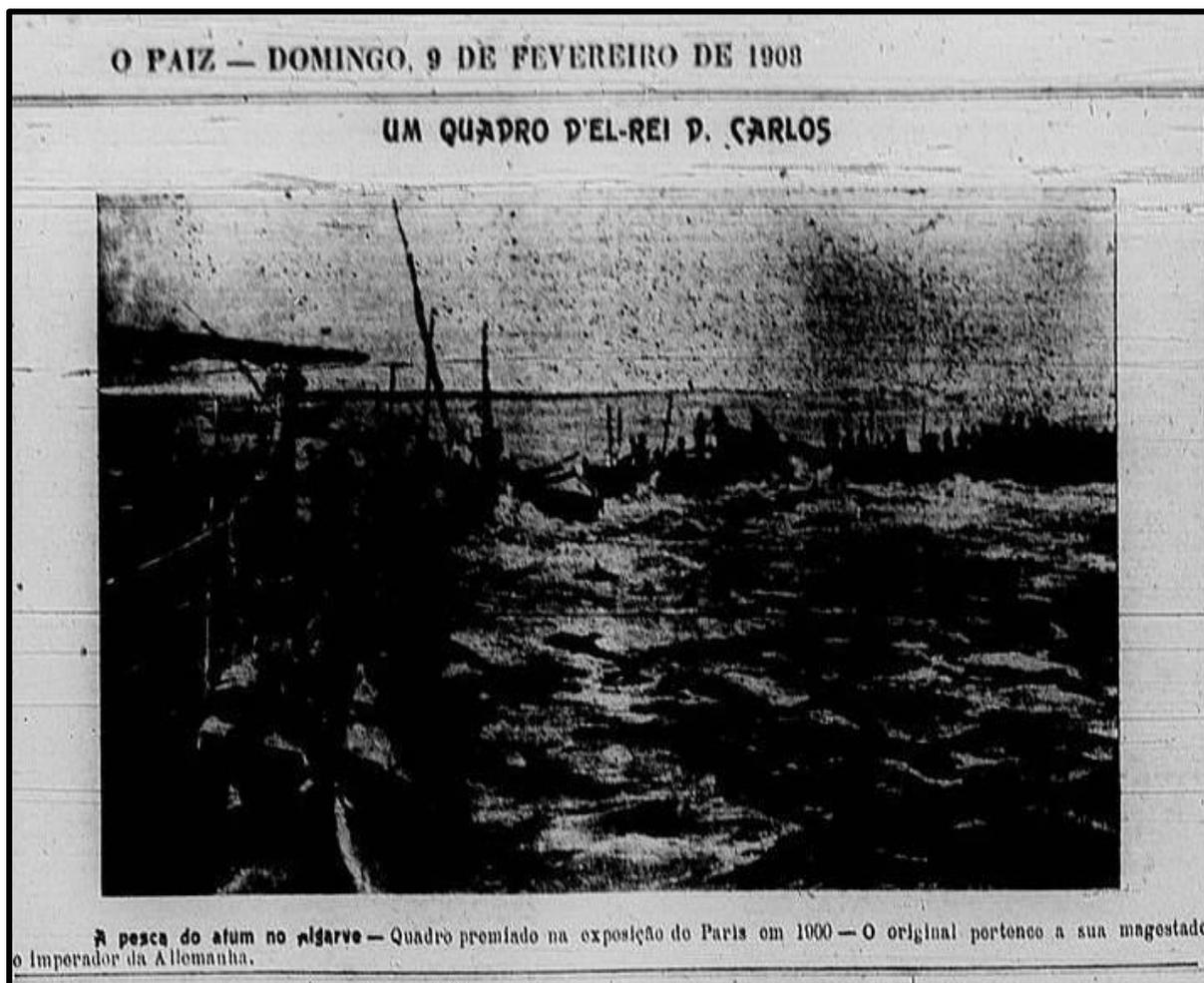
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





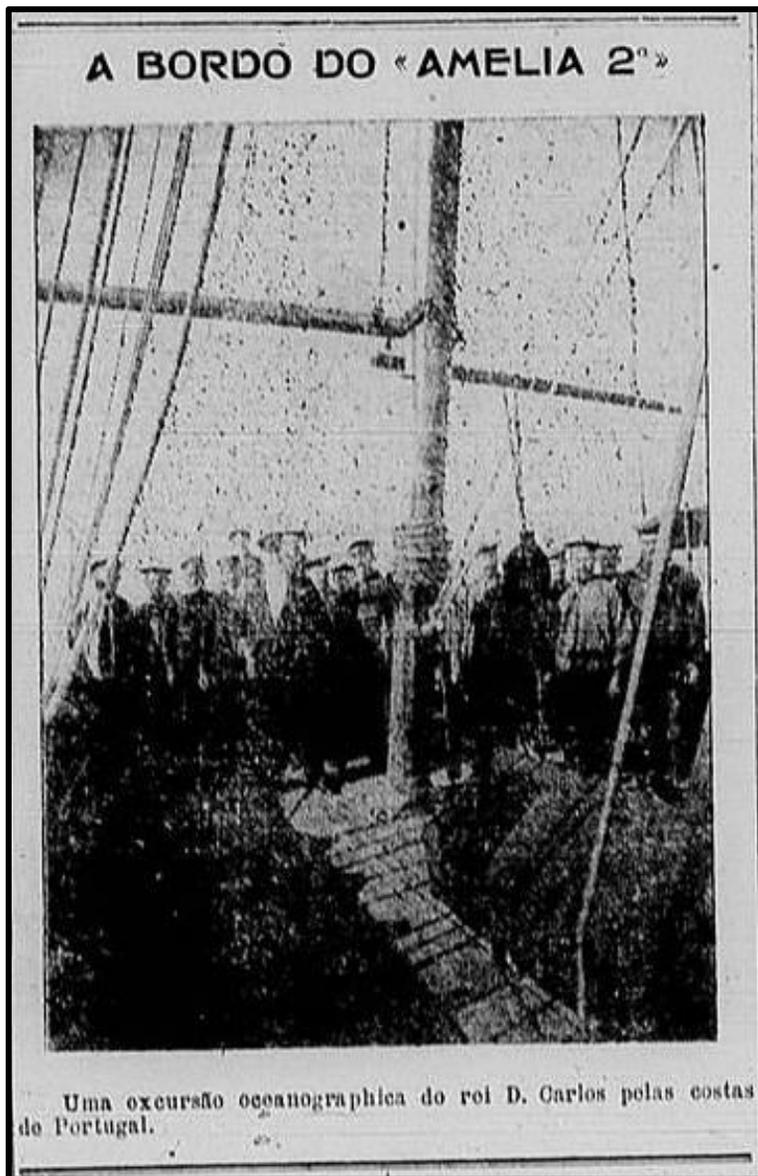
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

Damos hoje os retratos dos tres individuos do grupo que atacou a carruagem real no dia 1 em Lisboa e que foram immediatamente mortos no tiroteio travado.
Do primeiro delles, Manoel dos Reis da Silva Boiça, o *homem das*



MANOEL BOIÇA

barbas e do gúlio, como lhe chamaram antes que a sua pequena filha o reconhecesse no Necrotério, já demos hontem as mais completas notas biographicas.

Publicando hoje o seu retrato, tão diverso, aliás, do que foi dado por dois diarios da manhã ha alguns



ALFREDO DA COSTA

dias, completamos as informações sobre a sua personalidade tão tristemente evidenciada nestes ultimos tempos.

Tambem de Alfredo Luiz da Costa, de quem hontem publicamos dados biographicos, estampamos o retrato.



O desconhecido

O terceiro cliché é do individuo que, apesar dos esforços empregados, não pôde ser reconhecido.

Tais periódicos que associaram o texto à iconografia para apresentar as informações/opiniões sobre o regicídio visaram a dar algum nível de identidade para com os fatos narrados, criando uma espécie de personalização dos acontecimentos, além de intentarem qualificar como inaceitável o ato criminoso. Os protagonistas em tais representações imagéticas foram as vítimas do regicídio, com o objetivo de propiciar alguma empatia para com elas e de criar para as mesmas algum espaço em meio à memória social. Outras personalidades em destaque foram os diversos integrantes da Família Real e vários dos homens públicos que atuavam no cenário luso da época. As solenidades fúnebres e as lembranças dos assassinados em suas ações realizadas durante a vida e certos detalhes da vida urbana portuguesa também estiveram entre as imagens estampadas. As caricaturas, com seu tom crítico-opinativo compuseram igualmente tais presenças iconográficas. Essas faces e lugares serviram para a identificação de tais atores sociais para com o público leitor, bem como para estimular a solidariedade entre ambas as nações.

ATENTADOS CONTRA CHEFES DE
ESTADO NA IMPRENSA
ILUSTRADA BRASILEIRA

Entre a segunda metade do século XIX e as décadas iniciais do século XX foram diversos os atentados contra chefes de Estado, que resultaram em morte. Tais acontecimentos tiveram profundo impacto na comunidade internacional e a imprensa exerceu um papel relevante na divulgação dos mesmos. Tal processo também ocorreu junto ao jornalismo brasileiro que, por meio de editoriais, artigos, notas e transcrições de matérias e informes telegráficos, trouxe notícias e opiniões sobre o ocorrido, normalmente observado sob o prisma do trágico. Vários periódicos, além das construções textuais trouxeram material iconográfico para complementar o episódio narrado. Quanto a esses registros imagéticos, o protagonismo pertenceu aos retratos dos mortos, secundados pela presença de membros da família dos falecidos, seus sucessores ou atores da vida pública de cada um dos países. Entre reis e presidentes que foram vítimas dos atentados, podem ser destacados os casos de Abraham Lincoln, Venâncio Flores, Alexandre II, James Garfield, Sadi-Carnot, Humberto I, William Mackinley, Jorge I e Sidonio Paes. Apresentar a cobertura de periódicos brasileiros que se utilizaram de estruturas textuais e iconográficas a respeito desses nove assassinatos de chefes de Estado – observados como uma amostragem – constitui o objetivo deste capítulo.

A morte do presidente norte-americano, Abraham Lincoln, em atentado que também atingiu o seu secretário de Estado, William Henry Seward, ocorreu no ano de 1865, na esteira da Guerra de Secessão, que trouxe consigo um sangrento enfrentamento bélico entre os unionistas e os confederados, em conflito demarcado por dois projetos que traziam em si os futuros da nação

estadunidense em afirmação. O presidente uruguaio Venâncio Flores foi assassinado poucos dias após deixar o cargo, em 1868, em ação vinculada às tradicionais disputas da política interna oriental entre *colorados*, dos quais era sectário e seus adversários, os *blancos*. O czar russo Alexandre II foi vítima de diversos atentados, até que o último trouxe a sua morte, em 1881, estando o mesmo ligado às manifestações rebeldes que se opunham ao modelo autoritário que reinava na Rússia. O presidente estadunidense James Garfield foi assassinado em 1881 por indivíduo insatisfeito com os rumos de sua vida política. Sadi-Carnot, presidente francês, em 1894, quando estava em fase de certo apogeu de sua administração sofreu atentado por parte de um militante anarquista, o qual lhe levou ao falecimento. Outro assassinio político ocorreu contra o rei italiano Humberto I, morto por um partidário do anarquismo, em 1900. William Mackinley, presidente estadunidense, eleito para o seu segundo mandato, também foi vitimado por um ataque anarquista que trouxe o seu falecimento em 1901. O soberano grego Jorge I enfrentou várias dificuldades por ser apontado como estrangeiro e pelas várias guerras com as quais os helênicos estiveram envolvidos durante sua gestão, vindo a ser assassinado em 1913, havendo controvérsias quanto às motivações, políticas ou não, do atentado. Sidonio Paes, presidente português, foi vítima de mais de um atentado, fruto da instabilidade política que marcava Portugal durante os seus primeiros anos de forma de governo republicana, um deles resultando em sua morte no ano de 1918.

A *Semana Ilustrada* foi editada no Rio de Janeiro de 1860 até meados da década seguinte voltando-se à divulgação da arte caricatural, além de publicar poesias, crônicas e contos, em um quadro pelo qual, as crônicas ficavam ao encargo do “Dr. Semana”, figura que representava a redação da folha, e que comentava os acontecimentos semanais junto do seu “Moleque”, um pequeno escravo, que atuava como auxiliar do primeiro. Em sua redação e nas colaborações estiveram alguns dos mais conhecidos escritores, jornalistas e desenhistas da época³¹. A folha anunciava que “na política, no jornalismo, nos costumes, nas instituições, nas estações públicas, no comércio, na indústria, nas ciências, nas artes, nos teatros, nos bailes, nas modas”, viria a achar “assunto inexaurível” e matéria inesgotável para empregar o lápis e a pena³².

Tal revista repercutiu o assassinato do presidente norte-americano, manifestando-se com indignação, ao considerar que Lincoln e seu secretário de Estado teriam sido “imolados pelo revólver de assassinos”, tornando-se dois mártires da honra e do dever”, afirmando ainda que “o sangue que lhes correu das veias enegrece muito as últimas páginas da história dessa guerra de gigantes, que podia passar à posteridade sem tão abominável senão”, vindo a concluir com a lástima de se ver na obrigação de relatar “tamanho horror”. Sob o título “O luto nos Estados Unidos”, A *Semana* apontava que não poderia “deixar de pagar o seu tributo de pesar pelo sinistro acontecimento que acaba de enlutar

³¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.

³² SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, dez. 1860.

a grande nação norte-americana". Explicava que, "embora a constituição política daqueles estados" determinasse "que a perda de um homem signifique apenas isso, e não uma alteração no sistema", entretanto, "as circunstâncias singulares em que foi cometido" o atentado contra Lincoln e Seward, a partir do "mérito desses dois homens e, sobretudo, a situação do país", fizeram "com que este lamentável sucesso tenha um eco e uma importância considerável". Destacava também que preferia "crer que esse ato, reprovado e indigno, partiu apenas da inspiração individual de alguns exaltados do partido do Sul e não do resto do partido", já que "os americanos são homens de elevado caráter moral e espírito sincero", de modo que não se deveria acreditar "que uma das frações em que hoje se divide a grande república procurasse meios reprovados para o triunfo de causa", pois tais "atos desonram e desmoralizam" e "o partido que os praticasse decretaria a própria derrota", considerando, assim, que "algum exaltado, sem fé, sem moralidade, sem amor à terra em que nasceu, pode ter cometido o crime". Encerrando a matéria, o periódico declarava que acompanhava "a grande república na sua dor e nos seus pesares". Em termos iconográficos, o semanário apresentou ilustração que trazia a cena do assassinato, assim como estampou o retrato do autor do crime e também uma alegoria, que exaltava a atitude do Senado brasileiro em homenagear a Lincoln, no qual a enlutada nação estadunidense pranteava e era consolada pela imagem do indígena, representação do povo brasileiro³³.

³³ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 maio 1865, 28 maio 1865 e 11 jun. 1865.



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



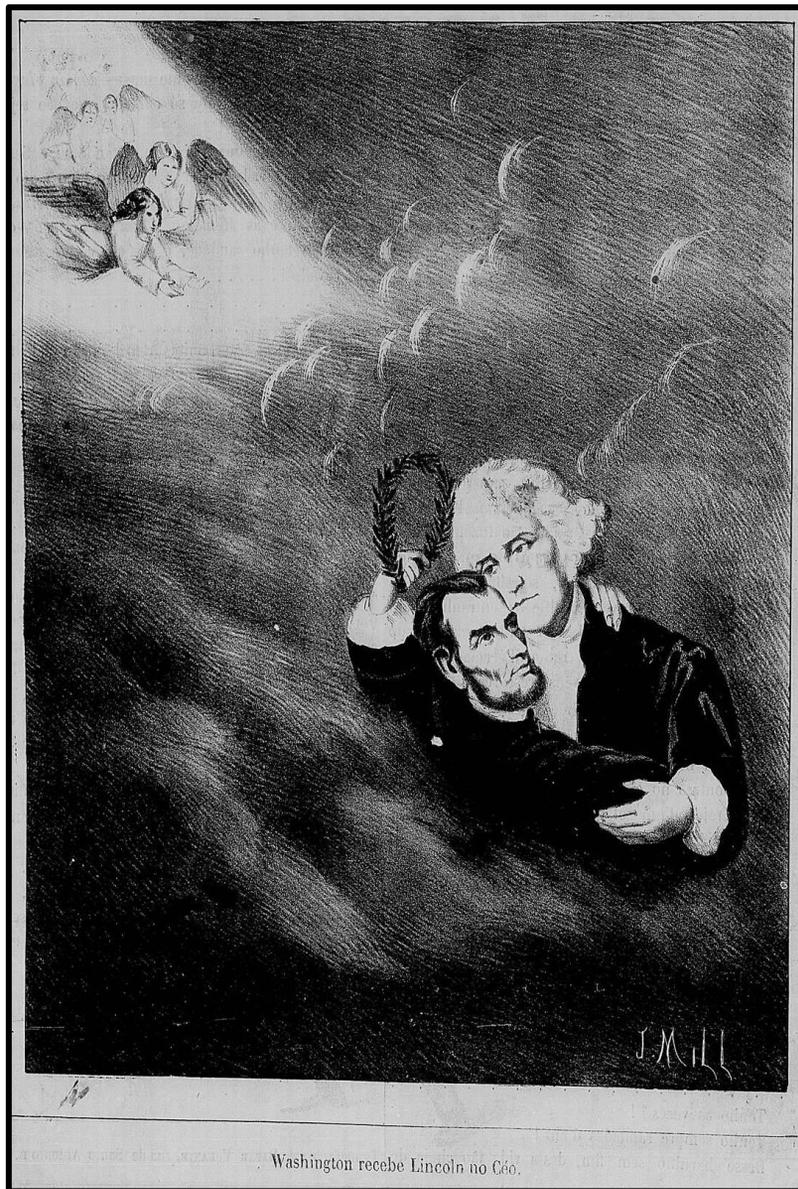


A publicação carioca *Bazar Volante*, com enfoque humorístico e ilustrado, circulou por aproximadamente três anos, a partir de 1863. Com base em seu título, figurativamente dizia que receberia “para dar extração toda a sorte de fazendas (não avariadas), que lhe quiserem enviar, e não levará por esse trabalho comissão alguma”, agradecendo “por todos os modos ao seu alcance as preciosas remessas que lhe forem feitas”. Mantendo a linguagem figurada, propunha-se a realizar “uma arrecadação arqueológica de metáforas epigramáticas, abundantemente adubadas com o sal ático da ciência infusa e temperadas com o mel de fel, acidulado com lambedor de pilhérias”, permanecendo assim “num revérbero cruel de delicioso pandemônio de alegres torturas e de *outras cositas mas*”³⁴. A revista caricata apresentou representação iconográfica na qual, em céu de nuvens espessas, abria-se um clarão, iluminado por figuras angelicais, em meio ao qual George Washington recebia Lincoln, colocando-se sobre a cabeça deste uma coroa de louros, em sinal de que o presidente assassinado estaria a ser aceito em meio ao panteão daqueles que eram considerados como “os país da pátria”³⁵.

³⁴ BAZAR VOLANTE. Rio de Janeiro, 27 set. 1863 e 4 out. 1863.

³⁵ BAZAR VOLANTE. Rio de Janeiro, 10 dez. 1865.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A revista ilustrada *A Vida Fluminense* circulou no Rio de Janeiro entre 1889 e 1890, em cujo primeiro número apresentava-se por meio de um versinho dizendo que nascia “espertinho e robusto”, confiando “no porvir”, de maneira que pudesse “viver a rir” e “crescer sem custo”. Procuraria satirizar “os erros”, buscando “neste meio, ser útil ainda que brincando”. Em seu prospecto dizia que se propunha a ser um periódico de atualidade, dando ao leitor resenha analítica dos fatos e incidentes da sociedade, encarados pelo lado ridículo. Nessa linha, garantia que a sátira seria a sua nota dominante, e, a partir dela, acompanharia os fatos da semana, abordando os episódios da vida social, literária, política, artística, financeira e esportiva, os quais seriam comentados pelos lápis e penas dos seus redatores artísticos e literários, vantajosamente conhecidos³⁶.

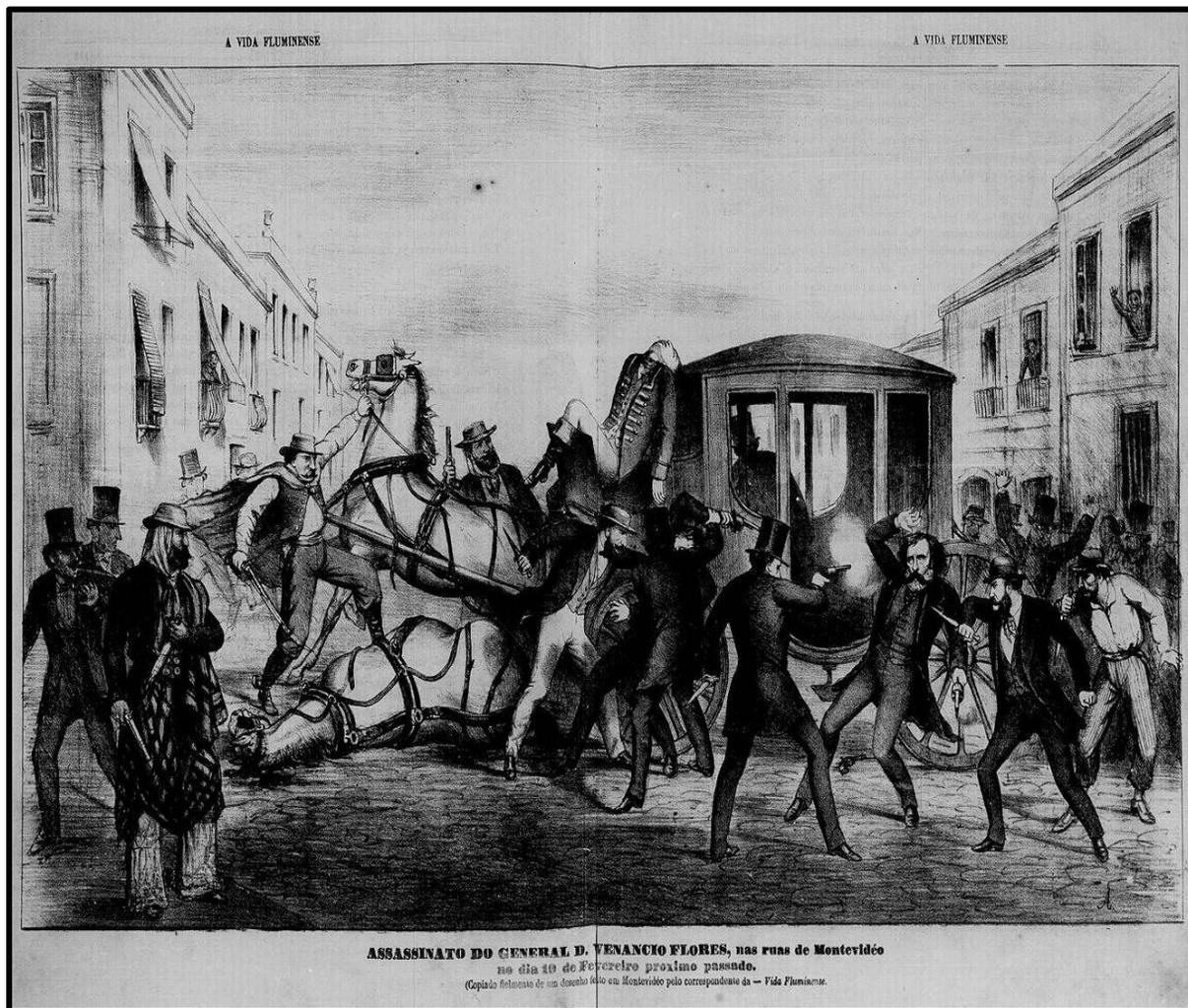
Tal publicação humorística carioca anunciava que viria a reproduzir “um esboço representando o assassinato do general Venâncio Flores”, obtido junto “a um amigo residente em Montevideú”, o qual fora “traçado de conformidade com as informações ministradas por duas testemunhas de vista”. Referindo-se à situação política uruguaia, o periódico dizia que “em Montevideú andam os *blancos* de canto chorado, sem saber onde” poderiam se “refugiar para escaparem à justa *vendeta* dos *colorados*”, especificando que não haveria “recanto, por muito ermo que seja, que lhes pareça seguro valhacouto”, pois “de todos desconfiam, principalmente de seus próprios correligionários”. Com sátira e ironia, concluía, utilizando-se da adaptação de um axioma popular, constatando que “eles são *blancos*, lá se entendam!”. A ilustração descrita como

³⁶ A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 7 set. 1889.

copiada “fielmente de um desenho feito em Montevideú pelo correspondente da *Vida Fluminense*, prometida na edição anterior, foi publicada, trazendo o “assassinato do general D. Venâncio Flores”, o qual era atacado por meio de tiros disparados de revólveres, além de punhaladas contra ele desferidas³⁷.

³⁷ A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 29 fev. 1868, e 7 mar. 1868.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A imprensa voltada à caricatura no Rio Grande do Sul foi inaugurada por *A Sentinela do Sul*, que atingiu uma qualidade editorial, com os usos das técnicas litográficas e tipográficas, bem elevada em relação aos demais periódicos da mesma natureza, no contexto provincial, bem como manteve uma postura razoavelmente moderada em comparação com estes mesmos colegas de pauta jornalística. Sua circulação ocorreu entre 1867 e 1869³⁸. Apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério, sustentando a proposta editorial de “estar disposta a ‘maçar’ os seus leitores todos os dias, com a única exceção dos de semana e os santificados, através de oito páginas mistas, isto é, de texto e de gravuras”, nas quais abrangeria, “tanto quanto lhe fosse possível, as ocorrências da respectiva semana”. A crítica seria “naturalmente o elemento principal da publicação” a partir dali encetada, mas que seria “manejada com discernimento, e que nunca se passaria das raias da justiça e da honestidade”. O gênero ao qual se integrava não era esquecido no programa da *Sentinela*, ao destacar que a caricatura não poderia faltar, pois ela seria “o sal ático da publicação, que em tom joco-sério” diria “muitas verdades, e fiel ao antigo princípio *ridendo castigare mores*”, se esforçaria “com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania, no que elas têm de mais caro – seu amor próprio”³⁹.

³⁸ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.

³⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

A respeito do atentado contra Venâncio Flores, a folha sul-rio-grandense apresentava gravura que representava o túmulo do político uruguaio, o qual era pranteado por uma figura feminina alusiva à “liberdade”, a qual estaria “chorando a morte de um dos seus mais valorosos campeões”. Era estampado o retrato do presidente assassinado, explicitando o semanário que tal registro iconográfico “do malogrado general Flores, que há pouco caiu debaixo dos golpes de desalmados sicários” seria complementado pela transcrição das “sentidas linhas” de um jornal uruguaio dedicadas “ao finado, noticiando o horrível atentado de que fora vítima”. O artigo transcrito demarcava que “o martirólogo da liberdade conta mais uma vítima”, pois “os anais do crime registram em suas páginas sangrentas um novo delito horroroso”, tendo em vista que o político fora “traíçoeiramente assassinado”. O periódico apontava os *blancos* como os responsáveis pelo assassinio, de modo que os mesmos teriam se manchado “com o sangue generoso daquele digno veterano da democracia”, ao cometerem “o parricídio que priva a república de um de seus primeiros cidadãos”. O hebdomadário porto-alegrense trouxe ainda uma adaptação do desenho publicado por *A Vida Fluminense*, retratando a cena do crime⁴⁰.

⁴⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º mar. 1868 e 12 abr. 1868.

A SENTINELLA DO SUL.

Audacem fortuna iuvat.

ASSIGNATURAS.
Para a capital.
Semestre... 7\$000.
Anno..... 12\$000.
Avulso 440 rs.

Jornal illustrado, critico e jocoso-serio.
Publica-se todos os dias, com excepção dos dias da semana.
Redactores: Diversos.

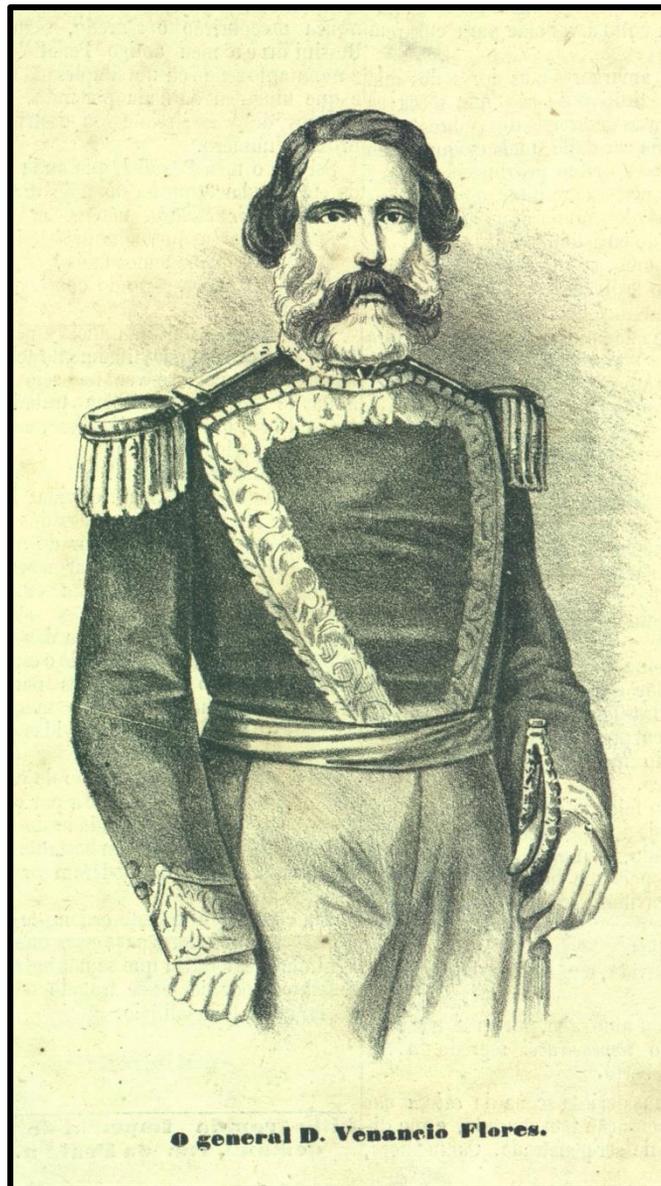
ASSIGNATURAS.
Fóra da capital.
Semestre... 8\$000.
Anno..... 14\$000.
Pagos adiantados

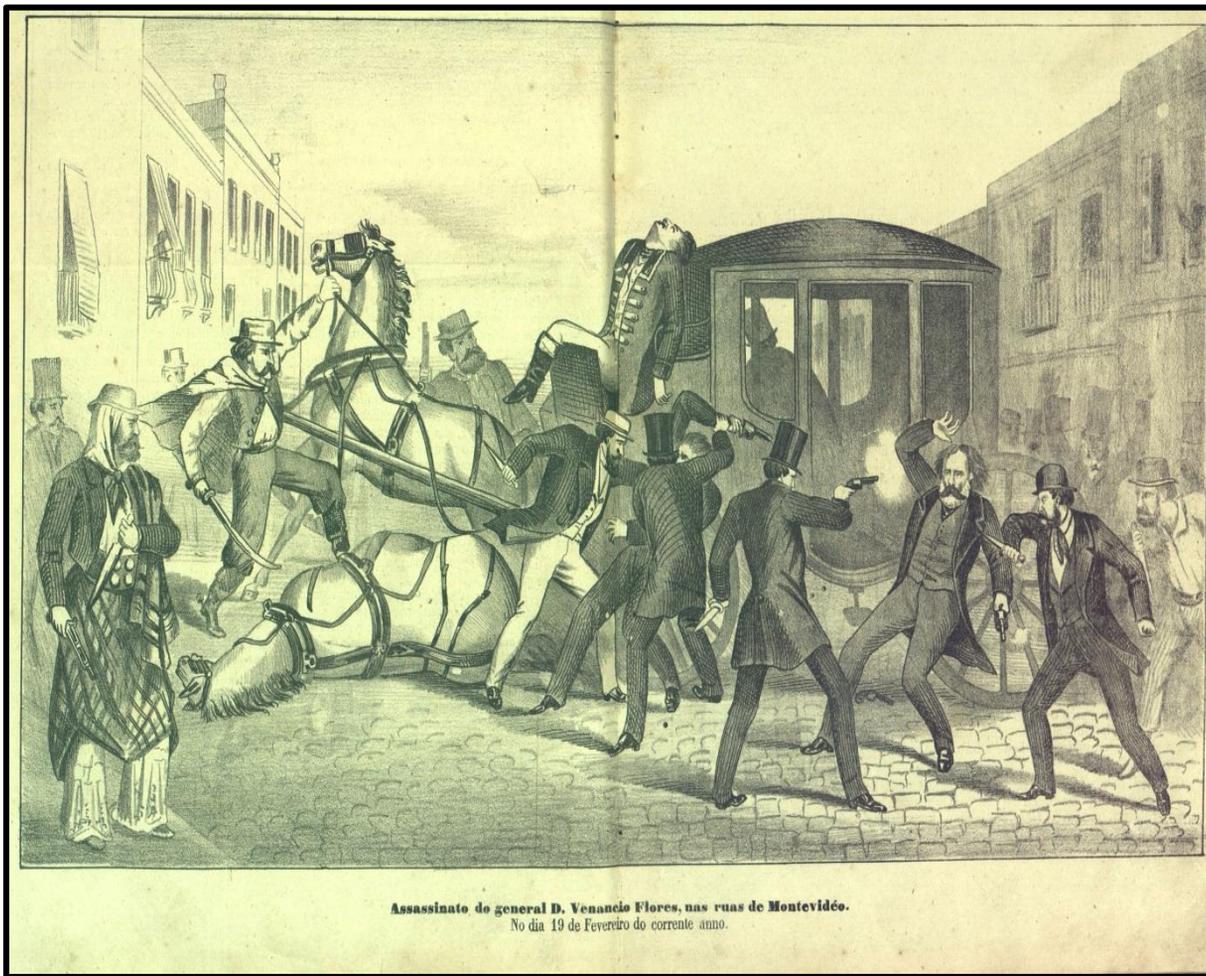
Anno 2.º | **PORTO ALEGRE.** | **N.º 35.**
Domingo 1 de Março de 1868.

GENERAL D. VENANCIO FLORES

A liberdade chorando a morte de um dos seus mais valentes campeões.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Editada no Rio de Janeiro, entre 1876 e 1898, a *Revista Ilustrada* constituiu uma das mais influentes revistas ilustradas e humorísticas do Brasil do século XIX, exercendo papel fundamental na promoção das campanhas abolicionista e republicana. Tornou-se verdadeiro referencial para a arte caricatural praticada por meio da imprensa em várias partes do Brasil, chegando seus desenhos a ser reproduzidos e seu estilo imitado em vários periódicos dedicados à difusão da caricatura⁴¹. Em seu número inaugural, a *Revista* expressava a vontade de que fosse aberto um caminho “bem franco” para “mais um campeão” que se apresentava “na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer” que viessem, e “a distribuir justiça com a hombridade de Salomão”. Seu programa era anunciado como um dos mais simples, podendo “ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente”⁴².

⁴¹ A respeito do periódico, observar: COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011.; MONTEIRO LOBATO, José Bento. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, 1920. p. 9-40.; SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D’O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.; e TÁVORA, Araken. D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976.

⁴² REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1876.

A *Revista Ilustrada* dizia ver sem surpresa e “sem espanto o assassinato do imperador da Rússia”, estando a esperá-lo, “desde muito, sem o desejar”. Argumentava que “a Rússia viu-se isolada desde que triunfou em todos os Estados europeus o regime constitucional”, de maneira que “a sua situação já era melindrosa, e tornara-se completamente insustentável perante as novas aspirações”, já que “parar quando as outras nações marchavam foi o seu grande erro”. Nesse sentido, considerava que o país em pauta recebera abertamente certos progressos do ocidente, de forma que “só a insensatez poderia tentar manter ali uma monarquia oriental”, de maneira que “era forçoso ceder ou morrer” e “o czar escolheu a segunda ponta do dilema”, contando “o niilismo” com “a sua primeira vitória”. Apontava ainda que um dos regicidas, que já deveria “ter-se encontrado com Alexandre na eternidade, foi um assassino que legou um exemplo à história, matando o imperador da Rússia”, e concluía questionando: “a quantos mandou matar o imperador, sem dar nenhum exemplo?”. A revista publicou a efígie de Alexandre II em sua capa e, sobre o regicídio, construiu um conjunto caricatural que mostrava o ataque ao czar e o bobo da corte estranhando a forma pela qual a imprensa e a população receberam os informes sobre os acontecimentos, além de contrapor as razões do atentado como originárias a partir do destino ou da providência divina e na disputa entre autoritarismo e niilismo, observava o prevalecimento da “bestialidade humana”, da “estupidez humana”, da “ignorância” e do “fanatismo”, em detrimento da “lógica, coerência e razão”⁴³.

⁴³ REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 19 mar. 1881.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

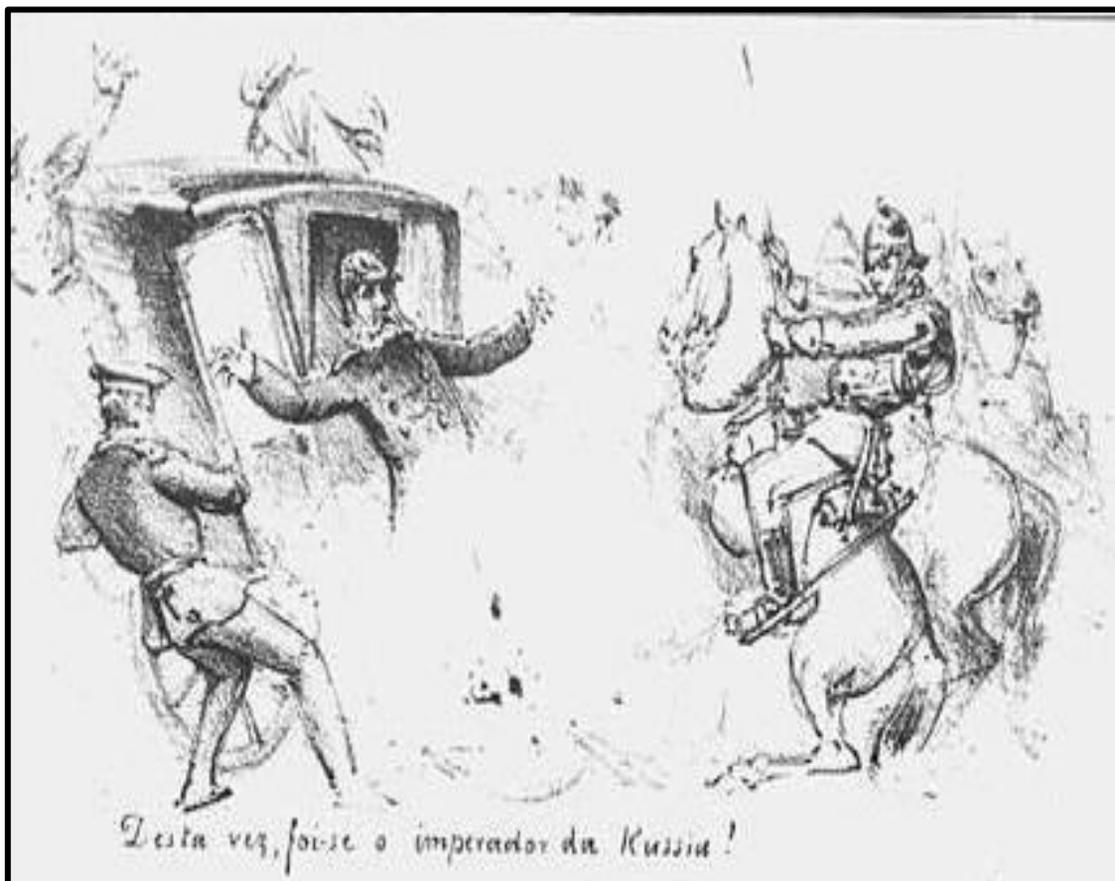
ANNO 6. RIO DE JANEIRO. 1881. Nº 242

REVISTA ILUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas à RUA D'ASSEMBLEA 44 OFFICINA LITHOGRAPHICA da REVISTA ILUSTRADA.	PROVINCIAS	
ANNO	16 \$000		ANNO	20 \$000
SEMESTRE	9 \$000		SEMESTRE	11 \$000
TRIMESTRE	5 \$000	AVULSO	\$500	



Alexandre II Imperador da Russia.



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



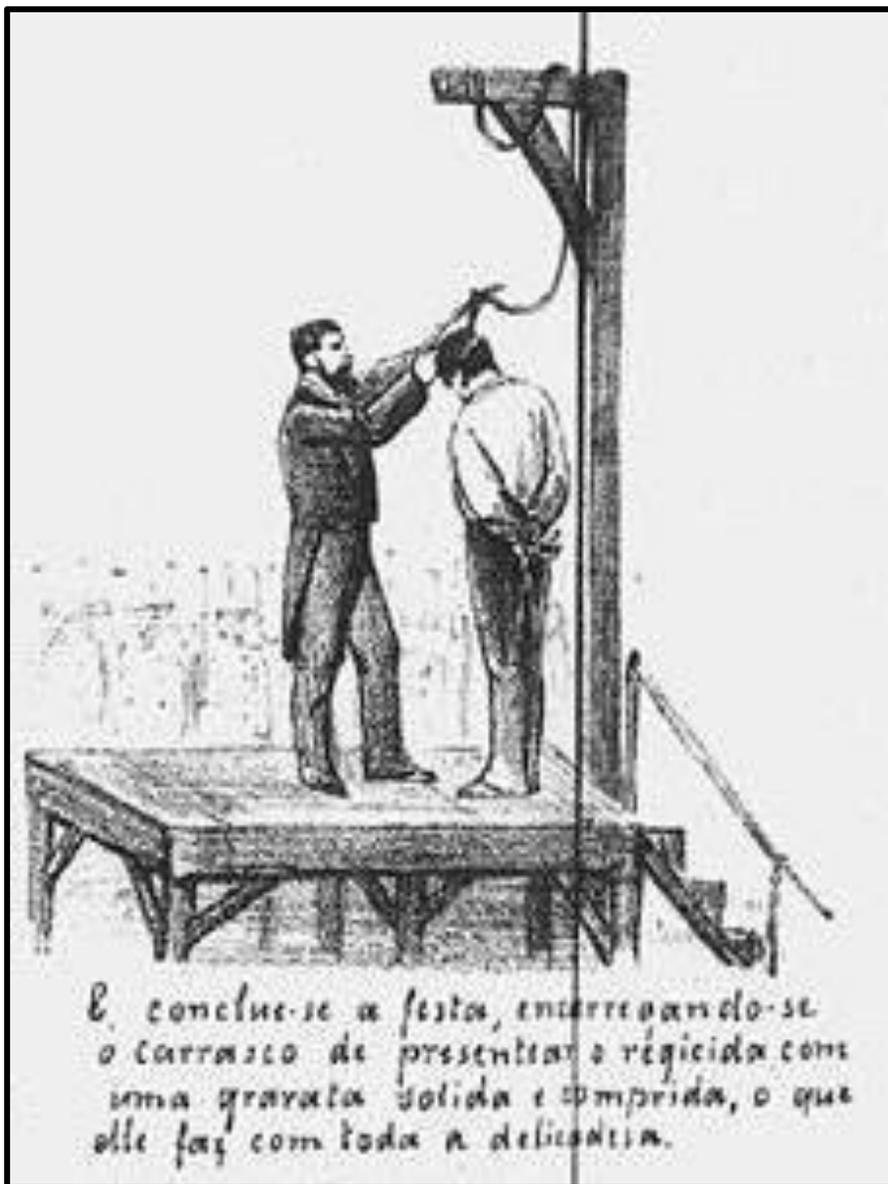


ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

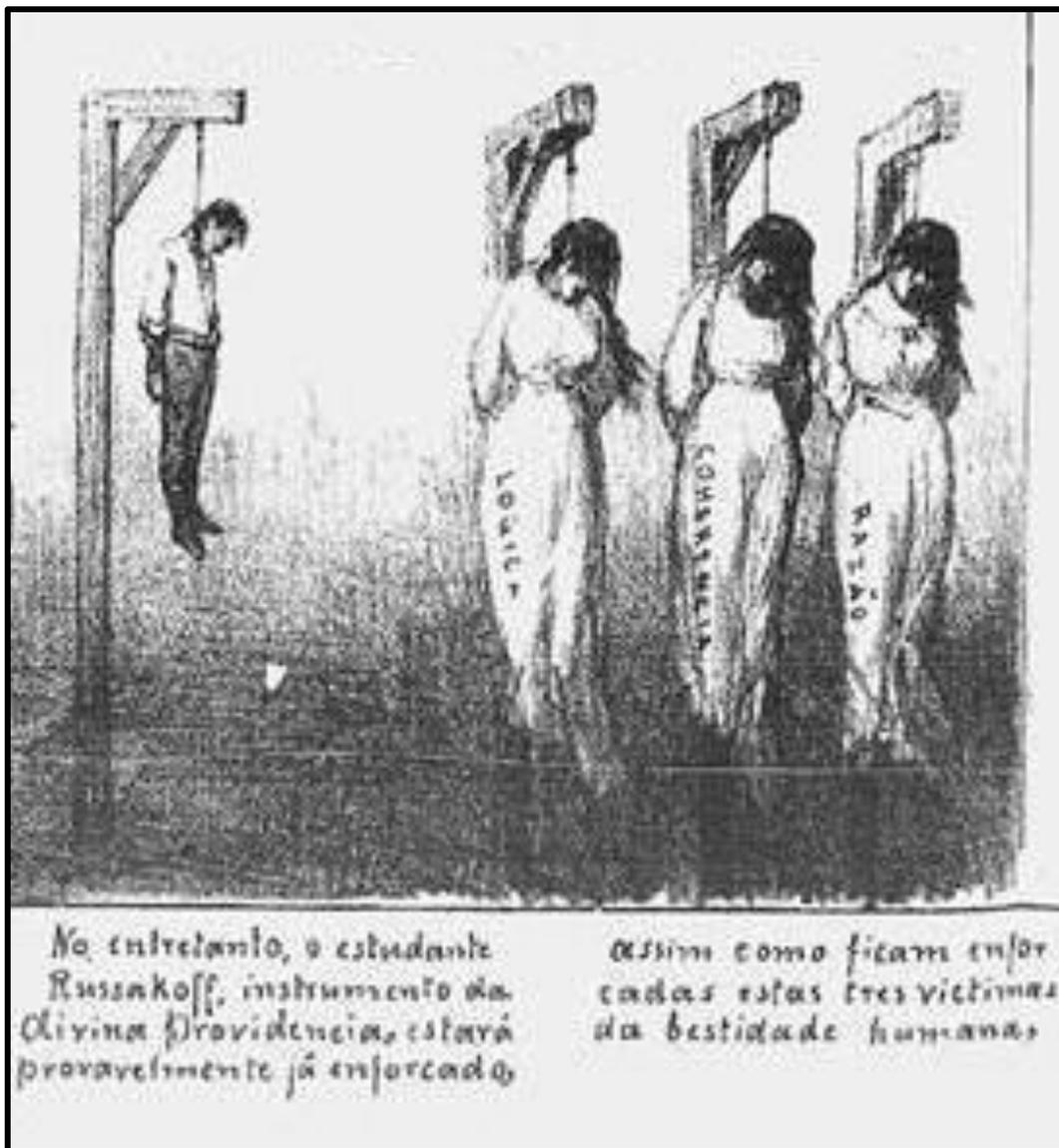




A segunda deve ser de resignação
diante os decretos da Divina Prôvis-
dência,

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



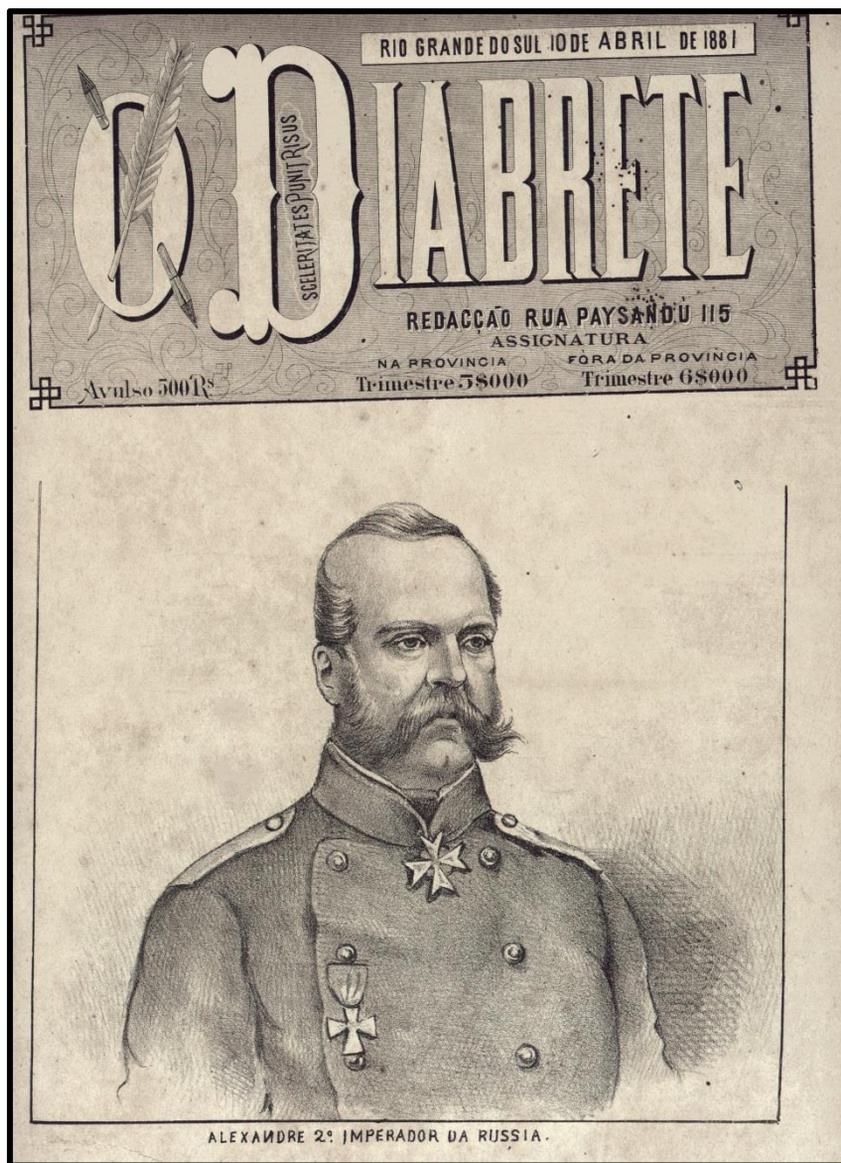
Na cidade sul-rio-grandense do Rio Grande foi publicado o periódico caricato *O Diabrete*, que circulou entre 1875 e 1881⁴⁴. Em seu programa dizia que, “sem constituir postes de injustificáveis agressões”, procuraria “timbrar pelo razoável de suas aspirações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a seguinte legenda” que lhe serviria de “norma em suas árduas pugnas – *Lectore dilectanti pariterque monendo*”. Em alusão ao seu título, afirmava que, “quando a generalidade dos leitores, beatificamente diz com a devoção que lhe é peculiar – ‘livre-nos Deus da tentação do demônio’”, seria, “sem dúvida, árduo trabalho apresentar-lhe este *Diabrete* e pedir-lhe não só que se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispense a valiosa e nunca assaz louvada proteção, que a esmo dispensam a outros ‘diabretes’”, que, “de formas várias por aí vivem a levar a mais perigosa ebulição a incautos e desprevenidos corações”⁴⁵. A respeito do atentado contra Alexandre II, sem comentários textuais, o semanário caricato sul-rio-grandense, inspirado na *Revista Ilustrada*, apresentou igualmente o retrato de Alexandre II em sua capa, bem como adaptou uma das ilustrações do conjunto caricatural da publicação carioca, apresentando o atentado contra o czar, com a legenda: “Desta vez foi-se o imperador da Rússia”⁴⁶.

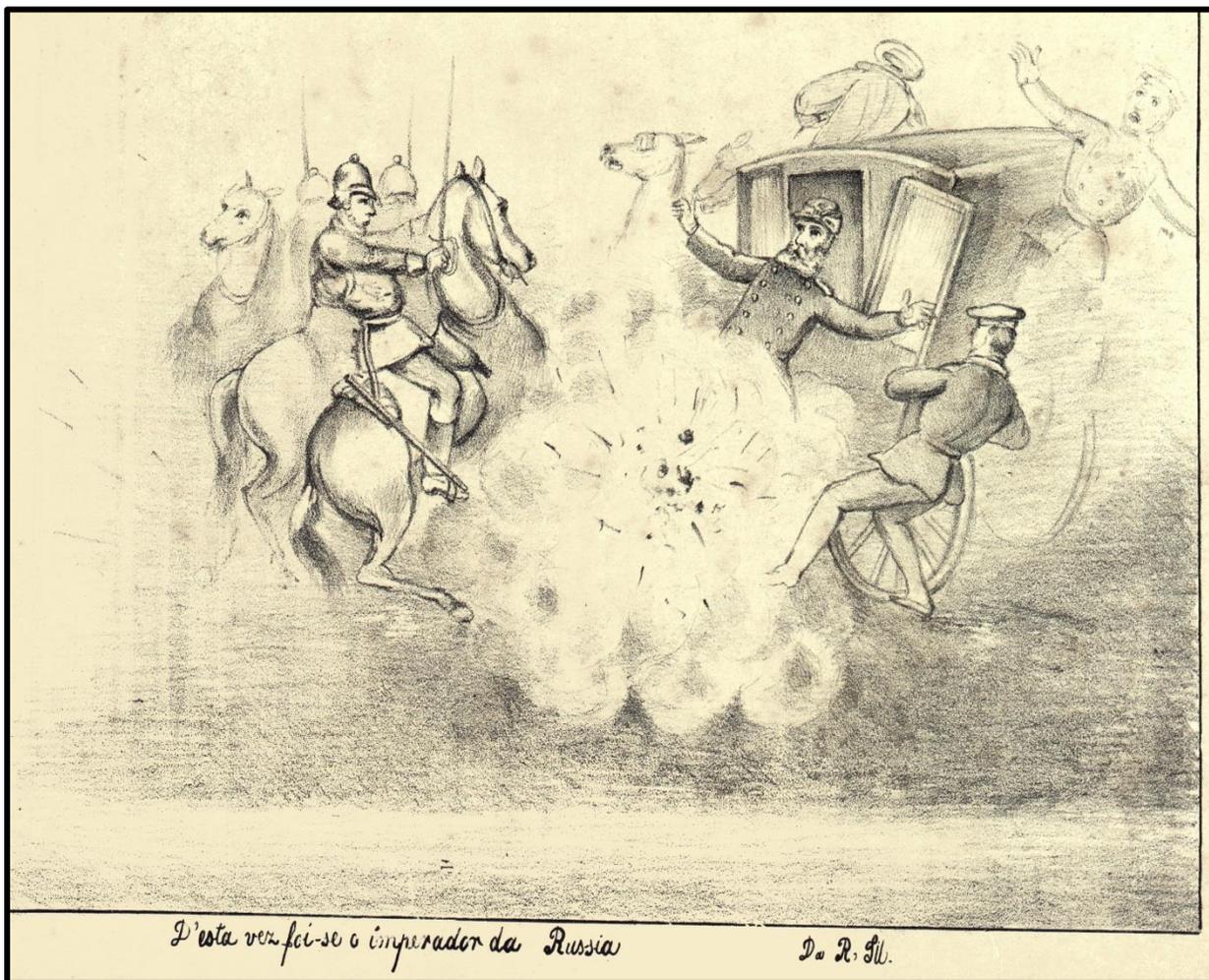
⁴⁴ FERREIRA, 1962. p. 160-167.

⁴⁵ O DIABRETE. Rio Grande, 4 jul. 1875.

⁴⁶ O DIABRETE. Rio Grande, 10 abr. 1881.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





O assassinato do presidente estadunidense James Garfield foi notificado pela já citada *Revista Ilustrada*, que estampou o seu retrato na primeira página, além de informar sobre “a triste notícia do falecimento”, tendo sido consumado “o indigno assassinato de que foi vítima o ilustre cidadão, cuja morte enche de consternação toda a grande república americana e todo o mundo civilizado”. O morto era qualificado como “político hábil, grande filósofo, de maneiras distintas, agradável no trato, calmo e digno”, sendo ainda “dotado de grande energia, mas cortês e moderado”, e, “patriota, livremente eleito”, parecia “que nenhum outro deveria estar mais seguro de não provocar ódios mortais”, mas acabara por se tornar “o segundo grande presidente da grande república, que caí vítima do assassinato”⁴⁷.

⁴⁷ REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 24 set. 1881.

ANNO 6. RIO DE JANEIRO 1881. Nº 266

REVISTA ILUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondência e reclamações devem ser dirigidas à RUA D'ASSEMBLEIA 44 OFFICINA LITHOGRAPHICA da REVISTA ILUSTRADA.	PROVINCIAS	
ANNO	16 \$000		ANNO	20 \$000
SEMESTRE	8 \$000		SEMESTRE	11 \$000
TRIMESTRE	5 \$000	AVULSO	65 \$00	



A detailed black and white engraving of a man with a full beard and mustache, wearing a dark suit and a bow tie. He is shown in a three-quarter profile view, looking towards the left. The background behind him is a textured, stippled grey.

G. GARFIELD
Presidente dos Estados-Unidos.

O semanário ilustrado *O Século* foi publicado na capital gaúcha, Porto Alegre, entre 1880 e 1893 e seu norte editorial foi embasado nas tiradas chistosas, por vezes associadas ao escárnio e à crítica profunda, levando bem longe suas cutiladas, ao associar textos e imagens. Esteve entre os mais longevos e, dentre os caricatos, foi o de maior tiragem e circulação da província e muito de seu êxito esteve ligado ao olhar ferino que lançava sobre a sociedade⁴⁸, vindo a constituir um periódico que obteve grande receptividade pública⁴⁹. Em sua primeira edição, afirmava que, “sem títulos que o recomendem, mas aspirando a nobres e elevados fins”, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Dirigindo-se “ao público”, a redação dizia que *O Século* não teria “um programa definido”, vindo a tratar “de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral”. Além disso, declarava ter “fé no porvir”, esperando assegurar “o seu posto no jornalismo da província”⁵⁰.

A homenagem à figura presidencial norte-americana foi também realizada pelo periódico rio-grandense-do-sul, que apresentou o busto do personagem em sua capa e constatou que Garfield fora “vilmente assassinado, vindo a traçar alguns detalhes de sua biografia, com destaque para as atuações como educador, militar e político. Considerava que “o nome que o presidente

⁴⁸ FERREIRA, 1962. p. 90-132.

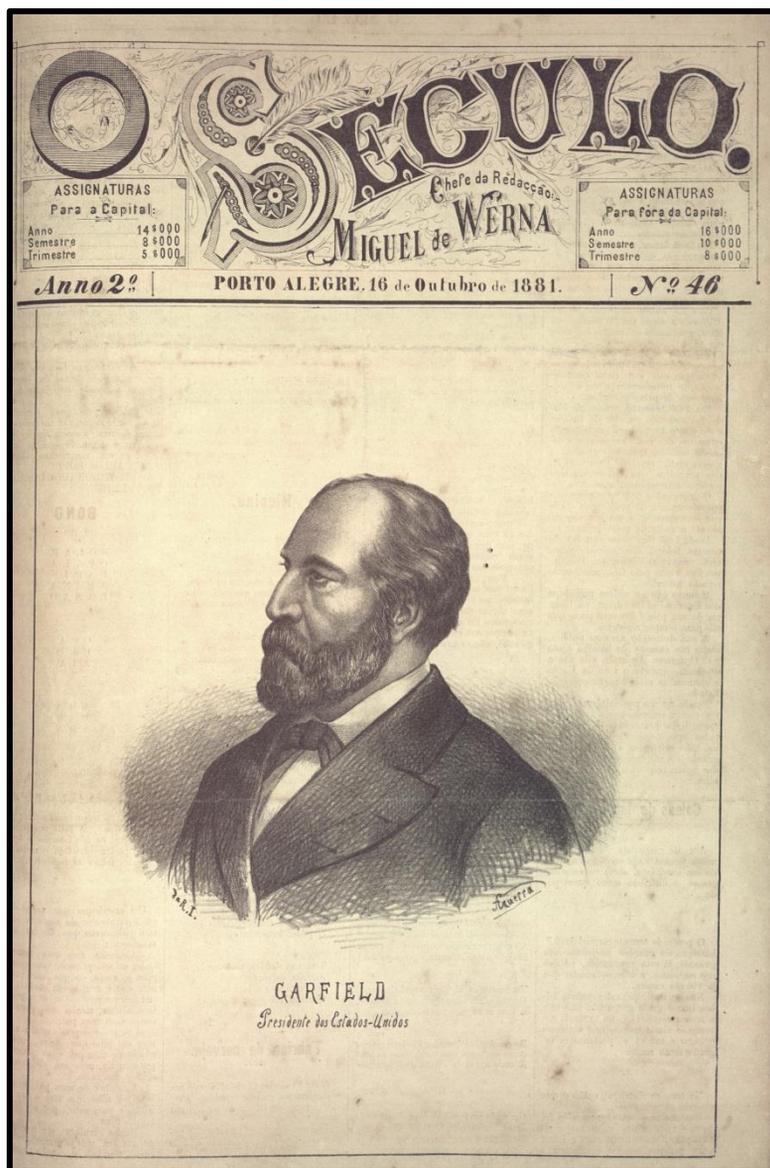
⁴⁹ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 41.

⁵⁰ O SÉCULO. Porto Alegre, 11 nov. 1880.

deixa na história do seu país é dos mais puros que ela para sempre registrará”, uma vez que “a sua dedicação à causa pública, assim nos campos de batalha, como no Congresso Federal, ele não a desmentiu quando o voto da União o chamou às mais altas funções do Estado”. Ainda a respeito do governante, dizia que, “ferido no seu posto de honra, morreu com a consolação de que a sua morte seria pranteada debaixo de todos os tetos da União, como a de um filho extremoso e estremecido”, sendo “guardada a sua memória como uma das veneráveis tradições da república”⁵¹.

⁵¹ O SÉCULO. Porto Alegre, 16 out. 1881.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A cobertura do assassinato do presidente francês Sadi-Carnot por parte da imprensa brasileira ficou prejudicada, tendo em vista o contexto revolucionário que agitava o país, mormente a capital federal. Ainda assim, a *Gazeta de Notícias*⁵² trouxe a efígie e informes sobre o crime político, considerando que da sua administração haveria que se “por em relevo a sua correção e distinção absolutas”, com destaque para o “garbo e brilhantismo” que fora executada, estabelecendo detalhes sobre a mesma, bem como citando seus dados biográficos. Dizia ainda que tal homem público deixara “atrás de si gérmenes do partido que há de conservar e defender a sociedade e a civilização”. Considerava que, “contra os anarquistas tanto maior é a impotência dos governos, quanto menor for o número dos desalmados”, de modo que “só há um remédio contra eles, como contra todo o mal”, ou seja, “não ter medo de morrer” e tal “medo Carnot certamente não o tinha”. Ainda sobre o tema, a publicação carioca apresentou informes sobre o sucessor de Carnot, Casimir Perier, publicando igualmente o seu retrato⁵³.

⁵² Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁵³ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 26 jun. 1894 e 28 jun. 1894.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Quanto ao regicídio de Humberto I, o *Jornal do Brasil*⁵⁴ sustentava que “a Itália foi ferida profunda e dolorosamente com a morte do rei, mais uma vítima da hidra terrível do anarquismo que, dia a dia, alça mais arrogante o colo, ameaçando avassalar o mundo”. Lembrava que outros chefes de Estado haviam caído “pela mão certa do anarquista”, sendo “eliminados pelos mesmos que fizeram a jura tenebrosa de convulsionar os Estados e destruir a paz”. Além de breve biografia acerca do soberano assassinado, o periódico trazia detalhes “sobre o lutuoso acontecimento”, dando condolências ao ministro italiano no Rio de Janeiro e “à laboriosa colônia italiana pelo triste sucesso que tão profundamente veio feri-la”. Os informes a respeito do atentado eram encimados pelo retrato do monarca vitimado pelo assassinio⁵⁵.

⁵⁴ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁵⁵ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 30 jul. 1900.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Também sobre tal assassinato, *O País*⁵⁶ destacava que percorrera “o mundo civilizado a nova dolorosa e pungente” do regicídio, considerando que “tal notícia, tão profundamente triste quanto inesperada, não podia deixar de abalar intensamente não só a sociedade italiana, como toda a sociedade ocidental”. Descrevia que “Humberto I era um dos príncipes mais simpáticos do quadro dinástico europeu”, pertencendo “a uma família cujas tradições de cavalheirismo e de serviços à causa do liberalismo constitucional” eram “universalmente conhecidos”. O jornal tecia uma imensa lista de elogios para com a figura do soberano morto, considerando-o como portador de “coração liberal”, pois, “embora exercesse com rigoroso escrúpulo as suas funções majestáticas, abria a alma aos impulsos mais generosos do amor, da fraternidade e da caridade”, com a realização de atos que “transpiram nobreza de alma e cavalheirismo”. Ao final, o periódico homenageava a colônia italiana, deixando “sobre o grande túmulo que se acaba de abrir a homenagem condolente, dirigindo os mais sinceros, os mais justos e profundos sentimentos de pesar”. A efígie de Humberto I era estampada pela folha carioca, segundo a qual “o pesar pela morte violenta do rei torna-se cada dia maior, à medida que a lutuosa notícia se espalha mais e leva ao lugares mais longínquos a certeza da desgraça que feriu a Itália”⁵⁷.

⁵⁶ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁵⁷ O PAÍS. Rio de Janeiro, 31 jul. 1900 e 2 ago. 1900.



Uma das mais importantes publicações de seu gênero foi a *Revista da Semana*, que surgiu no Rio de Janeiro em maio de 1908, passando a constituir “suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*”, até 1915. Enquanto várias edições do mesmo gênero tiveram vida fugaz, ela permaneceu relevante até o ano de 1959. Ao desvincular-se do *Jornal do Brasil*, dedicou-se às atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações de alguns dos principais artistas de então. Viria a tornar-se mais elegante e feminina, com transformações em sua feição, superando alguns dos periódicos seus contemporâneos e disputando com outros as preferências do público da época⁵⁸. Tinha como um de seus maiores recursos as presenças iconográficas, com a utilização em larga escala das fotografias, das vistas instantâneas, dos desenhos e das caricaturas.

Tal magazine estampou em sua capa os retratos da “Família Real de Itália” e, em outra edição, trouxe uma caricatura de Humberto I publicada por um jornal estadunidense. Com comiseração, o periódico dizia que o soberano exatamente porque “nasceu rei”, ou seja, “trazendo esse destino terrível”, de “governar, por toda a sua vida, uma nação do ocidente”; passando a existência toda a tratar com políticos”; vivendo “fora do mundo, na atmosfera das camarilhas, no círculo de uma corte, no convívio dos diplomatas”; vindo a ser “ainda o escolhido para a expiação de um crime que pertence a uma classe inteira”. Nesse sentido, argumentava que “não há maior contrassenso que este de assassinar um homem porque a fatalidade o colocou à testa de um governo”,

⁵⁸ SODRÉ, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

já que “toda a trupe que compõe o Estado bem pouco culpa tem dessas injustiças que nos assolam”, de maneira que “são vítimas como nós outros”, não passando “de uma grande estupidez e crueldade matá-los, lastimáveis e desarrazoadas”. Ao final questionava os motivos de matar o monarca, uma vez que “a bala que o prostrou feriu apenas o homem”, ao passo que “a injustiça permanece”⁵⁹.

⁵⁹ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 5 ago. 1900 e 12 ago. 1900.



O retrato, que hoje publicamos, do Rei Humberto, é copiado do jornal norte-americano *Puck*. Pareceu-nos curioso que, justamente quando o anarchista Bresci partia dos Estados-Unidos para ir executar o seu plano sinistro, jornaes de lá se divertissem a publicar caricaturas do desditoso e illustre monarcha italiano.

No Rio de Janeiro, de 1895 a 1903, foi publicada uma das mais relevantes publicações humorísticas brasileiras, intitulada *Dom Quixote*. Sob a inspiração de Miguel de Cervantes, a redação do novo semanário enfatizava que era universalmente conhecida a “obra monumental” deste autor, de modo que se considerava dispensada de dizer o que foi “o herói famoso”, cujo nome aparecia no cabeçalho da publicação. Ressaltava ainda que, paulatinamente, os leitores viriam a ter o ensejo de perceber que aquele *Dom Quixote*, “já pelo nome, já pelo seu caráter esquisito”, teria “muita afinidade e ate mesmo algum parentesco com o decantado e engenhoso fidalgo de La Mancha”. A folha apontava que, naquele fim de século “ainda se sofre muito, ainda se é vítima de um sem número de prejuízos morais e de inqualificáveis abusos, praticados quase sempre pelos fortes”, ou que assim supunham ser, “contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não têm consciência da sua força”. Ao embasar-se na obra do escritor espanhol, que lhe inspirara o título, o periódico se apresentava como resolvido e pronto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideal, sentindo-se representado pela inscrição “mais civilização, mais progresso, mais humanidade”. Com base nos dois personagens centrais do livro de Cervantes, a redação da revista foi representada tanto pelo D. Quixote quanto pelo seu “fiel escudeiro, o precioso Sancho Pança”, que acompanharia o primeiro, “indefectível, em toda a penosa jornada”, vindo a avisá-lo “de todos os perigos iminentes” e dando-lhe “sempre a nota realista, a nota prática, a nota filosófica dos acontecimentos”⁶⁰.

⁶⁰ DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro. 23 jan. 1895.

Tal revista ilustrada e humorística estampou o retrato do presidente americano Mackinley, considerando-o como “a última vítima dos infames atentados anarquistas”. Sobre o assassinato, destacava que “o último atentado dos anarquistas que, apesar de todas as providências, de todas as previsões, prosseguem a obra estúpida de destruição e massacre”, vitimara aquele “homem forte e lúcido, estadista patriota e enérgico”. Considerava-o como “uma figura grande, que pesava poderosamente na política do mundo”, tendo sido “a sua vida de trabalho e energia”, passando a discorrer a respeito de sua carreira militar e política. Apontava ainda que “as suas ideias concretas bem expostas convenciam os adversários, e as suas raras qualidades de prudência e energia o tornavam um chefe natural de grandes agremiações políticas e de partidos bem organizados”, bem como teria encarnado, “politicamente, um governo sábio e tolerante”⁶¹.

⁶¹ DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, 14 set. 1901 e 28 set. 1901.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO

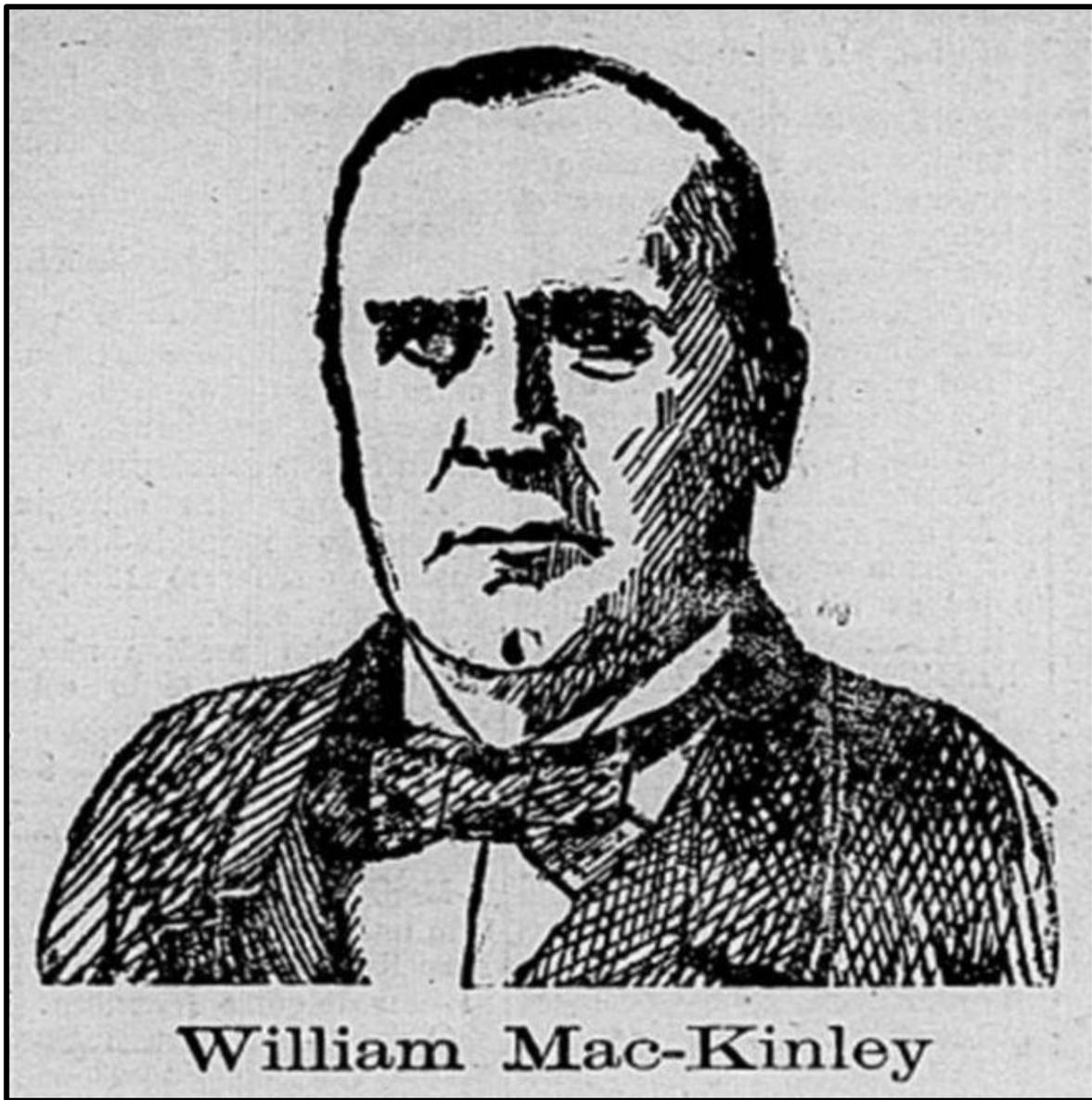


A respeito do assassinato de William Mackinley, o *Jornal do Brasil*⁶² publicou seu retrato e deu ênfase à biografia e à carreira política do presidente, considerando que tais descrições seriam “tudo para julgar o estadista”, destacando que o mesmo sustentara, “de boa fé, a política ultraprotecionista”, o que o teria tornado, “quase sem de tal aperceber-se, no defensor nato dos trustes e dos industriais riquíssimos, que, com a sua política, lucravam enormemente”, tanto que teriam apoiado suas candidaturas, alimentando “os cofres do partido para garantir a reeleição”. Apesar disso, o periódico argumentava que o governante “amou o seu país com devoção, servindo com a tenacidade da sua raça e toda a energia de seu temperamento de ferro”, o que não seria “lícito pôr em dúvida”, vindo a morrer “por ela”, o que “nem os próprios anarquistas contestam”⁶³.

⁶² Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁶³ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 14 set. 1901.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A respeito do mesmo tema, *O País*⁶⁴, publicando seu busto, noticiou que “o ilustre presidente Mackinley foi vítima de um atentado lamentável contra a sua existência”, ao ser atingido por duas balas. Descrevia que “o autor desse crime foi um seu concidadão, moço, de boa aparência, que, arditosamente, insinuando-se no meio da multidão, aproximou-se, desfechando-lhe vários tiros”, constituindo o acontecimento um “lamentável fato” que teria causado, “como era natural, funda impressão”. Apesar da esperança de que a vítima sobrevivesse, “com a sua robusta organização física e moral”, o periódico acabou por trazer a notícia da morte do governante, o qual teria se destacado “no cenário político universal, com ideias e aspirações próprias”, passando a publicação a discorrer sobre as ações públicas do morto, qualificadas como uma “política audaz e firme, criando para a sua pátria um prestígio excepcional entre as potências” e transformando-se em um “extraordinário vulto político”⁶⁵.

⁶⁴ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁶⁵ O PAÍS. Rio de Janeiro, 7 set. 1901 e 14 set. 1901.

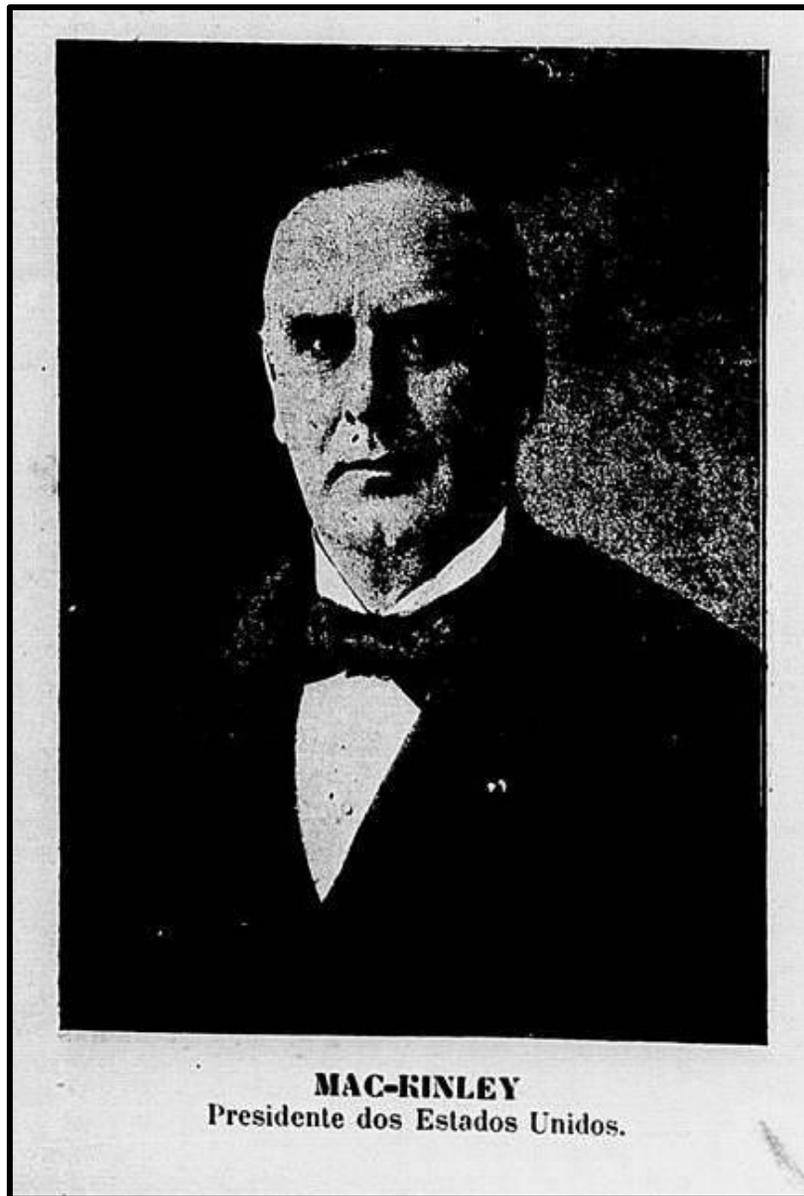
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Já a *Revista da Semana*, citada anteriormente, com sua predileção pelo conteúdo imagético, com destaque para “fotografias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas”, e textos normalmente mais sucintos e diretos, além de trazer um registro fotográfico do falecido, descrevia que, “mal decorrera um ano que a alucinação de Bresci arrebatara da vida o malgrado rei Humberto I, eis que, a 6 do corrente mês, em Búfalo, o presidente dos Estados Unidos William Mackinley”, quando “passeava pelo parque da Exposição Pan-Americana”, tornara-se “alvo para aumentar o número das vítimas do anarquismo”, tendo-lhe sido disparados, “à queima roupa, dois tiros de revólver”. Segundo a magazine ilustrada fluminense, tal “tentativa consternou não só a grande nação americana, como todo o mundo civilizado”⁶⁶.

⁶⁶ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 15 set. 1901.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Com a divulgação de fotografias de membros da Família Real e homens públicos gregos, o *Correio da Manhã*⁶⁷ noticiava o assassinato de Jorge I, vindo a opinar que “nada fazia acreditar pudesse isso acontecer”, tendo em vista a “brilhante” atuação dos helênicos nos conflitos bélicos balcânicos e a “simpatia que conseguira o rei captar do seu povo”. Destacava que o monarca subira “ao trono numa época anormalíssima, quando se via a Grécia quase a desaparecer do mapa da Europa, envolvida por uma luta interna formidável, que a ameaçava por todos os modos”, perante a qual o soberano soubera “equilibrar a situação, de sorte a fazer-se respeitoso pelos que passavam a ser por ele governados”. Explicitava ainda que “novamente a anarquia e a desordem voltaram a alastrar-se” na Grécia, promovendo o rei uma nova mudança ministerial, que teria trazido “uma era de prosperidade”. Perante tais circunstâncias, o jornal questionava – “quem podia, dados esses fatos, esperar pudesse ser assassinado o rei Jorge I?”, fazendo algumas suposições sobre as causas do regicídio, além de traçar breve biografia acerca do morto e referir-se ao seu sucessor⁶⁸.

⁶⁷ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁶⁸ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.

Trazendo registros fotográficos do rei e de seu sucessor, o *Correio Paulistano*⁶⁹ considerava que “o brutal atentado interrompe violentamente uma existência toda consagrada ao serviço do seu país”, pois, “ninguém fez mais pela Grécia, nestes últimos trinta anos, que o malogrado monarca morto”. Ainda sobre o soberano, demarcava que “à sua ação individual, e exclusivamente a ela, deve a nação helênica, profundamente desprestigiada”, ao final do século XIX, “as simpatias eficazes de que começava a gozar nas cortes e gabinetes europeus”. A folha opinava que “o atentado não trará consequências para a estabilidade das instituições monárquicas”, mas ainda quanto ao rei vítima do assassinio, demarcava que, “não obstante uma vida indefesamente dedicada à grandeza da Grécia, o rei Jorge era antipático à maioria da nação”, a qual “não lhe perdoou nunca o ser dinamarquês”, de modo que “o sentimento nacionalista grego, de natural tão excitável, e as traições dos chefes de governo, expondo o monarca a todas as antipatias e a todos os rancores partidários” teriam se combinado “para tornar possível o bárbaro crime”⁷⁰.

⁶⁹ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁷⁰ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 19 mar. 1913.

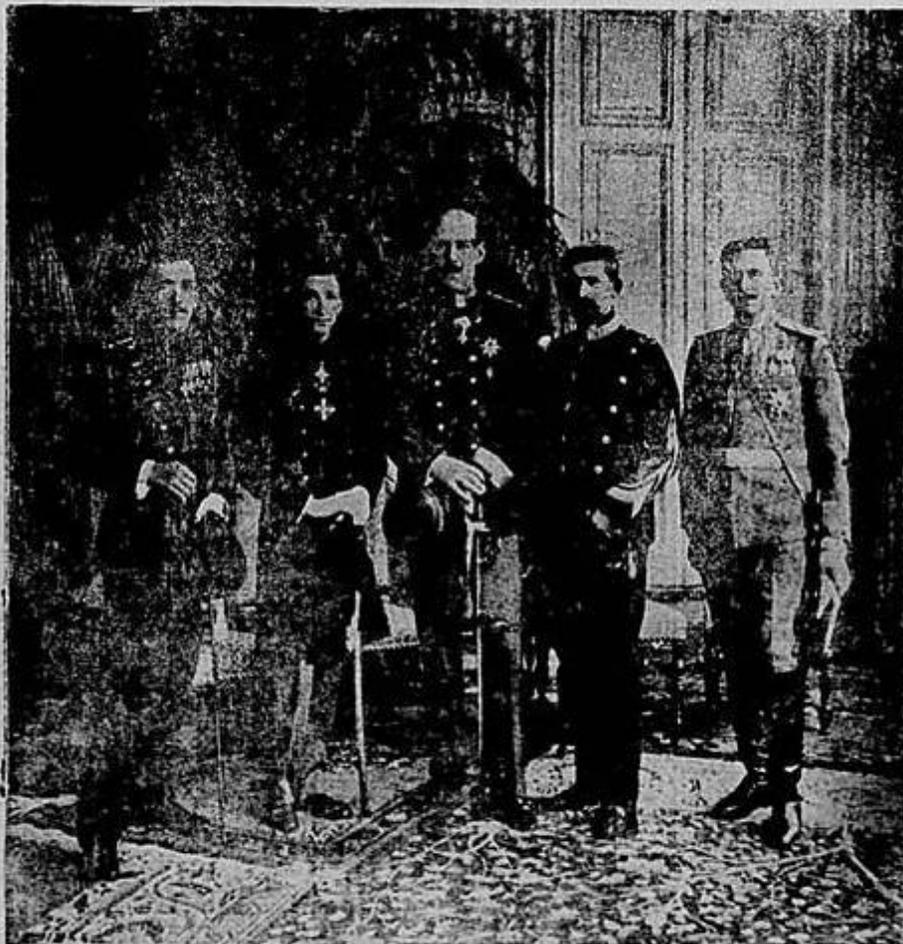
ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





**O rei Jorge passando revista às tropas que partiam
para a guerra**

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



O HERDEIRO DO TRONO DA GREGIA, PRINCEPE CONSTANTINO (o que está no centro), tendo á sua direita os príncipes Boris, da Bulgária, e Alexandre, da Sérvia; e, á sua esquerda, os príncipes Fernando, da Rumania, e Danilo, do Montenegro

Editada no Rio de Janeiro entre 1912 e 1919, *A Época* se anunciava como “um jornal moderno”, considerando que “os hábitos da nossa imprensa são puramente provincianos”, pois quem se dispusesse a comparar “os grandes jornais estrangeiros com os principais diários cariocas, notará como estamos ainda atrasados”, criticando cada uma das sessões e o estilo que comumente caracterizavam o periodismo do momento. Perante tal apreciação, dizia que “tudo isso deve ser banido do jornal, que, sob roupagens novas, quiser triunfar e conquistar a opinião”. Desse modo, propunha que “os assuntos banais devem ser tratados em poucas linhas, em termos muito resumidos, sem escândalo nem demasias”, devendo as atenções voltarem-se para os “problemas modernos” e os “assuntos palpitantes”, envolvendo a conjuntura nacional e internacional. Pretendia incluir em suas páginas fotografias de qualidade e estipulava que os jornais não “devem ser prolixos e exaustivos”, assim como os jornalistas não poderiam desprezar a atenção do “homem só e inteligente”, que “sabe dispor utilmente do seu tempo”. Almejava ainda em suas ações comportar “a vida febril jornalística contemporânea”, considerando-se como um “jornal independente, sem subordinação a partidos políticos”, voltando “todas as suas energias e esforços à obtenção de duas aspirações essenciais”, quer seja: “à grandeza, à influência, à absoluta independência do Brasil na política externa” e “à manutenção da *ordem material e jurídica* dentro das nossas fronteiras”, garantido ser uma publicação “ardentemente patriótica”⁷¹.

⁷¹ A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 31 jul. 1912.

Em referência ao regicídio grego, *A Época* publicou o retrato do morto e breve matéria segundo a qual acabara “de falecer o rei da Grécia, modelo de reis constitucionais, que, sendo de origem dinamarquesa, de tal maneira se identificou com o seu povo adotivo, que dir-se-ia um verdadeiro grego”. A administração do soberano era caracterizada como marcada pela “ponderação do seu espírito equilibrado, o prestígio da sua família” e “os benefícios das suas relações de sangue”. Identificando os caminhos pelo qual Jorge I chegara ao poder, o periódico considerava que ele “compreendeu a espinhosa missão e, lentamente, a pouco e pouco, foi preparando o seu povo para a fase heroica em que hoje se encontra”. Apontava que as alianças dinásticas do rei no contexto internacional teriam feito a Grécia compreender “o benefício do ‘estrangeiro’, como o chamavam”, vindo a considerá-lo “completamente nacionalizado”, de forma que “a sua dinastia arraigou-se na alma do povo”. Em conclusão, afirmava que o monarca assassinado “tinha uma alta compreensão da sua tarefa como soberano”⁷².

⁷² A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.



Na matéria sobre o “assassinato do rei da Grécia”, o *Jornal do Brasil*⁷³ colocava como um dos subtítulos as expressões “sua tolerância, sua conduta e seu rumo”, alocando registros iconográficos do soberano e de seu sucessor. Em relação ao ocorrido, o periódico declarava que, “nestes tempos de agitações sociais, as mais tempestuosas, de espírito subversivo, de intranquilidade e de doutrinas perigosíssimas”, não estariam a faltar “vontades para o regicídio, para os crimes os mais temíveis e nas mais tenebrosas circunstâncias”. Considerava que tais “delitos” encontravam, “em qualquer hipótese, a repulsa da alma contemporânea, a resistência do sentimento de civilização, como fatos opostos à cultura e incapazes da solução de dificuldades sociais de qualquer natureza”. Nesse sentido, demarcava que “o desaparecimento de Jorge I” corresponderia para “a Grécia a um grande motivo de pesar e de dor”, ainda mais levando em conta a “luta titânica” enfrentada pelo país, de modo que, “além da mágoa que produz, como violação do mais sagrado dos direitos e como manifestação delinquente contra um soberano”, seria “de natureza a causar os maiores embaraços à nação grega”. Dessa maneira, enfatizava que naquele momento de enfrentamento bélico, caía “pesadamente essa tarja, essa razão de tristeza, esse grande luto”, o qual viria a envolver “toda a pequenina, mas gloriosa terra, onde estão as bases mais robustas da civilização”. Em seguida, a publicação carioca passava a discorrer sobre as ações governativas do soberano assassinado⁷⁴.

⁷³ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁷⁴ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



⊙ **Rei Jorge e o Principe Real Constantino (Duque de Sparta) que deve ser agora elevado ao throno**

A gravura representa o infortunado Soberano grego entrando em Salonica juntamente com o Principe herdeiro, acompanhado de seus outros filhos e netos e seu Estado-Maior

Com o subtítulo “diário ilustrado do Rio de Janeiro”, *O Imparcial* foi publicado nessa cidade entre 1912 e 1942. Propunha-se a ser “feito pela independência e segurança, crédito e valia”. Como publicação ilustrada enfatizava que, para além do textual, pretendia trilhar um “novo formato jornalístico”, com a utilização das “câmaras escuras” e dos “engenhosos aparelhos, com a combinação dos quais a eletricidade, a fotografia e a gravura, associadas” trazem “na ilustração da folha uma galeria de imagens continuamente renovada”, de modo que as renovações tecnológicas agiam “em benefício da publicidades cotidiana, na síntese mais eloquente da civilização hodierna” servindo “a essa misteriosa força moral que a imprensa representa”. Buscava alocar-se entre “as folhas imparciais”, levando em conta que “imparcialidade não quer dizer neutralidade entre o crime e a lei”, bem como “não consiste na indiferença entre o bem e o mal, não significa despreocupação de ânimo entre perseguidores e perseguidos”. Considerava que “a verdade e a justiça não são partidos” e, ao “lutar por elas, ao contrário, é que a imparcialidade consiste, a única imparcialidade real, séria, sincera e sensata”. A redação afirmava ainda que “o público compreende, de instinto, a força de um jornal independente, servido por consciências livres”, constituindo essa a “força única” do periódico⁷⁵.

O Imparcial relevava a conduta governativa do rei assassinado, afirmando que o mesmo assumira um “país agitado”, com “a ordem profundamente alterada” e “restos de uma convulsão verdadeiramente

⁷⁵ O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, 13 ago. 1913.

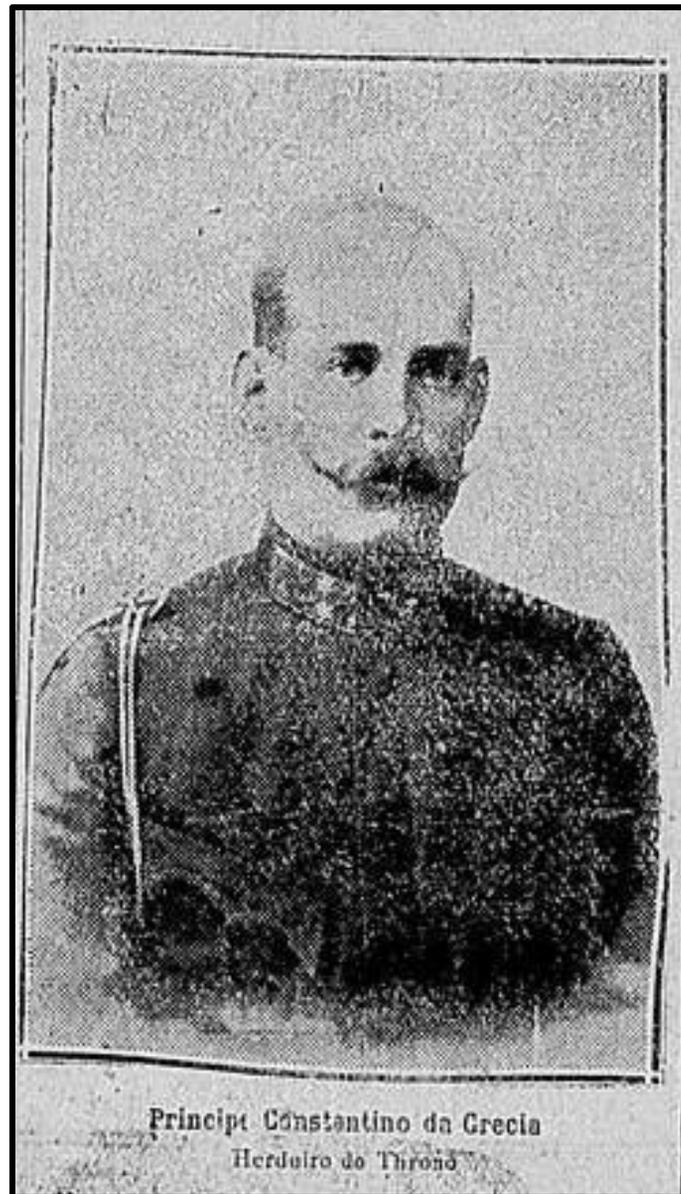
anárquica”, para, “depois de grandes esforços, em que revelou grande energia aliada à cordura, conseguiu serenar os ânimos, restabelecer a tranquilidade no reino e concluir a sua obra de pacificação”. Além do destaque às questões de natureza bélica e diplomática, que teriam sido alicerçadas pelo governante, o jornal atribuía ao rei “uma política ativíssima de melhoramentos, o que rapidamente incrementou a prosperidade do país”, estabelecendo-se uma época seguida por “um longo período de paz”, alternado por outro, “terrível, de perturbações da política internacional” e ainda outro, mais recente, no qual “foi normal a vida interna da Grécia”. Dados sobre o crime e a linha sucessória foram também incluídos na matéria, bem como fotografias de membros da Família Real e uma caricatura do rei falecido⁷⁶.

⁷⁶ O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Caricatura do Rei da Grécia

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A publicação carioca *A Noite* foi editada na capital brasileira entre 1911 e 1964. Seu surgimento adveio de uma dissidência formada por jornalistas no seio do periódico *Gazeta de Notícias*, que os levou a fundar *A Noite*, a qual, desde seus primeiros tempos definiu uma linha política oposicionista, colocando-se em franca postura crítica em relação à situação governista, à época representada pelo presidente Hermes da Fonseca. Nesse sentido, mesmo após as eleições presidenciais, a folha manteve-se fiel aos seguidores do civilismo, denunciando os desmandos administrativos e opondo-se ao seu conteúdo autoritário, posição que custaria caro ao jornal, que teve a sua circulação suspensa e seus diretores aprisionados. Tais ações coercitivas não foram o suficiente para dobrar o norte editorial do diário carioca, que permaneceu atuando como um órgão de oposição, mantendo tal posicionamento nos processos eleitorais que se seguiram, como foi o caso da Reação Republicana, colocando-se ao lado das dissidências oligárquicas oposicionistas aos candidatos apoiados pelo governo federal, o que lhe trouxe o enfrentamento de mais ações repressivas contra si. Nessa primeira fase, *A Noite* gozou de grande prestígio nos meios oposicionistas, aproximando-se das propostas levantadas pelos grupos urbanos e pelas oligarquias dissidentes que em alguns momentos questionavam as regras do jogo político⁷⁷.

Em manchete, *A Noite* anunciava que “o rei da Grécia cai morto vítima dos anarquistas”, mostrando registros fotográficos de Jorge I e de seu sucessor.

⁷⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Noite*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

A abordagem do jornal concentrou-se na descrição detalhada do momento do atentado, o qual era descrito em minúcias. Outra peculiaridade do enfoque foi uma referência ao assassino, apontado como “de nacionalidade grega”, sendo “um indivíduo de caráter sombrio, aparentando quarenta anos”, que teria se declarado “socialista” e que, “apesar da insistência das autoridades, recusou-se a confessar os motivos que o levaram a cometer o crime”. Ainda sobre tal indivíduo, a folha narrava que “durante todo o interrogatório, manteve-se numa atitude impassível, parecendo ser um irresponsável”. Parte significativa da cobertura destinou-se também à figura do “novo rei”, com destaque para o seu papel no campo militar⁷⁸.

⁷⁸ A NOITE. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.

O REI DA GRECIA

cae morto victima dos anarchistas

— 000 —
Os assassinos estão presos

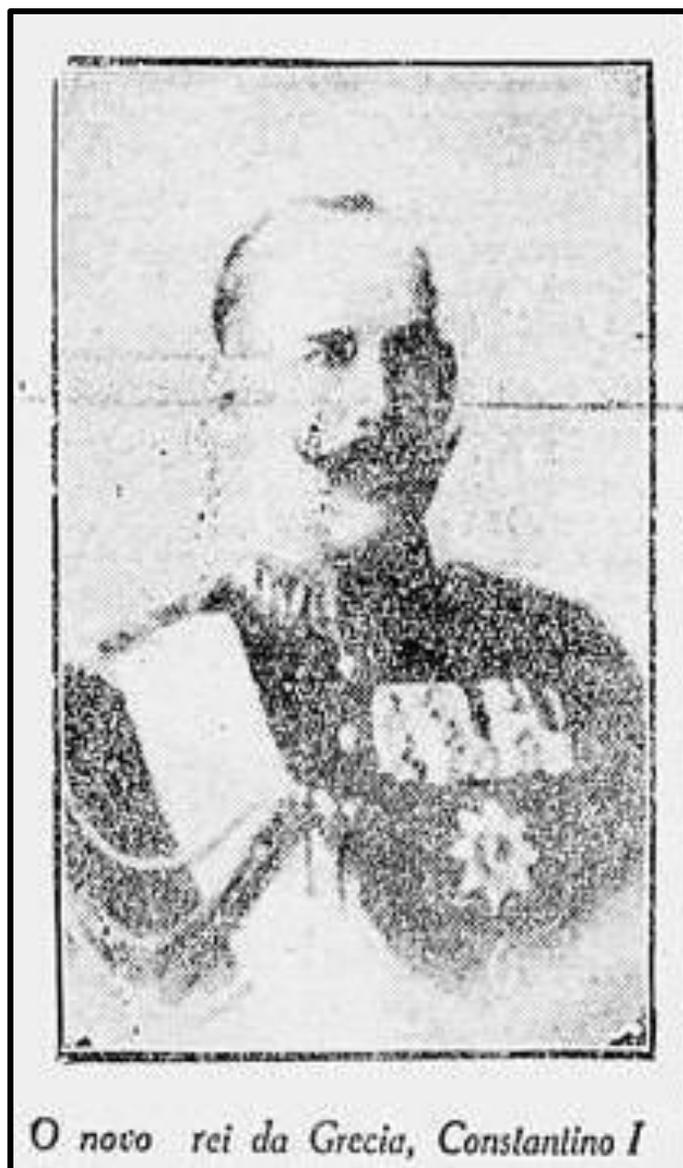
O NOVO REI CONSTANTINO I



O rei Jorge, entrando em Salonica, em 11 de novembro, depois da queda da cidade, acompanhado do então príncipe herdeiro e seguido dos seus outros filhos e netos e do seu estado-maior

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





Citando informações telegráficas, *O País*⁷⁹ apresentava aquele “crime, que retira do número dos vivos um soberano que, embora de origem estrangeira, soube fazer-se estimar pelo povo que governava e do qual agora se tornara quase um ídolo”, tendo em vista o “brilho que as vitórias do exército grego estavam dando ao seu reinado”. Considerava nessa linha que “o rei dos helenos morre no auge do prestígio”, passando a discorrer sobre a biografia e o governo do soberano falecido. Apontava ainda que Jorge I procurara “tornar-se popular, fazendo esquecer a sua origem estrangeira” e, “para isso, favoreceu as aspirações pan-helênicas de seus súditos”, como no caso do enfrentamento com a Turquia. Houve também referência às “vitórias que conquistavam os exércitos” gregos em novo enfrentamento com os turcos, aparecendo também telegramas complementares a respeito do crime e uma fotografia do monarca vitimado pelo atentado⁸⁰.

⁷⁹ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁸⁰ O PAÍS. Rio de Janeiro, 19 mar. 1913.



Jorge I da Grecia

A *Careta* foi uma das mais importantes revistas ilustradas brasileiras, cujo fulcro editorial era concentrado em matérias noticiosas, mas também na abordagem crítica, satírica, humorística e caricatural. A sua criação voltou-se ao estabelecimento de “uma revista popular, atingindo um grande número de leitores, conforme o seu editorial de apresentação, que “ênfatiza a necessidade do ‘Público com P maiúsculo’ ou, por outras palavras, uma audiência de âmbito nacional”⁸¹. De acordo com o seu título, visava a trazer uma “série de *caretas*” para os seus leitores, a qual formava “um alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”. A redação da folha ênfaticava que, “sem falsa modéstia”, deveria ser o público a agradecer-lhe, por ter recebido “tantas *caretas* graciosas”⁸². Com abundante material iconográfico, mormente fotografias e caricaturas, a publicação apresentava crônicas do cotidiano brasileiro, notadamente o da Capital Federal, com destaque para os bailes, o carnaval, as praias, o futebol, e mesmo o conjunto da vida política e cultural do país.

A respeito da morte de Sidonio Paes, estampando fotografia de corpo inteiro do presidente luso assassinado, a *Careta* informava que, “pela segunda vez, à grande luz da idade contemporânea, a mão assassina da paixão política ensopa o solo glorioso de Portugal no derramado sangue de chefes de Estado demitidos à bala”. Lembrava do regicídio contra Carlos I, afirmando que “agora é

⁸¹ CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

⁸² CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.

o presidente Sidonio Paes o assassinado”, demarcando que “esse oficial do exército era um reputado professor de matemática e apareceu brusco, ocupando o primeiro posto do governo do seu país, mediante o golpe de Estado”. Demarcava que “os portugueses, como bons latinos, são partidários extremados”, entretanto, não seria “difícil encontrar entre os adversários do presidente assassinado quem lhe reconheça a intransigente honradez, a honesta firmeza, a vontade de acertar e um grande desprendimento diante do perigo”. Em arremate, a folha expressava sua lamentação pelo fato de “que se houvesse derramado, na terra dos nossos avós, o sangue desse português”⁸³.

⁸³ CARETA. Rio de Janeiro, 21 dez. 1918.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Já referido anteriormente, o periódico *A Época* apresentou a manchete “Os ódios políticos em Portugal”, trazendo o retrato de Paes. Lembrava a frase expressa pelo presidente ao morrer, conclamando a salvação da pátria, vindo a constituir “um programa e um caráter”, sendo as “palavras de um estoico” e de “um espartano, dos de mais nobre e rija têmpera”. Desse modo, considerava que o chefe de Estado “morria no seu posto, e o que, nessa hora trágica, lhe dominava o espírito, não era a vida que ia perder, mas a pátria que era preciso salvar”, demarcando que “testamento mais conciso e mais eloquente nenhum outro estadista o ditou na hora última, e, no seu laconismo, essas palavras são mais do que bastante para explicarem a retidão das intenções” e também “a dignidade da orientação política, a nobreza dos pontos de vista, a energia máscula, a eficiência da obra libertadora, que foi o objetivo, a ação, o ideal, que encheu o último quartel da vida do homem”, o qual “tão abnegadamente a sacrificou em holocausto à pátria”. Referia-se à “tragédia a que Lisboa acaba de assistir e que tão profunda e dolorosa sensação despertou, não só em Portugal, mas em todos os países cultos, e muito especialmente na colônia portuguesa”, de modo que teria pungido “por igual o coração brasileiro e o português, agora identificados na mesma dor e no mesmo luto”. A matéria continuava em tom panegírico, enaltecendo os atos governativos do presidente morto, mormente no que tange à assistência aos desvalidos, de modo que “os mandantes” do crime “não podiam conformar-se com esta superioridade, com este núcleo de qualidades, que o tornavam “um adversário indomável e temível”⁸⁴.

⁸⁴ A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 16 dez. 1918.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



A revista *Fon-Fon*, publicada no Rio de Janeiro entre 1907 e 1958, constituiu uma das mais tradicionais e longevas, apresentando-se em seu cabeçalho inaugural como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, além de identificar-se como um periódico “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”. O título da publicação era referência a uma sirene, que seria apertada diante do debate dos diferenciados temas. Nesse sentido, dizia que, “para os graves problemas da vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos princípios sociais”, apertaria a sirene. Na mesma linha, destacava que “se a coisa for grave demais, com feições de filosofia, com dogmas de ensinamento, aperta-se demoradamente a sirene, e ela responderá por nós, profunda e lamentosamente: *fon-fon*”⁸⁵.

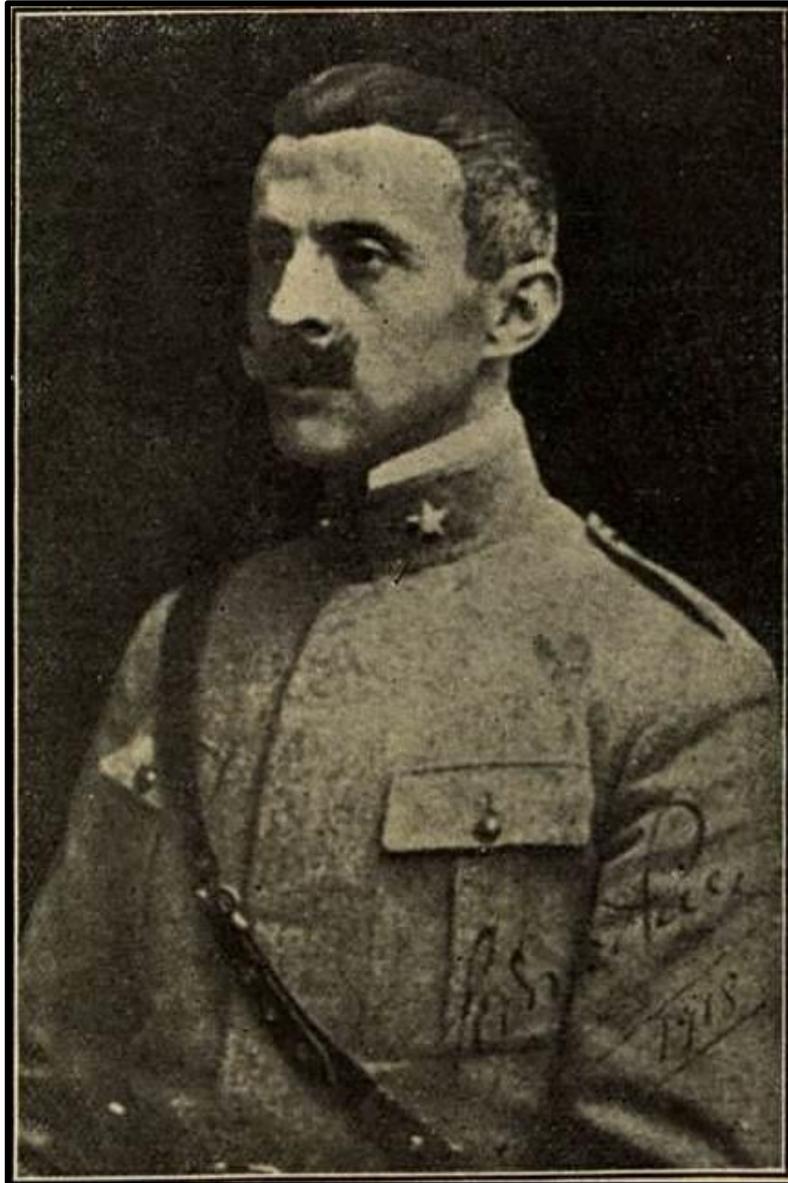
Além do retrato do presidente português, *Fon-Fon* trouxe fotografias de solenidades em Lisboa, nas quais participara Sidonio Paes, bem como mostrou as exéquias e o cortejo fúnebre do governante assassinado. A respeito do atentado, o periódico afirmava que, “ligados a Portugal pelos laços mais íntimos e fraternais de uma velha amizade e da mais pura aliança de sangue”, seria “impossível dissimular a mágoa que nos causa o estado de coisas em que vive, de algum tempo a esta parte, o povo irmão de além-mar”. Declarava que não pretendia imiscuir-se na “política interna” lusa, argumentando que não lhe

⁸⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

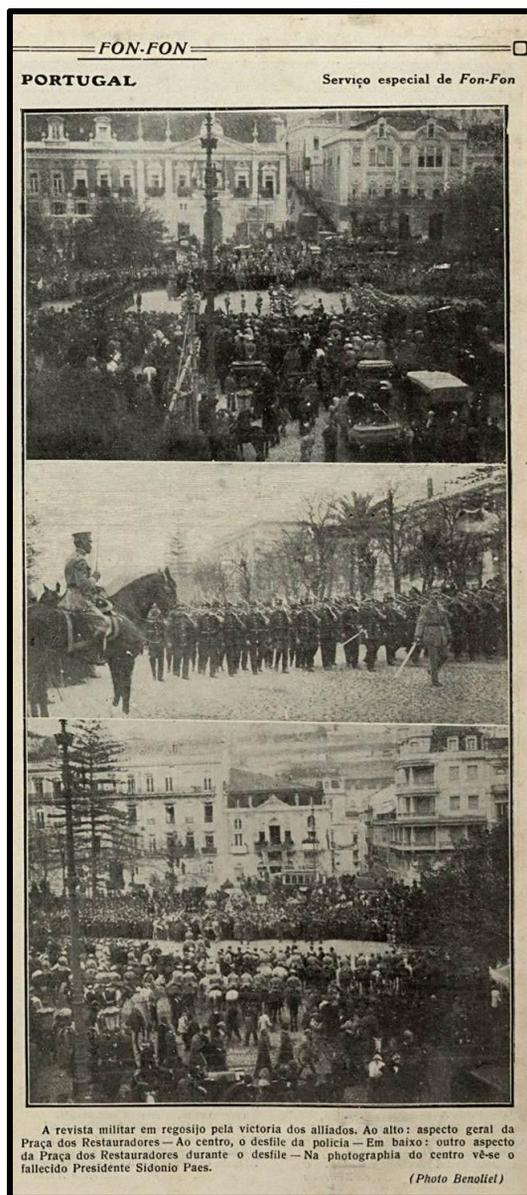
cabia criticar, mas destacava os “graves acontecimentos” que marcavam “um longo hiato na normalidade da sua vida”. Enfatizava que os brasileiros também se sentiam atingidos pelo “desenlace triste do assassinato” de Sidonio Paes, de modo que não se tornaria “possível reprimir a mágoa” experimentada, diante do “atentado que eliminou do cenário da vida pública portuguesa, um dos vultos mais apaixonados pela grandeza da sua pátria, homem culto e enérgico”, que buscava “a bem-aventurança para o seu povo e uma glória ainda maior para o seu país”, deixando para “a mocidade portuguesa a mais linda herança do seu sonho patriótico”. Ressaltava ainda “o que havia de nobre e de patriótico na vontade enérgica” do falecido, e também “a sua preocupação exclusiva, a ideia que dominava em todos os seus atos, a força que o conduzia através de perigos e desilusões, em busca do bem da pátria”⁸⁶.

⁸⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 21 dez. 1918.

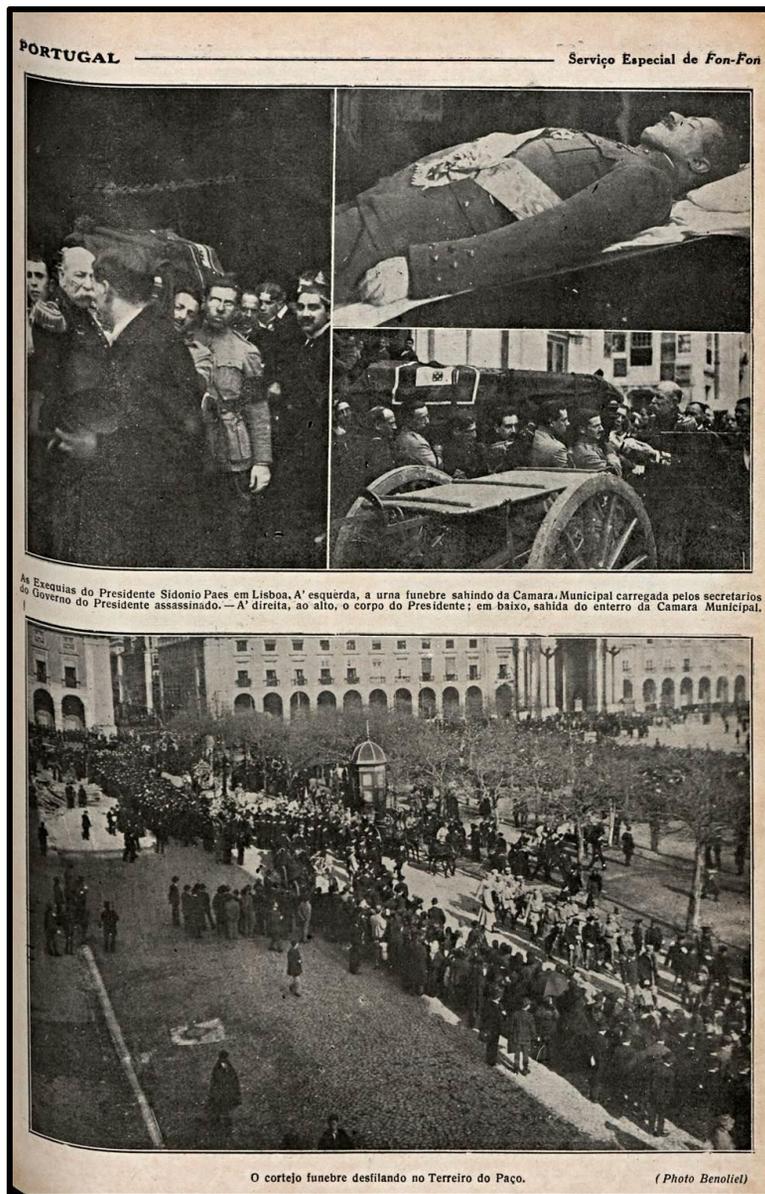
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Com a manchete “Mais um chefe de Estado vítima da covardia dos assassinos”, o *Jornal do Brasil*⁸⁷ estampou a fotografia do presidente Sidonio Paes, noticiando que o mesmo fora “morto à bala”, trazendo registros também da ação desse homem de Estado, bem como de seu sucessor e do líder político Magalhães Lima. O periódico se referia ao impacto que o assassinato causara junto à “opinião brasileira”, ainda mais nas “condições de covardia pouco vulgares”, considerando que “o monstruoso crime” seria “uma consequência das exaltações políticas, que têm vindo a trabalhar a sociedade portuguesa nos seus grupos mais apaixonados e menos tolerantes”. Opinava que “Sidonio Paes era o fundador no seu país de um novo estado de coisas, em oposição aos processos que foram proscritos pela última revolução vitoriosa”, de modo que, “para chegar a esse resultado, o enérgico homem público teve de se tornar o centro de convergência de ódios”. Também demarcava que “a violenta supressão” do político não poderia “avultar se não como uma prática revoltante, abominável sob todos os pontos de vista”, já que “o regime do assassinato político nunca redimia uma sociedade”, nem poderia “elevar no conceito público quem dele faz o seu meio habitual de galgar posições ou tomar as rédeas do poder”. A publicação dizia colocar-se ao lado dos brasileiros, lamentando e condenando “a infâmia desse golpe vibrado contra o chefe da nação portuguesa”⁸⁸.

⁸⁷ Breve histórico do periódico apresentado no primeiro capítulo deste livro.

⁸⁸ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 16 dez. 1918.



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Ministro da Marinha e actual chefe do governo portuguez



ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Outra das publicações que esteve entre as principais revistas brasileiras foi *O Malho*, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1953, que trouxe uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentou significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. De acordo com seu título, pretendia “malhar” a sociedade, no sentido de, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação. Contou com a colaboração textual e iconográfica de alguns dos principais intelectuais e artistas brasileiros da época⁸⁹. A partir de suas páginas, a representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões⁹⁰, atingindo um significado profundamente popular⁹¹, ao levar para o homem da rua o espetáculo dos figurões e aquilo que o povo imaginava sobre as figuras da politicagem nacional⁹².

Tal revista ilustrada e humorística apresentou registros imagéticos de Paes, de seu sucessor e de detalhes das exéquias do presidente assassinado. O crime foi considerado como um “caso trágico” cometido contra “um homem com todas as qualidades de estadista, capaz de um governo forte e de levar a cabo o congoçamento de todos os elementos a que não faltasse o verdadeiro

⁸⁹ SODRÉ, 2007. p. 301.

⁹⁰ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

⁹¹ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

⁹² LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

patriotismo”. Eram enfatizados também o seu “sólido preparo intelectual” e a sua “probidade inconcussa, de sorte que a notícia da sua morte violenta causou – não há dúvida alguma – a mais profunda e sincera impressão”. Acusava os perpetradores do atentado, como “elementos sanguinários”, que estariam “deliberados a transformar o nobre Portugal no caos em que se afundou a Rússia infeliz”. Considerava que fora sentido “duplamente o peso de tal desgraça”, que caíra “sobre a república irmã”, tendo em vista o “horror que a todas as consciências honestas causa o assassinato político e pela desgraçada oportunidade em que foi cometido o hediondo crime”. Realçava “um elemento de ordem e patriotismo”, nos estertores da vítima, ao expressar sua última fala, propondo que todos salvassem a pátria, voltada “a inspirar a fé”, de modo que “Paes morreu no seu posto, como um militar brioso e honrado”. Demarcava ainda a “monstruosa barbárie de um crime político”, a qual se juntava “a esperança da continuação do engrandecimento em que marchava seguramente a linda pátria de nossos avós”⁹³.

⁹³ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 dez. 1918 e 1º fev. 1919.



DR. SIDONIO PAES

assassinado em Lisboa, na madrugada do dia
15 de Dezembro

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



O MALHO

As Exequias de Sidonio Paes



I) Um aspecto da
matriz da Cande-
laria, no dia das ex-
equias por alma do
Dr. Sidonio Paes,
presidente da Republi-
ca Portuguesa, man-
dadas celebrar pelo
Comitê Pró-Patria e
assistidas tambem
pelo presidente da
Republica Brasileira.
II) Formatura das
forças do Exercito e
da Marinha, que
prestaram honras
funebres.

Também pertencente ao gênero das revistas, foi editada na cidade de São Paulo, entre 1903 e 1924, a *Vida Paulista*. Ao longo de sua existência, teve várias interrupções em sua circulação, bem como inaugurou novas fases, correspondendo a certas modificações menos ou mais acentuadas em sua estrutura editorial e/ou gráfica. Tal publicação caracterizou-se pela pluralidade em suas tendências gráficas⁹⁴, notadamente em sua composição iconográfica na qual mesclava fotografias e caricaturas. Em seu frontispício apresentou-se como “semanário ilustrado”, chegando a propor como temáticas centrais “humorismo, crítica e arte”, anunciando que possuía “grande circulação em todo o Estado”. Posteriormente, chegou a identificar-se, por curto período, como “publicação semanal ilustrada de *A Notícia*”. Declarava ainda que tinha um “programa de órgão crítico” e “independente”⁹⁵.

Essa magazine paulistana estampou o retrato de Sidonio Paes e os registros de suas exéquias, informando que “os jornais afixaram cartazes”, com a “notícia verdadeiramente sensacional” de que o presidente luso fora “traíçoeiramente assassinado”. Apontava que “faz pena, não há dúvida, ver um homem forte, jovem, viril, culto e de talento cair assim tão estupidamente”, tendo sido isso o “que impressionou o nosso povo, incontestavelmente sentimental”. Tecia considerações sobre a situação política lusitana, desde a implantação da nova forma de governo, referindo-se à oposição entre “o

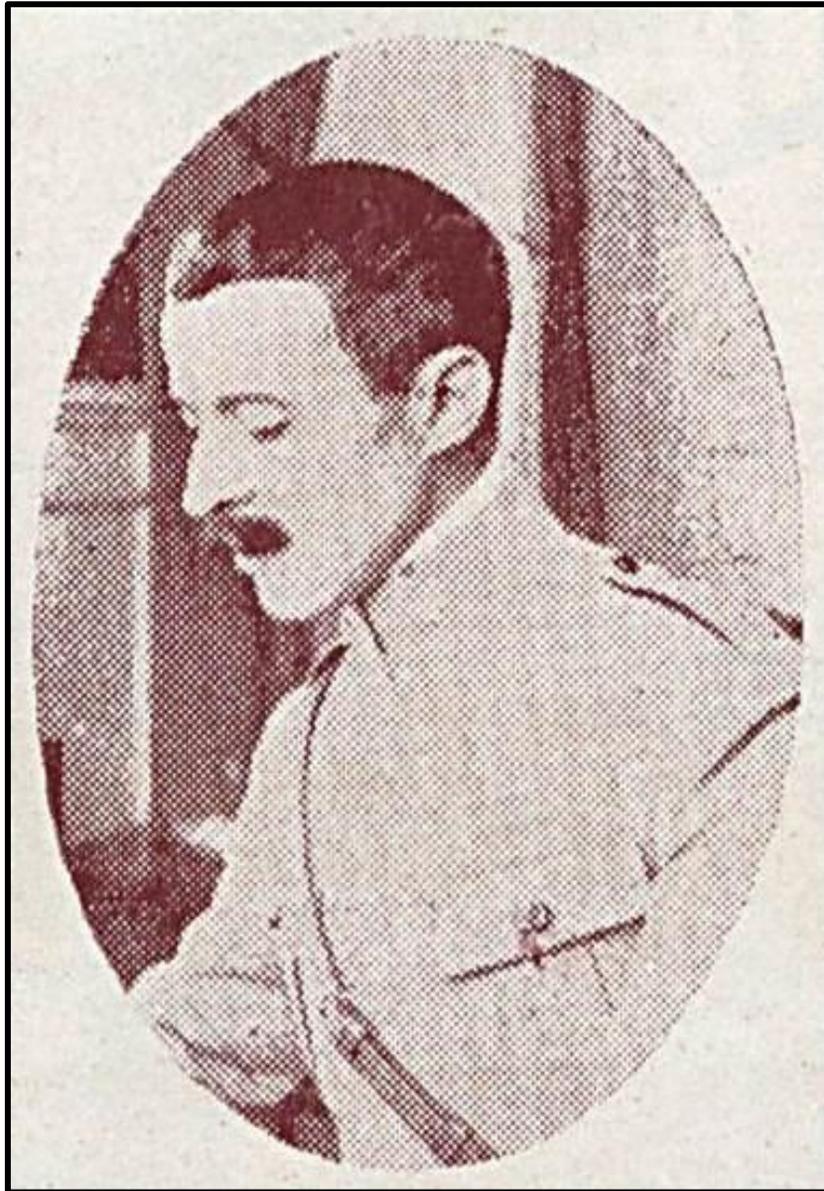
⁹⁴ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p. 492.

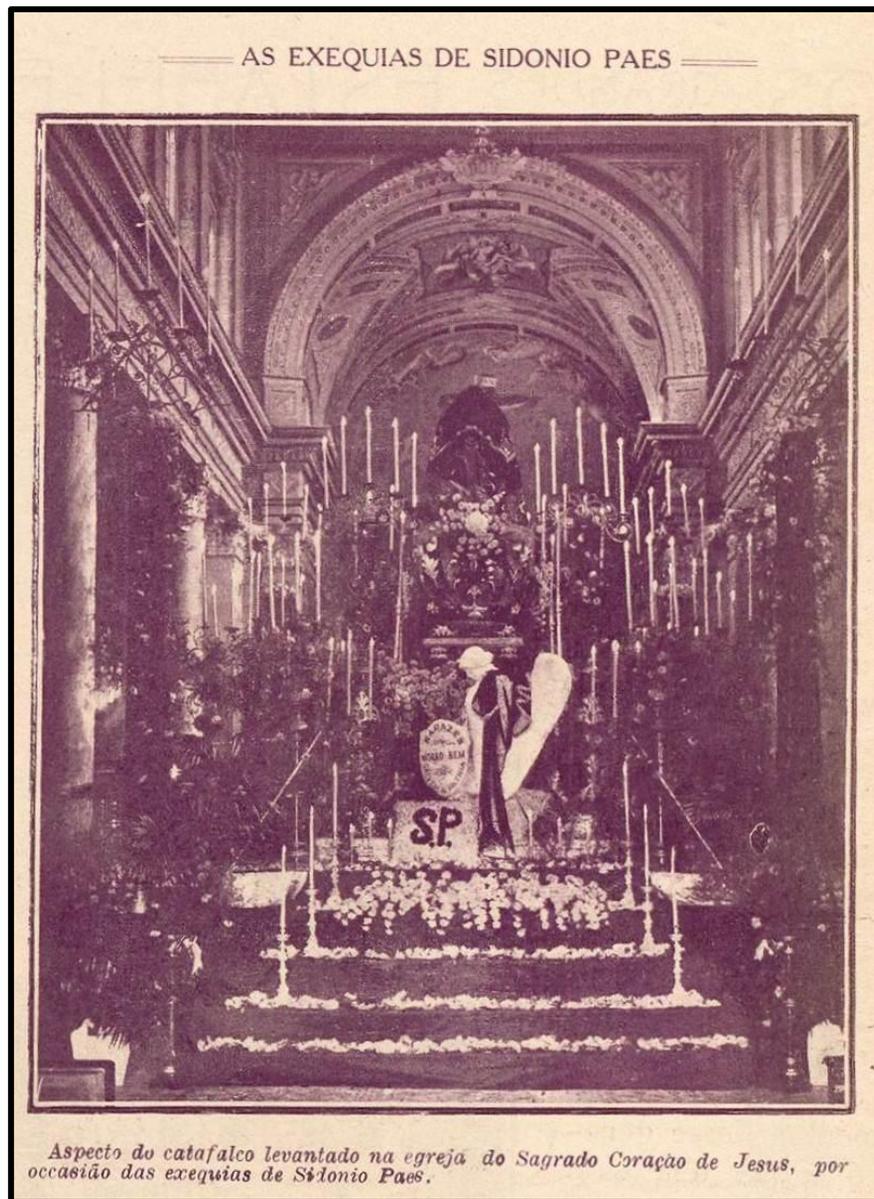
⁹⁵ VIDA PAULISTA. São Paulo, 12-13 nov. 1904.

conservadorismo” e “o radicalismo”, e à presença da “demagogia”, que “praticou excessos e enveredou, em certa ocasião, pelo caminho perigoso da brutalidade”. Especificava que de ambos os lados havia “homens de coragem e de preparo, e não se sabe quando aparecerá um que levante a nação”. Apontava ainda que, “enquanto perdurar o antagonismo na família portuguesa, a revolução, o assassinato, as prisões, o exílio serão a norma da vida política da nobre nação”⁹⁶.

⁹⁶ A VIDA MODERNA. São Paulo, 28 dez. 1918 e 28 jan. 1919.

ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO





ATENTADOS CONTRA GOVERNANTES E IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA:
ESTUDOS DE CASO



Tais jornais e revistas brasileiras utilizaram-se dos recursos textuais e imagéticos para divulgar alguns dos principais crimes políticos ocorridos desde a década de 1860 até a de 1910. Em linhas gerais, os informes acerca dos assassinatos traziam consigo um caráter de nota fúnebre com caráter encomiástico, aparecendo na qualidade de um elogio fúnebre. A morte era assim apresentada em seu conteúdo de publicização e memorialístico, de maneira que a imprensa servia como veículo para valorizar a personalidade da vítima do atentado. Esses personagens eram recriados como espécies de “vultos históricos” e elencados como “grandes homens”, que seriam passíveis de um processo de heroificação. O uso de textos laudatórios e os registros iconográficos serviam a contento para permitir a cristalização de tais homens públicos em meio à mentalidade coletiva dos leitores. Havia ainda a intenção de parte dos periódicos em buscar realizar uma atividade pedagógica, no sentido da busca pela manutenção da estabilidade das instituições, a qual era propositalmente confundida com a manutenção do *status quo* e uma suposta necessidade de evitar a qualquer custo uma ruptura, em um quadro pelo qual regicídios ou assassinios de presidentes constituiriam verdadeira personalização desse tipo de risco.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786589 557746

ISBN: 978-65-89557-74-6